

Jariane Ribeiro



Conto de fadas
2022000 20

Solna
EDITORIAL



Jariane Ribeiro

Conto de Fadas às Avestas

Trilogia às avessas

Livro 1

EDIÇÃO DIGITAL

2015

Copyright 2015 Jariane Ribeiro.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução, total, ou parcial, do conteúdo sem prévia

Autorização por escrito da autora da obra.

Para minha mãe, que sempre me apoia.

Para Eykler, uma amiga muito querida que me incentivou em todos os momentos.

E para você, leitor, que está começando a ler esta história. Espero que descubra que o amor sempre te encontra, por mais que você fuja dele.

Prólogo

Sonhadora

Por: Karolayne Lancaster

Tudo o que me move são meus sonhos, a capacidade de acreditar que posso ser alguém diferente do que sou.

Tenho conhecimentos adquiridos através de longas viagens imaginárias. Conheci a Estátua da Liberdade e viajei nas costas de Edward Cullen pelas florestas verdes demais de Forks, presenciei o surgimento de personagens de tinta e me emocionei com as mortes trágicas de alguns amigos que acreditei, teriam seu merecido final feliz.

Conheci o filho de Poseidon e me apaixonei gradativamente por ele. O aplaudi quando derrotou o poderoso titã e chorei quando seu final feliz acabou cedo demais, mas me apeguei às lembranças de nossos mergulhos no mar tão verde quanto seus olhos. Ainda lembro de que, quando ríamos, subiam pequenas bolhas que deixavam o fundo escuro do oceano para encontrar a clara e iluminada superfície.

Odiei Damon Salvatore. Tivemos uma relação de amor e ódio, o abandonei a própria sorte e me agarrei a seu irmão de olhos tão verdes quanto uma folha iluminada pelo sol — tenho fascínio por olhos verdes.

Deixei os vampiros e semideuses para trás e me apeguei a garotos imortais que podiam me presentear com o que eu quisesse, porém, rapidamente os abandonei, não querendo estragar sua procura por seus amores épicos.

E assim continuo minha estranha viagem, conhecendo todos os tipos de vilões e me apaixonando por suas poucas qualidades boas. Quando volto para o mundo real, sou Karolayne Lancaster, uma garota comum com sonhos altos demais, que voa sem carregar um paraquedas nas costas.

1- Cristal quebrado

Meus dedos estão dormentes devido ao aperto de aço de Bia e Manu. Estamos indo até o parque municipal, para elas brincarem ao ar livre. O sábado havia amanhecido ensolarado e uma leve brisa fazia com que meus cabelos voassem contra meu rosto.

— Bá... – Bia me olha com os olhinhos assustados. – O homem do saco não vai estar aqui, vai?

— Não. – Sorrio. – Quem te falou isso?

— Pedro. – Ah, só podia ser aquele idiota mesmo.

— É mentira, o homem do saco não existe – a tranquilizo.

Estendo uma toalha na grama, ainda molhada de orvalho, e sento. Entrego os brinquedos das gêmeas, que rapidamente pegam uma bola rosa e vão para o parquinho. Manu cuida de Bia, que é um pouco desastrada e eu sorrio quando ela pega a mão da irmã menor e a puxa para longe dos galhos secos, os adultos deveriam ser como as crianças.

Levanto da toalha e vou para mais perto das árvores, passando próxima de um casal que está se beijando. Tenho a impressão de conhecer o garoto, mas só quando ouço a risada bastante familiar é que volto para trás, e o que vejo, faz meu coração querer pular para fora do peito.

Henrique está sentado na grama com uma loira no colo, ambos sorriem. Chego mais perto e me escondo atrás de uma árvore, e o que ouço, faz meus olhos se encherem d'água:

— E sua namoradinha? – A loira faz um beicinho que logo Henrique desfaz, a beijando.

— Karolayne? – Ele afunda o rosto na base de seu pescoço.

— É, a menina.

Menina? Que idade ela achava que eu tinha? Dez anos?

— Karolayne é delicada demais, não é como você que sabe das coisas. Acredita que eu fui o primeiro cara que ela beijou?

— Sério?! – Ela faz uma cara de espanto e eu saio de trás da árvore, ficando a poucos passos deles.

— Aham... – Ele beija sua orelha e eu me seguro para não vomitar. Há quanto tempo ele vem fazendo isso comigo? Se eu sou só uma menina, por que ele está comigo?

— Por que está com ela Henri? – Henri? Que apelido mais ridículo.

— Como já disse: Karolayne é uma garota doce e delicada, e sua aparente fragilidade me atrai. Já você, é o olho do furacão.

As lágrimas quentes escorrem por meu rosto e, sem conseguir me conter, caminho e paro

na frente de Henrique, o encarando com ódio.

— Karolayne? – Ele derruba a loira, que cai na grama.

— Oi, Henrique. – Seco meu rosto com as costas da mão. – Foi bom saber o que você pensa de mim.

— Não é nada disso que você está pensando. – Ele se levanta. – Eu amo você Karly

— Não me chama de Karly! – grito com ódio. – E nunca mais chegue perto de mim. Pode ficar com sua loira furacão!

— Karolayne... – Ele me puxa e pega meu braço. – Deixa eu te explicar, ela é minha irmã.

— Irmã? – O sarcasmo toma conta de minha voz. – Eu vi tudo Henrique, não precisa mentir. Apesar de eu ser só uma menina, não sou cega. Agora me esquece.

— Karolayne! – Ele grita, mas eu não escuto, porque saio correndo e me jogo no balanço, perto de onde as gêmeas estão brincando com outra menininha.

Aperto as correntes, um pouco enferrujadas, esperando vir a crise de choro. Sei que isso vai acontecer, porque quando alguém me magoa eu choro igual ao um bebê.

Os minutos passam e meus olhos continuam secos, parece que meu coração é de cristal, frio e com pequenas rachaduras. Fico me balançando, esperando me desmanchar, mas isso não acontece.

As horas passam e as gêmeas cansam de brincar. Elas pegam em minhas mãos, dizendo que querem ir para casa. E assim o dia começa a passar mecanicamente. Não respondo às provocações de Pedro e continuo as atividades que normalmente faço.

Marta me liga logo após o banho das meninas. Ela pede para eu dormir ali hoje. Sua conferência duraria mais do que o previsto, aceito de bom grado.

Faço o jantar e, depois que as gêmeas comem, as mando escovar os dentes. Quando elas vão para a cama, eu sento no chão e começo a ler um livro de história infantil, elas adormecem antes de eu chegar ao final feliz, mas mesmo assim continuo lendo, até quando a Bela Adormecida é despertada por um beijo e se casa com o príncipe.

A tão esperada crise de choro vem e eu vou para a cozinha, onde engolindo em seco a abafo. Depois de deixar tudo brilhando saio da casa e me sento à beira da piscina, coloco os pés na água, e então não posso mais me controlar e o choro vem.

Neste momento, começo a odiar Henrique. Ele não pensou em mim, só nele, não se importou se sua traição me magoaria ou não. Mas é isso o que os garotos fazem, eles esquartejam nossos corações sem pensar.

Meus dedos tocam a fina corrente, que segura o minúsculo coração de cristal que

Henrique me presenteou quando fez um mês que estávamos namorando. Puxo-a com toda força e acabo arrebentando o fecho. Abro a mão e lá está o cristal, quando a luz o toca, ele fica colorido.

Com toda força, jogo a corrente longe. Ela cai no jardim e o único som que escuto é o farfalhar das folhas assim que o objeto as toca.

Tento reprimir o soluço que escapa de meu peito, mas é impossível, isso dói mais do que eu achava ser possível. Aquele crápula brincou comigo e achou que por eu ser ainda inexperiente, e nunca ter namorado ninguém, podia fazer o que quisesse que eu iria concordar.

Começo a odiar os livros de romance que li as pencas durante toda a adolescência. Eles me fizeram sonhar e acreditar que iria encontrar alguém que me amasse acima de tudo. Pego o exemplar de *crepúsculo*, que estava no bolso de minha calça jeans, e o jogo na piscina. Ele cai aberto e rapidamente a água começa a empapar as páginas.

Não me importo de destruir meu livro preferido, já relido tantas vezes. Foi por causa dele que acreditei que alguém me amaria a ponto de querer ficar comigo para sempre. Edward Cullen é uma fraude, uma combinação de garotos que nunca existirão, o garoto mais perto da realidade é Damon Salvatore, mas esse ainda tem um lado de príncipe que parece pouco provável. Acho que o único garoto que é verdadeiro é Pedro, que sempre fala que o único interesse dele é a pegação, que esse negócio de amor não existe, é coisa de livros.

Tiro as pernas da água e abraço os joelhos. Não fazia noção que ser traída, doía tanto. Quer dizer, eu acreditei que eu ser desse jeito tinha feito Henrique gostar de mim, e até joguei na cara de Pedro que meu namorado era diferente. Agora quando ele vier zoar comigo, vou concordar.

Prometo a mim mesma que nunca mais vou deixar alguém me magoar de novo. Posso estar sofrendo agora, pode doer muito além do que eu acreditava ser possível, mas uma hora isso vai passar e eu vou dar a volta por cima. Nunca mais garoto nenhum vai me magoar, nunca mais garoto nenhum vai brincar comigo.

Levanto e me viro, pronta para ir fazer alguma coisa que faça voltar o torpor. Tomo um susto ao ver Pedro, sentado na espreguiçadeira atrás de mim, e antes que eu pudesse impedir, as palavras saíram de minha boca:

— Você tem razão... — sou incapaz de esconder a amargura em minha voz — Ninguém ama ninguém, é só pegação mesmo. Livros de romances são idiotas e sem sentido, e suas únicas funções é nos fazer acreditar em algo que não existe.

Sinto uma lágrima escorrer por meu rosto e a vejo se perder no chão, fico de costas para ele e olho a lua. Está magnífica, e se fosse outro dia, eu ligaria para Henrique, para ele olhar a lua da casa dele enquanto eu a olho da minha, assim como John e Savannah, do livro de Nicholas Sparks. Rapidamente desvio os olhos, olhar a lua me traz lembranças e elas começaram a se tornar dolorosas

demais para suportar.

— Kerolayne... – Pedro fica na minha frente. – Você não deve prestar atenção em tudo o que eu digo.

Encaro aquele garoto de cabelos lisos e olhos verdes, como se o estivesse vendo pela primeira vez. Pedro não é alguém gentil, que trata alguém bem, eu nunca esperava que ele falasse algo assim. Ele é sempre cheio de razão.

— Você tem razão dessa vez – asseguro. – O amor é idiota e sem sentido.

— Ele te magoou, não foi – não era uma pergunta e eu faço um gesto afirmando.

— Você não deve perder a fé nas coisas que te fazem bem.

— Eu não posso perder o que já não tenho.

Saio da frente dele, deixando-o espantado. Meu livro virou uma papa molhada e eu o deixo lá, juntamente com meus sonhos românticos e meu coração, que ficou duro igual cristal. As pequenas fissuras cada vez mais escuras ao invés de coloridas refletindo um mix de cores.

A Karolayne que Henrique magoou se transformou em algo imutável. Naquele momento, percebi que algo dentro de mim tinha se modificado, comecei a me recusar a sentir.

2- Adormecida

Marta chegou domingo logo cedo. Não trocamos muitas palavras e eu, ainda naquele torpor, voltei para casa. Por ser cedo demais, todos ainda dormiam e eu fui direto para meu quarto, onde me enfiei embaixo das cobertas e cobri o rosto com o travesseiro.

Não percebi que tinha adormecido. Só percebi isso quando ouvi uma leve batida na porta. Tiro o travesseiro do rosto e sento na cama. Minha avó, Hortência, está me olhando. Seu vestido floral está amassado. Um avental verde-limão arremata sua produção.

— Karly – diz carinhosamente, sem ter noção que esse apelido inocente me machuca. – Acho que já está na hora de levantar. Já é quase meio dia, e sendo domingo, daqui a pouco seu namorado chega.

— Não tenho mais namorado vó – minha voz parece um miado, baixa e esganiçada.

— Não? – Senta na beira da minha cama e me olha, preocupada.

— Não. – Forço um sorriso sem muito sucesso. – Se importa se eu não quiser falar sobre isso?

— Claro que não Karly. – Afaga minha mão. – Quando estiver pronta, e se quiser, pode me contar o que aconteceu.

Ela sai de meu quarto, tão silenciosa quanto entrou. Uma das maiores qualidades de minha avó é a paciência, ela sabe esperar o tempo certo para você se abrir, diferente de minha mãe, que até ameaçaria chamar o FBI para saber o que aconteceu.

Passo o dia no meu quarto, sem falar com ninguém, não me sinto triste, e uma das coisas que me assustam é a ausência de sentimentos. É com enorme facilidade que tiro o dia de ontem de meus pensamentos, somente quando Ângela chega é que percebo que o que facilitou meu esquecimento foi o fato de eu ter passado quase o dia todo adormecida.

— Me conta AGORA o que aconteceu Karolayne Lancaster – exige Ângela, puxando as cobertas de meu rosto.

— Nada. – Cubro o rosto com o travesseiro, sentindo um buraco oco no meu peito.

— Como nada? – Puxa o travesseiro e o joga longe. – Ninguém passa o domingo inteiro na cama, em um quarto escuro. Não quando se tem um príncipe lindo, e tudo de bom, como namorado.

— Esse príncipe lindo e tudo de bom me traiu com uma loira furacão! – Sento na cama e abro os braços, resignada.

— Como assim traiu? – Uma expressão de dúvida surge em seu rosto. – Estamos falando de Henrique, o garoto que te presenteou com um cristal quando fizeram um mês de namoro. O mesmo

garoto que escolheu cursar jornalismo por sua causa.

Cruzo as pernas embaixo de mim e encaro Ângela, em busca do que falar e sentir. Me sinto como Elena Gilbert quando seu irmão morreu e ela desligou a humanidade. Eu não sinto e nada mais importa, e sei que uma parte minha também não vai voltar. Visualizo Elena deixando a casa em chamas, e a frase que diz ecoa em meus pensamentos:

“– Eu não vou voltar.”

— Sabe como eu me sinto? – Olho para Ângela.

— Não. – me encara preocupada.

— Igual à Elena no episódio dessa semana de The Vampire Diaries. Minha vontade é encontrar alguém igual a Damon, que possa de alguma forma me fazer esquecer. Porque o que mais dói, é saber que esse tempo todo eu só fui a menina ingênua que nunca tinha beijado ninguém antes. A menina que sonha em viver uma vida de contos de fadas e ser jornalista, quando na realidade mal tem dinheiro e é facilmente enganada.

— Ah, Karolayne! – Ela me abraça. – Ele destruiu seu pobre coração romântico e sonhador. Eu te falei, fique mais pé no chão, príncipes encantados não existem.

— Eu sei – Afasto-a e levanto da cama. – Só que algo dentro de mim mudou. Ângela, eu não sinto nada e realmente tenho medo de quando eu explodir, minha única certeza é a de que eu nunca mais quero me apaixonar por ninguém. O amor dói mais do que uma topada no dedão do pé em dia de frio.

Ângela começa a rir de minha frase e eu simplesmente a olho. Isso não deveria soar engraçado, porque é a mais pura verdade. Eu preferia ter arrancado minha unha do dedão a ter que enfrentar Henrique amanhã na aula, porque sei que talvez meus sentimentos saiam do torpor.

— Você ficaria muito chateada se eu te pedisse para ficar sozinha?

— Não. – Levanta da cama e me abraça mais uma vez. – Sabe que pode contar comigo pra tudo, não sabe? Se você quiser, amanhã eu dou um golpe de caratê nele.

— Não precisa, quem sabe outro dia.

Ângela percebe que nada vai me animar e sai. Olho no relógio de minha escrivaninha e vejo que já são oito horas da noite. Sem vontade nenhuma, abro meu guarda roupa e pego uma camisola de algodão azul, vou para o banho. Faço o que tenho de fazer mecanicamente. Penteio meus cabelos molhados, tirando o excesso de água com a toalha rosa felpuda, depois me enfio embaixo das cobertas e evito pensar. Coloco o fone em meu celular e deixo a playlist de minha série favorita tocando no volume máximo. E assim, com os ouvidos doendo devido à altura de algumas músicas, eu durmo.

3- Eu não vou voltar

Vou cedo para a casa das gêmeas. Não falo com ninguém. Ando as cinco quadras até a casa de Marta ouvindo as mesmas músicas do dia anterior, no último volume.

— Que bom que chegou cedo Karolayne. — Marta me entrega a lista das atividades das meninas. — Essa semana vai ser longa. Queria saber se poderia passar o fim de semana aqui, aquela conferência vai continuar e eu preciso estar presente. Pago hora extra.

— Tudo bem. — Dinheiro extra é sempre bem-vindo, principalmente com o monte de coisas que tenho para comprar. — Não vou ter nada para fazer mesmo.

— Espero que sua mãe e seu namorado não se importem. — Ela toma um gole de seu café fumegante, o que me faz lembrar de que minha última refeição foi no sábado.

— Não tenho mais namorado. — Algo dentro de mim machuca ao dizer isso. — E minha mãe vai estar ocupada esse fim de semana também.

— Ótimo. — Me avalia por um instante. — Espero que Pedro não tenha te importunado muito.

— Pedro não me incomoda. — Mentira, ele me tortura com suas piadas sem graça, apesar de estar certo em relação aos homens. — Todos os garotos são assim.

— Pedro já deveria ter amadurecido. — Ela lava a xícara. — Mas não o culpo, ele sente falta do pai. E, apesar de já ter vinte anos, isso ainda o magoa muito, embora não admita. Talvez vocês pudessem ser amigos.

— Claro, vou tentar me aproximar dele. — Outra mentira, já que eu não me aproximo de ninguém que tira fotos no espelho, segurando uma calcinha fio dental entre os dentes para colocar no Facebook.

Marta concorda e pega sua pasta preta de cima da bancada, saindo em seguida.

— Nem pense em fazer isso!

Viro-me e tomo um susto ao ver Pedro me encarando com cara de mau. Está vestindo bermuda verde, descalço, sem camisa e com os cabelos revoltos caindo no rosto.

— Não se preocupe. — Ergo as mãos em sinal de defesa. — Eu nunca me aproximaria de alguém como você. Pessoas que tiram fotos com calcinha entre os dentes não são legais.

— Você não existe mesmo, Bá. — Sorri de forma irônica ao me chamar do mesmo apelido que suas irmãs me chamam. — Quem não quer se aproximar de uma garota que sonha o impossível sou eu. Como você mesma notou, eu tinha razão a respeito de seu príncipe encantado.

Se ele tivesse me dado um soco bem forte, no meio da cara, não teria doido tanto. Ouvir essas palavras da boca desse garoto insuportável me fez perceber que minha crise de choro de

sábado não iria ser nada perto dessa que estava chegando.

— Você tinha razão – falo com voz esganiçada, me esforçando para manter a compostura. – Mas não precisa ficar jogando isso na minha cara a todo instante Pedro, isso não vai fazer você ser melhor e mais esperto que eu.

— Eu não quero ser mais que você em nada, Kerolayne – diz meu nome com sotaque americano, só para me irritar. – Só espero que tenha aprendido a deixar de ser tola. Eu não sei, e nem quero saber, o que seu belo príncipe fez com você, mas só de olhar para seus olhos assustados, e cheios de lágrimas, presumo que foi algo ruim. – Sorri novamente. – Agora entende quando eu falo que amor não é um sentimento, mas sim uma forma conveniente de se conquistar garotas ingênuas como você?

— Nossa! – Bato palmas, evitando tocar nas lágrimas que escorrem por meu rosto, não quero que ele pense que pode me fazer chorar. – Você é um espetáculo em questão de inteligência, por que não abandona a faculdade de direito e começa a estudar ciências políticas? Você daria um ótimo prefeito.

— Não quero entrar para esse ramo. – Pega uma lágrima em meus olhos. Dou um passo para trás, instintivamente. – Pretendo ser juiz. Quem sabe possa inventar uma lei que impeça garotas tolas de serem tão facilmente enganadas.

— Ou inventar uma que traga seu pai de volta, para te ensinar certas coisas! – grito, enfurecida, me arrependendo quando ele me olha magoado. – Me desculpa, eu não deveria ter falado isso.

— Você falou Kerolayne. – Seus olhos brilham de um jeito estranho. – Só não pense que fiquei magoado, eu tenho vinte anos e já sou um homem. Palavras enfurecidas de meninas despeitadas e pequenas demais não me ferem, só guarde suas explosões para seu namorado. Vai precisar, já que viviam grudados e estudam juntos ainda por cima.

— Pedro... – Ele não me deixa falar e sai da cozinha.

Sinto-me um monstro. Sei que isso o feriu, porque meu pai também me abandonou quando descobriu que minha mãe estava grávida. Teve medo da responsabilidade e fugiu, isso ainda me machuca muito.

Quando as gêmeas acordam, as levo para passear junto com Boboca, o Yorkshire que ambas ganharam de aniversário. Manu, espevitada como sempre, quase mata o bichinho, que grunhe para se libertar de suas pequenas mãozinhas traiçoeiras.

— Bá... – Bia puxa a manga de minha blusa. – Por que o Pedrinho está triste?

Olho para a menina pequena e de olhos muito verdes, que é quieta e muito esperta.

— Eu o magoei. Falei uma coisa muito ruim e ele ficou triste.

— Por quê?

— Porque alguém me magoou também e eu descontei nele. As pessoas grandes às vezes fazem coisas estúpidas demais Bia, elas não pensam nos sentimentos dos outros.

— Você vai pedir desculpa? – Seus olhos brilham de forma inocente e eu a pego no colo. Ela passa os pequenos bracinhos ao redor de meu pescoço e beija minha bochecha. – Pedrinho gosta de bolo de chocolate. Isso sempre deixa ele feliz.

— Vou fazer um bolo bem grande de chocolate. Você me ajuda?

— Uhum.

Manu faz uma careta quando vê que Bia está em meu colo. Assim como o irmão, ela adora me provocar, mas sei que do seu jeito, gosta de mim, já Bia é a criança mais adorável do mundo, desconfio que seja algum anjinho perdido que Deus enviou para aquela família.

Como o prometido, Bia me ajuda a preparar um bolo de chocolate, sobre o olhar reprovador de Nancy, que acha que invadimos sua cozinha. Ela também não resiste a Bia e faz uma generosa cobertura de brigadeiro lhe entregando a colher, que a menina leva a boca lambuzando todo o rosto.

Depois de limpar Bia e brincar com Manu de casinha, – ela ama a Barbie – o bolo fica pronto. Cansadas, ambas já estão dormindo, ficou pra mim a tarefa de enfrentar a fera sozinha.

Corto uma generosa fatia do bolo, que ficou bem macio, e encho um copo com suco de laranja bem gelado. Enquanto subo as escadas, tentando não tropeçar, agradeço mentalmente por ter esse trabalho que me ocupa, e não ter tempo de ficar pensando em Henrique e nas poucas horas que faltam para eu o enfrentar. Tomara que meus sentimentos continuem entorpecidos.

Bato na porta caramelo, com várias placas sinalizando perigo, com a ponta do pé. Pedro a abre e me encara espantado. Bia tem razão, ele parece triste e tudo por minha culpa.

— O que foi agora Kerolayne? – Percebo que está disposto a se vingar.

— Vim pedir desculpas. – Faço minha melhor expressão de arrependimento, com direito a beicinho, e lhe ofereço o bolo de chocolate. – E trazer bolo.

— Pode parar com essa carinha de cachorrinho, menina. – Uma ruga surge no meio de sua testa. – Eu não caio nessa, mas aceito o bolo.

— Isso quer dizer que estou desculpada? – Mostro o copo com suco de laranja.

— Você não tem que ser desculpada, menina. – Menina, simples palavra que me magoa. – Também aceito o suco.

— Eu não queria te magoar. – Engulo em seco, me sentindo má.

— Não sou como você menina. – Porque insiste em me chamar de menina? – Não me magoou com facilidade, além de não querer piorar seus sentimentos, vai ter de enfrentar seu príncipe

na aula. Eu queria muito ver sua cara. Só de falar nisso, você já cruza os braços como se isso fosse segurar o que está sentindo. Só vou te pedir uma coisa.

— O quê? – Aperto mais os braços contra o peito, pressentindo que será uma péssima noite.

— Não vá fazer um escândalo e começar a chorar como um bebê, deixe de ser a menininha. Isso só vai fazer com que mais garotos abusem de você.

— Garoto nenhum vai abusar de mim! – Elevo minha voz, que está esganiçada devido ao enorme nó em minha garganta. Percebo ser tarde demais para reprimir o choro, quando passo a ponta dos dedos em meu rosto e percebo a umidade. – E eu não sou uma menininha.

— É sim. – Coloca o bolo em cima da escrivaninha, cheia de livros, e toma um gole de suco, se encostando ao batente da porta. – Uma menina ingênua demais. Sério Kerolayne, sou mais velho e mais experiente que você. Garotos não gostam de meninas, garotos gostam de mulheres fortes e decididas.

— Eu sou uma mulher forte e decidida. – As lágrimas ainda escorrem por meu rosto. – E nem todos os garotos são como você Pedro.

— Você não é uma mulher, é uma menina. – Começa a rir. – E os garotos não são como eu, porque não sou um garoto, sou um homem.

— Você é um garoto irritante isso sim. Eu vim aqui, porque achei que tinha te magoado quando falei de seu pai. Sei que isso machuca porque meu pai me abandonou, mas percebo que você não pode se magoar porque não tem sentimentos. Você não precisava me magoar, eu já fui magoada o suficiente e em muito pouco tempo. – Meus lábios tremem e meu peito dói como se fosse se dividir em dois. – Só que eu vou mudar e ninguém nunca mais vai me chamar de menina, eu sou mais forte do que você e Henrique pensam. Eu sou capaz de lutar pelo que acredito, mesmo que isso me leve pra o caminho errado, eu sou capaz de...

Não consigo terminar de falar, porque começo a chorar como um bebê. Saio correndo, quase trombando com Marta no corredor. Nem vi o dia passar, e agora a hora de ir para a faculdade chegou. Entro na cozinha e Nancy me olha.

— O que aconteceu? – Me entrega um papel toalha.

— Nada. – Soluço. – Só queria saber o que tem de errado comigo.

Ela não responde, porque nesse instante ouvimos as vozes alteradas de Marta e Pedro.

— O que você fez pra menina sair chorando daquele jeito?

— Nada! – grita Pedro.

— Como nada? Ninguém sai chorando por nada, você vai pedir desculpas agora Pedro. Ela é uma ótima babá e suas irmãs gostam dela, não quero perder uma boa funcionária por seus

caprichos.

Olho para Nancy, que força um sorriso. Encosto a cabeça no tampo de granito da mesa, tentando respirar entre os soluços, me assustando com minha própria reação. Meu choro não é pelas palavras de Pedro, estou acostumada com suas grosserias, meu choro é por ter que encontrar Henrique.

— Eu não vou pedir desculpas! — grita Pedro alterado e ouço passos se aproximando. — Você deveria contratar alguém forte que não misturasse assuntos pessoais com trabalho.

Mais uma vez as palavras de Pedro me ferem. Num rompante levanto e me despeço de Nancy. Aceno para as gêmeas, que estão vendo seus habituais desenhos de fim de tarde, e me dirijo para a saída. Meu dia só vem piorando.

Quando estou prestes a sair, Marta segura minha mão.

— Perdoe meu filho Karolayne. — Ela me olha com pena. — Ele não pensa nos outros.

— Ele tem razão. — Respiro fundo. — Meus problemas pessoais não podem interferir no meu trabalho. Desculpe pelo transtorno.

— Você não deve pedir desculpa querida, quem te deve desculpas é, Pedro. — Olha furiosa atrás de mim e eu me viro, dando de cara com um nada feliz Pedro.

— Ele não tem que me pedir desculpas. — Meus lábios tremem.

— Agora, Pedro! — grita Marta.

— Desculpa menina — diz irritado.

— Tudo bem — sussurro e me viro para a porta. — Posso ir para casa?

— Claro. — Ela me abraça. — E se não estiver bem, não precisa vir amanhã.

— Eu vou estar.

Antes que ela proteste, eu saio correndo. Não paro de correr até chegar em casa, onde não falo com ninguém e vou para meu quarto. Nem vejo a roupa que estou vestindo. Pego minha bolsa, as chaves de minha moto e meu capacete com adesivos pretos, que dão um fundo joaninha fofo.

Desço as escadas correndo e saio do apartamento. Na garagem do prédio, coloco o capacete e subo em minha Biz vermelha — presente de minha avó por meus dezoito anos, juntamente com minha habilitação —, e acelero na pequena rampa, ignorando Ângela me acenando.

Enfrento o trânsito para entrar na faculdade com calma, qualquer coisa que protele meu encontro com Henrique ajuda. Quando finalmente acho uma vaga, me enrolo para sair da moto.

— Karolayne... — Henrique fica na frente de minha moto. Seu cabelo castanho está penteado para o lado com a ajuda de gel, sua camisa branca está amarrotada e a calça jeans preta está perfeita. — Precisamos conversar.

— Não temos nada para conversar. — Saio da moto, apoiando o capacete no banco. — Não tem mais nada entre a gente, terminamos.

— Você precisa me escutar. — Me segura pelos ombros, mas com um movimento brusco o afasto. Seus braços caem ao lado do corpo.

— Eu vi Henrique, não tem o que se ouvir ou explicar. Eu sou uma menina e você quer alguém mais experiente. — Sinto as lágrimas escorrerem por meu rosto e me viro, ficando de costas.

— Eu não quero mais ninguém que não seja você, Karly. — Ele me vira. — Eu te amo. Amo seu sorriso, seu jeito de falar meu nome e o modo calmo que me fala sobre seu livro preferido tentando de alguma maneira me convencer de que é uma ótima história.

— Se você me ama por que me traiu? E há quanto tempo vem fazendo isso?

— Eu não sei o que deu em mim. Lize é minha vizinha, saímos algumas vezes e aconteceu, mas não envolveu sentimentos. Eu amo você, só você e mais ninguém.

— Quem ama não trai; quem ama não magoa e...

Começo a chorar, tentando ignorar as pessoas me olhando. O torpor de meus sentimentos acabou, e meu coração está despedaçado. Agora entendo o que Bella sentiu quando Edward a abandonou. Entendo o que Mia sentiu quando descobriu sobre Michael e Judith, e se meu coração de cristal estivesse em meu pescoço, eu o atiraria na cara de Henrique da mesma forma que Mia atirou seu colar de floco de neve em Michael.

— Karly... — Ele tenta me abraçar, mas eu o afasto.

— Eu não quero mais você — sussurro. — Está tudo acabado, agora sai da minha frente! Me esquece!

— Karolayne...

— Sai! — Estou ficando histérica e atraindo muitos olhares.

— Deixa ela em paz Henrique. — Ângela chega não sei de onde, ficando na minha frente. Henrique, sem escolha, sai e Ângela me abraça. Eu desabo, chorando, sentindo emoções tão contraditórias que seria impossível descrevê-las.

— Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem — ela tenta me tranquilizar.

— Quero ir pra casa. — Seco o rosto com as costas da mão.

— Eu vou com você, quer que eu dirija?

— Você está sem capacete. — Lembro-a, já sentando na moto.

— É verdade — murmura. — Consegue ir sozinha?

— Preciso ficar sozinha. Qualquer hora nos falamos.

Coloco o capacete e ligo a moto, saindo com facilidade do estacionamento. Quando chego ao portão, quase bato em um Golf preto, não me importo, tudo o que quero é chegar em casa. E

é isso que faço. Quando entro em casa ignoro os olhares de Alan e Patrick, e as perguntas de minha avó e mãe.

Tranco a porta de meu quarto e volto a chorar. Sinto-me uma menina indefesa, perdida em uma floresta à espera do príncipe encantado. Só que invés do príncipe vem o lobo mau e arranca meu coração, jogando-o longe. Tão longe que ele se perde.

Num rompante me levanto e subo em cima da escrivaninha, alcançando a prateleira. Começo a jogar todos os meus livros no chão. Se Elena Gilbert tacou fogo em sua casa, para esquecer-se das lembranças, eu poderia jogar meus livros fora para parar de sonhar com coisas impossíveis, que só me fazem mal.

Quando os livros estão todos no chão, formando uma pilha disforme, eu me ajoelho e pego todos os que meus braços suportam, meio cambaleante vou para a sacada e os atiro do décimo andar, em segundos eles caem na calçada lá embaixo. Sem me importar, volto para o quarto e pego mais uma braçada, e repito o mesmo processo umas três vezes. Quando entro novamente resta um único livro, jogado e aberto, no chão.

Pego o exemplar de “O diário da Princesa” e começo a rasgar as páginas, enfurecida. Se eu não tivesse ganhado este livro, não começaria a me tornar uma romântica. Quando o chão está coberto de papel, vejo que só o que resta em minhas mãos é a capa rosa. Caio sentada.

Encolho-me, apoiando a cabeça nos joelhos. Nunca pensei que seria capaz de jogar meus livros pela janela, eles foram meus amigos e companheiros por tempo demais. Quando olhava furtivamente para Henrique nas aulas, era atrás de suas capas que me escondia. Quando estava triste, sempre tinha um trecho que me fazia sorrir, mas também foram eles que me fizeram acreditar no amor, me tornaram uma romântica que saía dançando quando Henrique me ligava.

Olho para minha cama e vejo meu bloco de anotações vindo de Paris, minha tia Beatrice me presenteou com ele quando descobriu minha paixão por livros. Nele estão marcados todos os trechos que achava bonito nos livros. Nunca tive coragem de riscar nenhuma página, por isso amei o presente.

Levanto e vou até minha cama, onde abro a pequena agenda de capa azul e folhas amareladas:

“Não é para ser assim? – Ele sorriu. – A glória do primeiro amor, essas coisas. É inacreditável, não é, a diferença entre ler sobre uma coisa, vê—la em fotos e experimentá—la?”

Edward Cullen (crepúsculo).

Meus olhos se enchem de lágrimas, porque assim como Edward, eu tinha lido mil vezes sobre um coração partido. Sabia descrever com perfeição o vazio que ficava no peito, mas hoje percebi que só sabemos como é sentir a dor da decepção quando nós mesmos a sentimos, quando é

nosso coração que é despedaçado e é na nossa cabeça a grande dúvida: o que tem de errado comigo?

Alguém esmurra a porta de meu quarto. Contrariada, tropeço até lá. Minha mãe me olha espantada, os lábios finos em uma linha rígida, os olhos tão cinzas quanto os meus, assustados.

— Karolayne... — Ela se aproxima. — O que está acontecendo?

— Nada. — Minto, secando os olhos. — Está tudo bem.

— Não está. — Me examina. — Você jogou seus livros pela janela, não come nada há dois dias e Henrique não para de ligar.

— Ele não para de ligar? — Mordo os lábios.

— Sim. Fica implorando para falar com você, dizendo que pode se explicar, que podem superar isso.

— Superar? — Elevo a voz. — Como superar uma traição?

— Ele traiu você?

— Uhum — resmungo. — Com uma loira. Os vi juntos no sábado.

— Ah, Karolayne. — Ela me abraça. — Sinto muito. Você é só uma menina, não está preparada para ter um coração partido.

— Por que todos insistem nisso? — Me afasto dela. — O que tem de errado comigo?

— Não tem nada de errado com você. — Ela entra em meu quarto. — Você é uma menina linda, inteligente, meiga e doce.

— O problema mãe — a encaro, sentindo uma dor em meu coração —, é que garotos não gostam de meninas, mas sim de mulheres fortes e decididas — palavras de Pedro.

— Não, Karolayne. Garotos gostam disso, mas homens gostam de uma mulher que é forte, e ao mesmo tempo tem o olhar doce e o sorriso inocente de uma menina.

— Se você sabe disso, por que meu pai não ficou com você? — Não escondo o rancor de minha voz. — Por que o pai de Alan e Patrick também foi embora?

— Porque — sento na minha cama e me puxa para seu lado —, seu pai era um imaturo filhinho da mamãe que não tinha a mínima vontade de enfrentar a vida. E quanto ao pai de seus irmãos, bem eu e ele ficamos dez anos juntos, mas as coisas se desgastam com o tempo. O amor não dura para sempre como acredita.

— Eu não acredito em mais nada. — Engasgo. — Não acredito mais em amor e fidelidade. Os livros são uma porta para a ilusão.

— Não são filha. — Ela pega em minha mão com carinho. — Eles são uma passagem para mundos tão infinitos quanto o universo. São nossos amigos. Nos confortam sem pedir nada em troca e nos mostram as infinitas possibilidades que temos de tentar.

— Eles só me fizeram mal, mãe. Eu confiei em Henrique e ele me trocou por outra. Eu

escutei o que conversavam, ele disse para ela que eu só era uma menina boba e inocente, enquanto ela era o olho do furacão.

— Henrique não te merece, Karolayne, e não acho que deve mudar por causa disso. Você tem que voltar a ser a menina alegre. Sei que o amor machuca, ninguém pode nos preparar para enfrentar esse tipo de dor, nem existe remédio para isso.

— Eu não vou voltar mãe. — Engulo em seco. — Vou mudar, nunca mais ninguém vai me enganar, e vou me vingar de Henrique. Ele vai se arrepender de me chamar de menina.

— Eu não posso te impedir disso, mas saiba que vou estar aqui para o que der e vier. Essa é a função das mães, estarem sempre de braços abertos para os filhos.

— Eu te amo mãe! — A abraço e isso só faz com que aquela dorzinha do peito aumente, se tornando um dor tão grande que tenho vontade de gritar.

— Também te amo Karly. — Ela beija minha testa. — Mas acho que deveria comer.

Faço um gesto afirmativo, afundando o rosto em seu ombro.

4-Irmãos da pesada

Minha mãe me puxa pela mão e eu a sigo até a cozinha. Alan e Patrick me encaram, é como ver dois pares de vasos. Os cabelos em estilo moicano estão espetados e o que os diferem são as roupas.

— Karolayne! – Alan se levanta gritando. – Quero saber o que aquele filho de uma capivara fez para você.

— Isso aí mano. Pergunta o que o cerejinha fez pra ela, porque quando eu ver aquele emo filho de um cereja pai, eu o mato.

— Meninos... – interfere minha avó, me chamando para sentar ao seu lado. – Deixem a irmã de você em paz.

— Não vamos deixar avó! – gritam juntos.

Não consigo me segurar e rio. Esses dois tem a capacidade de tirar a tristeza de qualquer um, nem gosto de pensar como seria minha vida sem eles para me azucrinarem o dia todo.

— Karolayne... – Alan me aponta a colher. – Fala pro papai aqui o que o cerejinha fez.

— Nada – minto, cortando o bife gigante que minha avó colocou em meu prato.

— Karolayne – Patrick franze os lábios. – Não minta para seu irmão. Você sabe que de qualquer maneira eu descubro, nem que tenha de chamar minha gata guerreira aqui.

Lhe lanço um olhar mau. Patrick tinha conseguido a proeza de ficar com Ângela quando passamos o final de semana na fazenda dos pais dela. Nem gosto de me lembrar do perfume de chifre de veado que Alan usou para competir com ele.

— Você não tem que se meter na minha vida garoto! – falo desistindo de cortar o bife.

— Tenho sim, é minha função de irmão mais velho. Vou descobrir o que o “Pit—Bitoxa” fez com você, nem que tenha de esmurrar a cara de cerejinha dele até sair sangue daquele nariz feio.

— Você não é o irmão mais velho, e nem vai sair esmurrando a cara de ninguém – intervém minha mãe.

— Tem razão mama. – Alan me encara. – Quando aquele Mané beijou a Karolayne na boate, deixando o pobre coração sonhador dela despedaçado, eu tinha prometido esmurrar a cara dele. Agora que ele a magoou de novo eu vou fazer cumprir minha promessa.

Desvio o olhar. Quando Henrique me beijou de surpresa, aquele dia eu não fazia ideia de que algum tempo depois ele me magoaria tanto. Meu primeiro beijo tinha sido um desastre assim como meu primeiro namoro.

— Vou te ajudar mano A. – Patrick também me olha. – Ainda mais que Karolayne está

chorando. Chora não mana, eu vou me vingar por você, mesmo não sabendo o que ele fez.

— Parem vocês dois. — Vó Hortência me olha com pena. — Estão deixando a irmã de vocês pior do que já estava.

Mordendo os lábios, saio da mesa e volto para o meu quarto. Decido tomar banho. Escolho um pijama macio e, depois de aproveitar bem a água quente, vou para a cama. Gosto que meus irmãos queiram me defender, mas isso é uma coisa que tenho de aprender sozinha, é uma lição que tenho de completar, faz parte da minha missão “fim da garota sonhadora”.

5-Ex- insistente

Quando o despertador toca, eu levanto da cama e vou para o banheiro. O rosto refletido no espelho não parece ser meu. Os olhos estão vermelhos e inchados, destacados por profundas olheiras que escurecem o rosto pálido.

Lavo o rosto com água fria e escovo os dentes. Penteio os cabelos só prendendo a franja com um grampo, os deixando ondulados. Volto para o quarto e visto um vestido azul tomara que caia trançado no busto, um palmo acima do joelho. Coloco um bolero de renda da mesma cor e calço meu all star preto de cano alto. Pego minha bolsa e saio, ignorando o café da manhã que me espera na bancada da cozinha. Não consigo engolir nada, nem água.

Chego à casa das gêmeas no horário de sempre. Nancy sorri amistosamente para mim, o que é estranho, já que ela está sempre de mau humor este horário. Marta já saiu para o escritório e as meninas ainda dormem, aproveito este tempo para ir para o jardim dos fundos, é bom sentar à beira da piscina este horário.

Quando chego lá, vejo Pedro sentado em uma espreguiçadeira tocando violão, o que é estranho já que geralmente ele está roncando a este horário. Dou um passo para trás, decidida a não falar com o senhor perfeição, porém, desastrada como sou, acabo tropeçando e caindo com tudo no chão.

Sinto dor em meu joelho esquerdo. Me levanto, limpando as mãos na barra do vestido, meu joelho arde e eu o olho me arrependendo. Ele está cheio de sangue, que escorre por minha perna, desvio o olhar enjoada.

— Eu me pergunto como alguém consegue cair em uma superfície plana sem obstáculo nenhum. — Pedro está na minha frente, me olhando com olhar zombeteiro, com certeza sem peso algum na consciência por ter falado as baboseiras que falou ontem.

Não respondo decidida a não brigar. Volto a olhar meu joelho me sentindo tonta, deve ser devido à falta de comida, nunca fui fresca a ponto de não poder ver sangue.

— Tudo bem? — Ele se inclina, me olhando com atenção. — Parece que vai desmaiar.

— Tudo bem. — Sento na espreguiçadeira respirando fundo.

Pedro dá de ombros e sai. Olho para a piscina, lembrando—me do livro que joguei ali no sábado. Lembro-me também do pingente de cristal que caiu no meio das rosas, Pedro com certeza deve ter jogado o livro no lixo, já que é tarefa dele limpar a piscina, e o pingente deve estar perdido no meio das plantas. Desvio o pensamento, encarando meu joelho machucado, o sangue já chega a meu tornozelo. Decido limpar antes que vire uma meleca.

Antes que possa me levantar, Pedro senta na ponta da cadeira, em sua mão está uma pequena maleta branca de plástico. O encaro como se ele fosse Freddie Krueger.

— Não vou matar você – fala como se estivesse lendo meus pensamentos. – Só vou fazer um curativo, já que parece que vai morrer.

— Não tenho medo de ver sangue, só estou cansada. – Faço uma careta.

— Uhum – resmunga enquanto passa uma gaze com soro fisiológico em minha perna, limpando o rastro de sangue. Quando limpa o machucado, reprimo um grito. – Não vá gritar Kerolayne, não vai querer que minhas irmãs acordem achando que tentei lhe matar.

— Não iria gritar, e não sei por que suas irmãs pensariam que quer me matar. Ao contrário de você, nunca falei de suas grosserias para elas.

— Mas eu falei muito mal de você para elas. – Sorri irônico. – Até as aconselhei a trocarem de babá, mas Bia gosta mais de você do que de mim, e Manuela acha você o máximo. Portanto, não adiantou nada minhas persuasões.

— Que bom, algumas pessoas precisam trabalhar para pagar a faculdade, ai! – reclamo quando ele passa mercúrio no corte.

— E algumas pessoas não choramingam quando se machucam. – Uma ruga surge no meio de sua testa e eu desvio o olhar, me arrependendo constrangida já que para Pedro andar de camisa é um luxo. Está com uma calça de flanela cinza e descalço.

— Eu não choramingo – rebato irritada. – Mas dói!

— Está choramingando agora! – Coloca uma gaze em cima do machucado, e pega o esparadrapo. – Além de ser uma péssima motorista, quase destruiu meu carro ontem.

— Seu carro? – Lembro-me do Golf preto que quase bati no dia anterior.

— Uhum. – Corta o esparadrapo com os dentes. – Precisa tomar cuidado, né menina?

— Desculpe, senhor homem adulto – falo irônica.

— Falando em homem, como foi com seu namoradinho?

— Não é da sua conta. – Mordo os lábios, sentindo uma dor no peito. Estou desde que acordei evitando pensar em Henrique, mas esse garoto tinha que me lembrar.

— Acho que quase bater em meu carro foi sinal de que foi muito ruim. – Termina o curativo, que ficou bem feito, e limpa mais uma vez o sangue que ainda restou em minha perna.

Respiro fundo, tentando ignorar meu peito que parece estar oco, é muito ruim quando uma pessoa te decepçiona, ainda mais alguém em que você confiava acima de tudo. Quer dizer, Henrique era o garoto perfeito, me ligava só para ouvir minha voz e fazia questão de falar como eu era linda.

Lembro-me de quando estávamos escutando *Misunderstood*, na praia no fim de tarde, e ele falou pela primeira vez que me amava. Acho que foi a música que deu o clima, quando ele me

pediu em namoro ambos tínhamos escutado essa música o dia todo. Seus olhos castanhos brilharam quando ele passou os dedos em meu rosto e beijou minha testa.

— Eu te amo Karly. — Ele olhou em meus olhos e eu pude ver a sinceridade estampada em seu rosto. Fiquei tão feliz com isso, que me joguei em cima dele, que caiu de costas na areia.

Sacudo a cabeça, voltando para o presente. Olho para o céu, que está começando a ficar azul.

Meu celular vibra no bolso de meu vestido. A música de Bon Jovi invade o ambiente e só pelo toque já sei quem é. Pego o celular e olho o identificador, só para ter certeza.

— Alô — falo com voz embargada.

— Karolayne... — a voz de Henrique soa aflita. — Precisamos conversar, eu posso explicar o que aconteceu.

— Explicar o quê? Os detalhes de como sou diferente de sua loira?

— Não! — ele grita. — Quero te falar que te amo muito, por favor, Karly.

— Não me chame de Karly! — grito. — Qual a parte de não quero ver mais você na minha frente não entendeu?

— Por favor!

— Ah, Henrique tenha um pouco de vergonha. Você me traiu e ainda tem a cara de pau de dizer que me ama? Volta para sua loira, volta, e esquece de mim. Como você mesmo me falou, eu sou só uma menina meiga demais.

— Mas é isso o que mais amo em você, sua meiguice. Você não é capaz de magoar ninguém.

— Tem razão. — Mordo os lábios para impedir que tremam. — Eu nunca magoei ninguém e esse foi meu erro, pensar nos sentimentos do outros antes dos meus. Você não pensou em mim quando estava com aquela garota, não é?

— Karly, eu errei, isso é humano. Tente me entender. Lize era uma garota nova, começou a dar em cima de mim e eu não resisti.

— Se você me amasse tanto, como diz, tinha pensado em mim. Até quando você iria continuar com isso, Henrique?

— Eu não iria continuar com nada. Eu te amo, será que é tão difícil entender isso? Poxa Karolayne, eu nunca ameí ninguém antes de você.

— Nossa, imagine se não me amasse. — O sarcasmo preenche minha voz. — Faz uma coisa por mim?

— Qualquer coisa — sua voz fica ansiosa.

— Some da minha vida! Me esquece, que eu faço o mesmo por você. Não acha que já me

magoou o suficiente?

— Eu não queria te magoar. Juro que não. Você é muito importante pra mim. Isso está acabando comigo, passar os dias sem ouvir sua voz, sua risada.

— Você vai passar muitos dias sem ouvir minha risada. Para falar a verdade você nunca mais vai ouvir minha risada, porque você é um cretino idiota!

— Calma, você nunca foi alguém grossa. O que está acontecendo com você?

— Nada! – Minha irritação está chegando ao limite. – Você não merece nada além de aplausos. Mas tenho que te dar algum crédito, porque além de cafajeste, é um ótimo ator. Agora se me dá licença, algumas pessoas trabalham.

— Por favor...

— Henrique, me deixa em paz. Você não se contenta em me decepcionar não? Tem que ficar tripudiando em cima de mim?

— Desculpa se te decepcionei...

— Tchau. Faz de conta que não me conhece. E nem tente falar comigo na aula hoje.

Antes que ele possa responder, desligo o telefone. Não entendo como alguém pode ser tão falso. Faço um beicinho, irritada.

— Kerolayne. – Pedro ri e noto que ele estava ali o tempo todo. – Você ainda foi muito meiga com ele.

— Algumas pessoas são educadas. – mostro a língua.

— Outras são adultas. – Ele ri alto dessa vez. – Então quer dizer que ele te traiu com uma loira? Ela é gostosa?

— Será que você também podia me esquecer?

— Uhum. – Se levanta. – Só espero que você não comece a chorar, pode assustar Bia, assim como você, ela é uma manteiga.

— Você não tem medo de apanhar não é? – Levanto meio torta.

— De você não. É muito pequena.

— Deveria, porque eu poderia rachar sua cara com um soco!

— Você? – Joga a cabeça para trás, rindo. – Tá falando sério?

— Aham. Quer testar?

— Não. Algumas pessoas trabalham em um escritório e não podem ter a cara roxa, mas isso é autoproteção, não quer dizer que acredito em sua força.

— Você? Trabalhar? – Levanto uma sobrancelha, incrédula. – Desde quando?

— O que você acha que faço três vezes por semana à tarde?

— Tira fotos no espelho com calcinha presa entre os dentes? – Não posso resistir,

zombar de Pedro é algo engraçado. Desde aquele dia, em que o peguei no espelho do corredor tirando aquela foto, não perco a oportunidade de lembrar a cena.

— Não, engraçadinha. – Me olha zangado. – Eu trabalho em um escritório de advocacia.

— Nossa, me surpreendeu Pedrinho. – Chamo-o da mesma forma que Marta o apresentou para mim, dois meses atrás.

— Vivo te surpreendendo Kerolay. – Adora falar meu nome errado só porque sabe que me irrita.

— Não tem mais ninguém para importunar? – pergunto saindo da frente dele.

— Não. – Ele passa na minha frente. – A minha gata deve estar dormindo este horário. Sabe como é, a noite passada foi quente e fizemos umas coisas muito cansa...

— Nem quero saber – o interrompo, irritada. – E tomara que se apaixone por ela e ela te mande catar butiá.

— Eu não me apaixono Kerolayne. – Me olha sério. – Não tenho relacionamentos sérios e nem pretendo.

— Então tem medo de compromisso senhor sabe—tudo?

— Não Kerolayne, não tenho medo de compromisso, só não mergulho fundo como você. E eu te falei inúmeras vezes que isso só te faria sofrer.

— Eu não estou sofrendo – minto. – Estou muito bem.

— Você não sabe mentir menina. Você está me importunando só para não pensar em seu namorado traidor.

— Mentira, eu estou te importunando só para me vingar de ontem. – Olho para ele e dou meu melhor sorriso de garota vingativa.

— Você não é alguém vingativa. Ontem só porque achou que fiquei magoado me fez bolo de chocolate, você não é do tipo que fica feliz em causar dor a alguém.

— Está enganado. Só fiz bolo de chocolate porque Bia pediu, e não me importo mais com ninguém, isso só faz mal. Eu mudei.

— Mudou como? Vixe com livros nas mãos. Acha que ninguém vê o sorriso bobo na sua cara quando lê?

— Joguei meus livros pela janela, não que isso seja da sua conta.

— Sério? – Arregala os olhos verdes, me fazendo sorrir.

— Uhum.

Deixo Pedro com cara de espanto e volto para dentro. Acordo as meninas e as levo para passear junto com Boboca, que espertamente fica longe de Manu.

E assim, como sempre, o dia vai passando rapidamente sem que eu tenha tempo de pensar

em Henrique e suas falsas palavras. Às cinco e meia, Marta chega e eu termino meu café – estava faminta – e vou para casa.

Um garoto correndo com um grande pastor alemão esbarra em mim. Quase caio de cara no chão de novo.

— Desculpa!

Ele grita por sobre o ombro e eu só sorrio feito uma boba. Posso estar de coração partido, mas ainda tenho olhos e aquele garoto é realmente bonito. Os cabelos loiros e suados grudando na testa e os músculos destacados sobre a regata branca...

— Fecha a boca Kerolayne! – Pedro desce do carro rindo de se acabar da minha cara. Está de terno, o que é estranho.

— Nem estou de boca aberta. – Estou sim e a fecho. Só faltava à saliva pingando para ficar igual a uma boba. – Conhece?

— Uhum. – Ele ri ainda mais enquanto tira o paletó e fica só com a camisa branca. A gravata está amarrada em seu pulso.

— Me apresenta? – falo só pra ele ver que estou por cima da carne seca.

— Sério? – Ele arregala os olhos.

— Uhum, é bem gostoso. – Espio o garoto por detrás de Pedro. Ele está quase dobrando a esquina.

— Quando eu o ver, te apresento. – Pedro sacode a cabeça rindo. – Mas ainda acho que está desgostosa com a galhada que ganhou. Falando nisso, consegue passar por baixo das portas?

— Consigo! – digo irritada. – Agora deixa eu ir pra casa. Tenho mais o que fazer.

— Vai é chorar. – Ele continua rindo. Desconfio que esse garoto ama me irritar.

— Se eu choro ou não isso não te interessa, Pedro Henrique. – Credo, ele tem o mesmo nome que o cafajeste. Rapidamente me arrependo de ter o pronunciado

— Me interessa sim. Você não pode andar pela minha residência com essa cara de múmia paralítica tirada do Egito.

— Tchau, Pedro!

Começo a me afastar dele batendo os pés. Meu joelho protesta, mas ignoro.

— Ah, Kerolayne? – Ele grita e eu me viro. – Só não vá bater no carro de ninguém!

Lhe mostro a língua e volto a andar. Pedro é um insuportável. Na primeira semana em que trabalhei aqui, ele me torturou com suas piadinhas a respeito de minha altura. Quando Henrique veio me buscar pela primeira vez, zombou de mim porque eu ficava sorrindo feito uma boba. Depois descobriu que me chamar de “Kerolayne” me deixava com raiva, e desde então são raras as vezes em que fala meu nome corretamente.

Chego em casa e sorrio para vó Hortência. Ignoro meus irmãos gêmeos – incomodo em dose dupla – e subo para meu quarto. Lavo o rosto, escovo os dentes e faço uma maquiagem leve. Visto uma camiseta branca e calça jeans preta justa, continuo com o mesmo all star. Pego meu capacete e minha bolsa, a faculdade e meu Ex- namorado macabro me esperam.

6-Tô nem aí pra você!

Quando chego à faculdade, encontro Ângela me esperando no estacionamento. Manco até ela – meu joelho está doendo – que me olha espantada.

— O que aconteceu? – pergunta me avaliando.

— Cai. – Dou de ombros, andando ao seu lado em direção a cantina.

— Uhum – resmunga.. – E que loucura foi essa de ontem jogar seus livros pela janela?

— Resolvi mudar, me livrar das coisas que me fazem sofrer.

— Karolayne Lancaster. – Para na minha frente e me segura pelos ombros. – Desde

quando você é do tipo que se desfaz de um livro?

— Desde que esses livros só me fizeram sofrer.

— Você não é esse tipo de garota. – Nos sentamos em uma mesa isolada. – Não do tipo

que fica deprimida. Sua vida é muito engraçada para ter espaço para tristeza.

— Nem tem muito espaço, mas isso não quer dizer que eu não sinta, que eu não esteja

magoada.

— Eu sei que está magoada. – Pega em minha mão. – Mas não deixe isso fazer você se

tornar alguém amargurada, o que te difere dos outros é seu jeito. Você é a única pessoa que pensa nos

sentimentos dos outros antes dos seus.

— Henrique me falou a mesma coisa de manhã, quando me ligou. – Respiro fundo. – Mas

eu cansei de pensar só nos outros, cansei de ser a que nasceu no século errado. Eu deveria ter

aproveitado mais, ter ficado com um monte de garotos.

— Se você tivesse feito isso, não seria a Karolayne. Quem é que colocaria juízo nessa

minha cabeça oca?

— Eu não sei. – Sorrio. – Mas talvez eu não estivesse triste como agora.

— É normal ficar triste Karly – diz gentilmente. – Você se lembra de como eu fiquei

quando descobri sobre Bernardo e Sarah.

Concordo, me lembrando do tanto que ela chorou ao descobrir que o garoto perfeito que

conheceu na balada, e que ficou durante um mês, tinha sumido. Quando ele voltou estava com Sarah,

sua irmã mais velha, e desde então ela tem de aturar ele na sua casa todos os finais de semana.

— Eu tinha você para me consolar – lembra. – E você tem a mim. Posso não ser a pessoa

mais ajuizada do mundo, mas acho que você precisa ir para uma boa balada e ficar com um monte de

garotos. Isso não vai fazer seu pobre coração voltar ao normal, mas que vai fazer você tirar o

atraso... Isso vai.

— Eu vou para a balada com você. Sexta feira, e dessa vez não vai ter Henrique, só nós duas.

— Isso aí. — Bate palmas. — Vamos tirar o atraso.

— Mas e Patrick?

— Nós temos um relacionamento moderno e aberto. Ele tem dezesseis anos e eu, dezoito.

— Uma ruga surge em sua testa. — Não tem como termos um relacionamento sério.

— Eu não entendo isso. — Mordo os lábios. — Mas se vocês estão felizes, quem sou eu para me meter?

Ângela me acompanha até minha sala e depois vai para sua aula — Anatomia, eca! — Entro na sala e ignoro Henrique, me sentando na última carteira.

Professora Carmem começa a falar um monte de coisas que não entendo. Anoto tudo mecanicamente, evitando olhar para qualquer lado que for. Sinto os olhos de Henrique em mim.

Nas terças-feiras, só temos aula até as nove, fico feliz de ir para casa mais cedo. Jogo meus cadernos na bolsa e rapidamente deixo a sala. Pego o caminho mais longo e me enfio no formigueiro de alunos no corredor de direito.

— Karolayne! — alguém me chama e eu me viro. Vejo Sabrina, minha colega, erguendo um livro.

Fico parada no meio do corredor esperando-a. Forço um sorriso, tentando ser simpática. Sabrina é uma garota tímida, de cabelos loiros e pele muito branca. Sou uma das poucas pessoas com que conversa.

— O livro que me emprestou. — Me entrega o exemplar de “o garoto da casa ao lado”. — É um livro maravilhoso.

— Fica pra você. — Lhe devolvo o livro. — Já decorei a história.

— Sério? — Me olha espantada.

— Uhum. — Sorrio. — Começa uma coleção.

— Tudo bem. — Guarda o livro na mochila. — Obrigada.

— De nada.

Aceno para ela e volto a caminhar no corredor apinhado de gente. Me sinto uma anã em meio a garotos tão altos, e também me sinto mal vestida, as garotas estão de social e com cabelos perfeitos.

Alguém me puxa pelo braço, me virando. Henrique me olha e eu tenho vontade de lhe dar um soco. Puxo o braço, irritada.

— O que foi agora? — Minha irritação está em um estágio tão forte, que minhas mãos coçam para socar a cara dele.

— Vamos conversar? – Faz uma cara desolada e eu a ignoro.

— Não. Eu não quero falar com você e se continuar me importunando vou falar com a coordenadora. Isso é perseguição. – Me surpreendo com minhas próprias palavras.

— Você não se importa mais comigo?

— Tô nem aí pra você!

Volto a andar, quase corro pelo corredor, tentando me lembrar de onde é a saída mais próxima.

— Com saudades de mim, Kerolayne? — Só pela forma de pronunciar meu nome já sei quem é, e desgraça pouca é bobagem.

— Nem vem Pedro. – Ele está encostado na parede, vestindo calça jeans desbotada, all star preto e camiseta preta com decote em v. – Juro que se começar eu te bato.

— Olha a violência. Sou seu patrão.

— Você não é nada meu, seu chato. – Tiro os cabelos do rosto e saio, mas não rápido demais já que meu joelho arde.

— O que a gata é sua Pedro? – pergunta o mesmo garoto loiro que quase me derrubou.

— Babá – falo sorrindo enquanto entro no próximo corredor. – A mãe dele o acha muito imaturo.

O garoto começa a rir e Pedro me encara com raiva. Sorrio de forma inocente, como se eu não tivesse falado nada demais.

— Isso vai ter volta Kerolayne! – grita, mas eu o ignoro

7- Minha avó é demais

Chego em casa e encontro meus irmãos de braços cruzados, na porta, me esperando. É muito estranho eles serem tão iguais. Patrick é espevitado e maluco, já Alan é maluco e chato.

— Descobrimos o ocorrido maninha – Patrick fala assim que joga a bolsa no sofá.

— O que descobriram? – Os encaro, também cruzando os braços.

— Que o cerejinha te traiu com uma loira – fala Alan franzindo os lábios e passando a mão no moicano.

— Quem contou isso? – pergunto já sabendo quem foi.

— Minha gata guerreira. – Patrick sorri vitorioso. – Estávamos no Skype, e enquanto eu pedia para ela tirar a camiseta, ela recusou...

— Não precisa falar os detalhes né o mano P – Alan o interrompe zangado. – O bagulho foi que Ângela contou o que aconteceu, e agora nós queremos nos vingar.

— Por quê? – Me joga no sofá ao mesmo tempo em que tiro o tênis.

— Porque você é nossa irmãzinha K, e ele te magoou.

— Quando vão parar com a mania de chamar as pessoas pelas iniciais? Isso é chato.

— Nunca – respondem juntos. – É nossa marca registrada.

— Dã, vocês são dois bobocas.

— Não tente desviar nossa atenção. – Patrick se joga ao meu lado no sofá e eu o empurro. Ele cai no chão e eu dou risada.

— Só estamos avisando. – Alan fala rindo da cara de Patrick. – Que quando menos esperar, o cerejinha vai estar de cara roxa e não se fala mais nisso.

— Venham jantar – vó Hortência, com seu habitual vestido florido, nos chama.

Levanto do sofá e manco até a cozinha. Minha boca se enche d'água ao ver a lasanha. Empurro meus irmãos, me sentando à mesa antes deles.

— O que aconteceu com sua perna? – pergunta minha mãe, erguendo os cabelos escuros e ondulados em um coque no alto da cabeça.

— Cai. – Dou de ombros. – Normal.

Ela ri e meus irmãos continuam ameaçando Henrique, e no íntimo sinto orgulho deles. Apesar de toda a maluquice, eu não trocaria minha família por nada, se eu não sou uma pessoa depressiva, é graça a eles que me fazem rir quando mais preciso.

Depois do jantar vou para meu quarto e me preparo para tomar banho. Dou um grito quando a água quente machuca meu joelho e o sangue volta a escorrer por minha perna. Rapidamente

termino o que tenho de fazer e visto minha camisola, saindo do quarto e indo atrás de minha avó, que está na sala vendo sua novela preferida.

— Vó? – A chamo, apertando uma meia no machucado, não achei nada melhor. – Onde tem curativo?

— No banheiro do corredor. – Ela levanta e tira a meia de cima do machucado, que está em carne viva e com um aspecto amarelado. – Senta ali que já volto.

Obedeço e sento no sofá. Em seguida ela volta com a maleta de remédios e gentilmente limpa o machucado. Depois de fazer o curativo, sorri.

— Prontinho moça. – Senta ao meu lado. – Quer um chá?

— Uhum. – Passo os dedos em meus cabelos molhados. Sei que essa é a forma de minha avó falar que vamos conversar.

Ela sai do sofá e vai até a cozinha. Volta com duas xícaras fumegantes e me entrega uma.

— Agora conta para sua avó o que está acontecendo. – Sorri de forma amistosa. – E por que jogou todos aqueles livros pela janela.

— Henrique me traiu. – Tomo um gole do chá de cidreira com um leve gosto de mel. – Fiquei decepcionada.

— E onde seus livros se encaixam nisso?

— Eu acreditei demais nas histórias que lia, acreditei que o amor superava qualquer coisa. Henrique disse que me amava e eu acreditei, fui uma tola, o amor é só conveniência. Ninguém ama o outro a ponto de não querer magoá-lo.

— Você é nova demais Karly. – Ela pega em minha mão. – E o amor supera, sim, qualquer coisa. Seu avô me amou acima de tudo, me tratou como o mais fino cristal.

— Ele era de uma época diferente. Agora as pessoas não valorizam mais os sentimentos. Henrique disse para a loira que eu era muito menina, muito delicada.

— Sim, você é isso – concorda. – E as pessoas gostam de você assim, não deve mudar por nada.

— Pedro também falou que eu era muito menina.

— Por favor, né? – Começa a rir. – Esse garoto só fala isso para te irritar. Ele sabe que você fica brava.

— Mas ele tem um monte de namoradas. – E é verdade, eu já vi umas quatro garotas se agarrando com ele na piscina quando Marta está trabalhando.

— Pode ter um monte de namorada, mas tenho certeza de que nenhuma delas lhe dá valor. Nossa cabeça é nosso guia Karly, e tenho certeza de que vai encontrar um garoto que te ame e te valorize do jeito que é.

— Será? – Termino de tomar meu chá, sentindo uma coisa ruim no peito.

— Claro que vai. Você é linda e simpática, e não importa o que esse Pedro fale, ele não entende nada de relacionamentos, é um menino ainda. Eu já vivi muito e sei o que falo.

Ela sorri de forma misteriosa e eu me lembro de quando beijei Henrique pela primeira vez e fiquei triste por não ter sido como sonhei. Vovó me falou que experimentou um monte de rapazes da vila em que morava antes de entregar seu coração a meu avô.

— Você é demais dona Hortência. – Abraço-a, me sentindo triste e ao mesmo tempo esperançosa.

— Não. Só sei como é ser jovem.

Eu rio e termino de ver a novela com ela. Depois vou deitar e choro um pouco antes de dormir. É impossível falar que não fiquei triste, ou não estou sentindo nada, mas no dia seguinte, coloco um sorriso no rosto e vou cuidar das pirralhas mais fofas do mundo.

8- O amigo

Bia e Manu resolvem ver *Bob Esponja* durante a manhã toda, mesmo que isso não esteja na lista de Marta, que acha que desenhos animados demais vão deixá-las escravas da televisão.

— Vamos lá meninas – insisto. – Hoje é dia de irmos caminhar no parque com Boboca. Depois podemos fazer o que quiserem. Não se esqueçam de que esta é a última semana de férias de vocês, e que depois vão passar a tarde toda na escola.

— Karolayne... – Bia me olha com cara de cachorro. – Leva você o Boboca para passear.

— Meninas... – Sento no chão e cruzo as pernas embaixo de mim. – Vocês não podem ver o Bob Esponja a manhã toda. Vamos fazer uma troca, vocês assistem o Bob agora e depois vamos passear.

— Aceitamos. – Batem palmas felizes.

Sorrio e vou até a cozinha ver o que elas devem comer no almoço.

— Ah, você está aí! – Pedro pula da bancada e me olha com cara de mau. Não posso resistir e começo a rir.

— Não tem graça menina! – exclama zangado. – Todo mundo ficou rindo da minha cara ontem.

— Bem feito! – Franzo os lábios da mesma forma que minha mãe. – Quem manda você me provocar, eu só revidei.

— Isso vai ter volta Kerolayne. – Chega perto de mim e eu dou um passo para trás. – E a propósito, falei de você para Mauricio. Não sei o problema dele, mas ele te achou linda. – Pedro sacode a cabeça como se estivesse decepcionado.

— Ele me achou linda porque eu sou!

Pedro me analisa por um momento e eu mantenho a expressão séria. Ele não vai conseguir me irritar hoje.

— Você é tão modesta, Kerolayne. – Ele morde os lábios. – Também falei para ele que você é extremamente romântica e que só gosta do tipo que manda flores.

— Isso não tem graça! – exclamo, já irritada. – Eu nem sou mais assim.

— Será? – Me olha inclinando a cabeça para o lado, da mesma maneira que Boboca encara Manu. – Para mim, você ainda é a menininha sonhadora de antes. Não é?

— Vai catar butiá garoto! — Saio da frente dele e pego a lista das meninas em cima da mesa. Tenho de achar Nancy e pedir para ela cortar o macarrão, já que as gêmeas estão comendo muito carboidrato e poucos legumes.

— Você tem umas expressões que não condizem com uma futura jornalista.

— Você não tem nada a ver com isso!

Saio à procura de Nancy, que está estendendo roupa, e lhe falo o que Marta mandou. Com seu mau humor habitual, ela concorda. Vou para o quarto das gêmeas e arrumo os brinquedos, já separando a roupa que ambas vão usar na hora de nosso passeio. Uma das exigências é não as deixarem andar com roupas iguais, o que é bom já que no começo elas me confundiam muito.

Pego meu celular e coloco o fone de ouvido branco, ligando bem baixinho minha música preferida de Bon Jovi, mas logo me arrependo porque Henrique vem em minha memória. Lembro-me da primeira vez que ele me levou para jantar.

Era uma noite chuvosa. Eu estava com um vestido sem mangas, meio rodado, e sapatilha. Ele colocou sua camisa xadrez sobre meus ombros, para eu não ficar com frio. Enquanto jantávamos, me lembrei de minha frase preferida da série O Diário da Princesa:

“Corações tímidos nunca conseguem as damas mais belas.”

Logo depois disso, Henrique me beijou, e foi o segundo melhor beijo da minha vida. Eu cheguei até a erguer o pé esquerdo do chão, como as mocinhas dos filmes antigos.

Irritada, tiro os fones de ouvido e jogo o celular longe. Ele cai no corredor, a bateria de um lado e o celular de outro. Me arrependo de meu gesto, pois sei que, tão cedo, não vou poder comprar nada excessivamente caro. Meu salário só dá para pagar a faculdade, abastecer minha moto e para os Xerox que os professores pedem as pencas, ainda bem que minha mãe me dá roupa, casa e comida.

Saio do quarto das meninas e me inclino para pegar o celular. Resmungo quando meu joelho machucado protesta.

— Meu Deus, agora vai fazer do celular um dardo para ficar atirando no alvo?

Olho para cima e vejo Pedro. Ele sorri daquela forma idiota de sempre. Ao seu lado está o garoto que esbarrou em mim ontem, o que riu quando eu disse que era a babá do pateta.

— Mauricio — Pedro me aponta. — Esta é Kerolayne, a babá.

— É Karolayne seu insuportável. — Olho para Mauricio e sorrio, só para Pedro ver como não sou uma menininha frágil. — Muito prazer.

— Encantado. — Ele pega minha mão e a beija, como os homens do século passado.

Sorrio para o garoto loiro e bonito a minha frente. Seus olhos são azuis e os cabelos são

cacheados, dando a impressão de serem muito macios. Está de calça jeans preta, tênis da mesma cor e camiseta verde. É mais baixo e educado que Pedro.

— Pelo amor de Deus cara — a educação em pessoa nos olha —, marca um encontro com ela, já que está tão encantado.

— Nossa... — Chego mais perto do pateta. — Você é tão educado!

— Sou realista Kerolayne. — Me cutuca e sorri. — Ah, e já vou avisando, essa garota é do tipo que espera flores e ligação às três da manhã.

Tiro a franja de meus olhos e faço uma careta. Ele disse que iria se vingar, mas não precisava ser daquela forma. O empurro e piso em seu pé, propositalmente, antes de sair.

— Ainda por cima tem pé de chumbo! — grita rindo.

Não posso falar que fiquei triste por Pedro me desmoralizar. Na realidade, só pedi para ele me apresentar o garoto para provocá-lo, não estou pronta para ter nenhum relacionamento tão cedo. Faz parte da minha nova condição de garota fria e calculista. Enquanto não tiver certeza de meu coração estar fechado para o amor não vou mais me relacionar com ninguém.

Henrique me fez perceber uma coisa: só devemos nos relacionar com alguém quando estamos prontos para não envolver sentimentos. E, infelizmente, meus sentimentos por aquele crápula continuam iguais, ainda sou apaixonada por aquele sorriso idiota e aquelas palavras doces. Por um segundo, ontem, quando ele falou que me amava, pensei em voltar atrás. Quem ama também perdoa, felizmente minha sanidade voltou a tempo.

O almoço logo fica pronto e eu sirvo as meninas. Pedro e seu amigo comem no quarto e eu agradeço por isso. Piadinhas na hora da refeição só me fariam ficar tentada a lhe enfiar um garfo no meio da testa.

Brinco de casinha com as gêmeas, mas isso não é suficiente, elas querem brincar de teatro, e enquanto elas são as princesas, eu sou a bruxa malvada. Tenho que sair correndo pela casa atrás delas, que riem tanto que penso que vão sufocar. Logo até eu estou rindo porque a risada de Bia é contagiosa.

No final, todas estamos estendidas na grama do jardim dos fundos, arfando.

— Sabem o que vamos fazer agora? — pergunto tentando parar de rir.

— Não — respondem juntas.

— Tomar banho! — O passeio com Boboca foi esquecido.

— Não — reclama Manu.

— Sim. — Bia bate palmas, já tirando a camiseta.

— Venha Manu. — Lhe estendo a mão que ela pega emburrada. — Vamos tomar um banho bem gostoso.

Dar banho em Bia foi fácil, já que ela saiu da água tranquilamente, agora em Manuela foi um desastre. Primeiro a garota berra que não quer tomar banho e depois sai correndo pela casa, sem roupa e toda molhada.

— Manuela! — grito saindo em seu encalço. — Volta aqui, se não nunca mais vai ouvir falar do Bob Esponja!

Ela ri e balança a cabeça como um cachorro, respingando água para todo lado.

— Manu — choramingo. — Eu não consigo correr atrás de você.

— Não me pega! — grita se aproveitando disso.

Mordo os lábios, prestes a chorar. Um dos desafios de meu emprego é esta garota, a primeira coisa que ela fez quando me conheceu foi quebrar uma vidraça.

— Manuela! — Paro, colocando as mãos na cintura, imitando Marta. — Se não voltar aqui, agora, não vai mais ver desenhos.

— Tô nem aí, Bá! — Ela desce as escadas correndo.

Respiro fundo e saio correndo atrás dela, quase caindo ao pisar nos degraus molhados. Meu joelho não ajuda muito, mas ela vai para a piscina e eu a encurralo.

— Peguei você! — Pegu-a e lhe visto o roupão rosa.

— Não tem graça! — reclama e eu dou risada, pegando-a no colo.

— Tem sim!

Com cuidado para não pisar no molhado, dou a volta no jardim. Quando entro na casa, encontro Marta, que sorri ao ver a filha e a pega no colo.

— Pode deixar que eu a visto — Ela beija a menina espoleta que me mostra a língua. — Você já deve estar atrasada.

Concordo e me despeço dela, pegando minha bolsa na sala e mandando um beijo para Bia, que me acena feliz, sentada no último degrau da escada.

Ajeito os cabelos ao mesmo tempo em que abro o portão. Piso no cadarço de meu tênis e caio, batendo o mesmo joelho machucado. Reprimo um grito e me levanto, vejo o sangue atravessar o curativo. Não consigo entender como posso ser tão desastrada.

Sento no chão e limpo minha mão em meu short azul claro. Meu joelho dói muito e eu faço um beicinho.

— Tudo bem?

Olho para cima e tomo um susto. Henrique está me olhando, parece preocupado.

— O que está fazendo aqui? – pergunto ríspida.

— Vim tentar falar com você. – Me estende a mão, mas eu ignoro.

— Eu não quero falar com você. – Meus olhos se enchem de lágrimas e eu não sei se estou chorando por dor no joelho ou no coração.

— Por favor – insiste, e novamente me estende à mão.

— Me deixa em paz. – Meus lábios começam a tremer. – Por favor, se você gosta de mim me deixa em paz.

— Karly...

— Por favor – choramingo prestes a chorar como um bebê. – Fica longe de mim.

— Eu te amo. – Essas palavras me atingem como um soco. Fecho os olhos, sentindo as lágrimas quentes chegarem ao meu queixo.

— Por favor – repito ainda de olhos fechados –, esqueça de mim.

— Você não me ama mais? – pergunta e eu abro os olhos, o enxergando meio desfocado devido às lágrimas.

— Não. – Sacudo a cabeça. – Eu te odeio!

— Karly... – ele soluça e eu vejo uma lágrima escorrer por seu rosto.

— Vai embora – sussurro, me odiando por ver aquela lágrima. – Fique com Lize.

Ele sacode a cabeça e outra lágrima escorre por seu rosto. Olho para meus pés, e só levanto os olhos quando ouço o barulho do carro. Não gosto de ver ninguém chorar, mas não tenho como perdoá-lo. Não tenho como voltar a namorar com ele porque sempre vai ter aquela dúvida: será que ele ainda me trai? A confiança é como um cristal, não tem conserto.

Meu celular toca e eu o pego na bolsa.

— Alô – falo com voz embargada.

— Oi — reconheço a voz de Ângela. – Quer ir para a faculdade comigo hoje? Ganhei a Giselda de meu pai.

Giselda é o Fiat 147 do pai de Ângela. A mãe dela odeia o carro e queria vendê-lo para um ferro velho, mas o homem, engenhoso que só, resolveu dar o carro para Ângela e assim continuar perto de sua banheira de rodas.

— Quero – falo tentando ignorar o nó em minha garganta. – Será que você pode me buscar aqui na casa de Marta? E trazer curativo?

— Claro. Caiu de novo?

— Aham.

— Já chego aí, beijocas.

— Beijo.

9- Lágrimas de crocodilo

Continuo sentada em frente ao portão.

Continuo chorando e ainda não sei dizer se é devido à dor em meu joelho ou em meu coração, nem sei dizer qual dói mais. Ver lágrimas nos olhos de Henrique foi como ter sido apunhalada, mas infelizmente isso não foi o suficiente para perdoá-lo. Lágrimas não são o suficiente para mostrar arrependimento, e traição não é uma forma de dizer eu te amo.

Seco os olhos com as costas da mão. Tenho de esquecer tudo isso, voltar a ser feliz, mas sem sentimentos. Não posso voltar a ser quem eu era, porque uma parte de mim se foi naquele sábado, quando vi Henrique com outra.

— Vai ficar de porteira agora? – pergunta Pedro saindo de seu carro.

— Por favor – lhe lanço um olhar suplicante –, me deixa em paz hoje, tá bom?

Ele me olha e se senta ao meu lado, dando de ombros.

— Caiu de novo? – aponta meu joelho.

Balanço a cabeça em sinal afirmativo. Olho para a rua e vejo Ângela chegar com seu Fiat 147 verde-abacate. Ela desce toda espreitada com um rolo de esparadrapo na mão.

— Amiga! – grita batendo os saltos de seus sapatos de boneca na calçada. – Trouxe o bagulhete que pediu. – Ela para e me encara. – Deveria ter trazido maquiagem também.

Arregalo os olhos e ela se aproxima de mim, ignorando Pedro, — que a olha de cima abaixo com uma cara safada, ele sorri de forma sedutora e morde o lábio inferior. Esse garoto tem uma placa de cachorro na testa, só pode.

— Karly... – Ela me puxa para cima e eu grito. – Não grita mulher! – me repreende.

— Não estou gritando. – Me apoio nela.

— Vamos, já estamos atrasadas para a faculdade. – Ela olha para Pedro e ergue as sobrancelhas bem desenhadas. – É esse o tal sabe—tudo?

— Uhum – concordo querendo me esconder porque sei que ele vai fazer alguma piadinha.

— Falando de mim para suas amigas, Kerolayne? – Ele balança a cabeça e se levanta. – Fico tão honrado!

— Ela só falou mal de você. – Ângela o encara mal humorada e me puxa pela mão. – Então nem se ache.

— Meu Deus, Kerolayne. – Ele ri. – Sua amiga é mais mal educada que você.

— Vai catar butiá, Pedro! — Sigo Ângela até seu carro extremamente brilhante.

— Tchau amiga da Bá — Ele dá seu melhor sorriso para ela, que assanhada retribui. — Tchau, Kerolayne. — Me mostra a língua.

— Tchau homem adulto. — Faço uma careta.

Entro no carro. Ângela liga o som e começa dançar, ao som de um funk sem noção enquanto retoca o gloss. Perto dela pareço mal vestida, e estou mesmo. Ela trabalha em uma loja de grife enquanto eu trabalho como babá, e minha roupa não está ajudando em nada, mas não dá tempo de voltar em casa.

— Me conta o que aconteceu. — Ela liga o carro. — Você parece mal.

— Henrique teve aqui... — Arrumo os cabelos, me irritando com minhas olheiras. — Disse que me ama e chorou.

— Sério? E você?

— Mande-o sair. Eu me sinto um monstro, mas não posso voltar atrás, não depois do que ele fez. Será que eu sou muito má?

— Claro que não. — Ela sacode a cabeça. — Você está certa. E a partir de agora deve esquecer Henrique. Se ele gostasse tanto de você, não teria te traído.

— Também acho isso. — Seco uma lágrima, que escorre por meu rosto. — Vou seguir em frente e só vou me envolver com alguém quando eu for capaz de não envolver sentimentos.

— Acha isso certo? — Me encara quando paramos na sinaleira.

— Acho. Eu tenho que ser adulta e adultos não ficam sonhando com amores épicos, adultos levam tudo a sangue frio.

Ela balança a cabeça e ambas ficamos absortas em nossos próprios pensamentos. Quando chegamos à faculdade, eu analiso minha roupa pela milionésima vez; short jeans azul claro, all star desbotado e camiseta branca com um coração partido estampado.

Ajeito o curativo de meu joelho e desço do carro. Ângela, em todo seu esplendor, anda ao meu lado até a cantina, onde compramos suco de laranja.

— Estava pensando — larga o suco —, daqui a duas semanas vai ter um baile à fantasia. Que tal irmos?

— Aham — concordo de imediato, pensando em vestidos longos e princesas.

— Sábia que ficaria animada. — Ela sorri. — Vai ser lá no clube, o tema são contos de fadas. Pensei em longos vestidos de cetim.

— Nossa... — Olho para cima, sonhadora. — Sempre quis usar um vestido longo, que

arrasta no chão.

— Tem mais um detalhe... — Suspira. — Só entra de máscara.

— Que legal. — Bato palmas, empolgada. — Vai que eu encontre o....

Mordo o lábio, contendo o entusiasmo. Não posso ficar sonhando com nada, não posso gostar disso. Se quero realmente mudar, não posso ir a um baile de máscaras com a esperança de encontrar um príncipe, isso está fora de cogitação.

— O vestido perfeito — completo disfarçando.

— Não é tão fácil esquecer velhos hábitos né? — Me olha compreensiva.

— Não — concordo e levanto. — Nos vemos depois.

Arrasto-me até minha sala. Ignoro a tagarelice de Sabrina sobre o nome romance de Patricia Cabot. Sento no lugar de sempre, fazendo de conta que não vejo as olheiras de Henrique quando ele me olha.

Rabisco a contracapa de meu caderno. Eu nunca fui do tipo que não presta atenção na aula, mas essa semana estava sendo difícil me concentrar com os olhos chorosos de Henrique me focalizando o tempo todo. Talvez eu pedisse para mudar de turma, está aí uma boa ideia. Tem duas primeiras fases de jornalismo. Sorrio com minha ideia e quando somos liberados para o intervalo, eu manco para fora da sala indo até a coordenação.

Lílian, a coordenadora, estranha meu pedido, mas não se opõe. As turmas estão aprendendo os mesmos conteúdos, depois do intervalo eu já poderia ir para minha nova sala.

Encontro Ângela no pátio. Está falando com um garoto incrivelmente bonito. Ela acena e sorri quando me vê.

— Karolayne! — Me aponta. — Esse é Gustavo meu parceiro e salvador em anatomia.

— Oi. — Sorrio para o garoto que também sorri calorosamente. Quase esqueço-me de fechar a boca.

Ele tem olhos castanhos e cabelos pretos. A pele branca como marfim e lhe dá um ar de anjo; a jaqueta de couro preta e a calça da mesma cor, finalizada com botas de motoqueiro, lhe dão o ar de Badboy.

— Ele vai com a gente na balada sexta. — Ela anuncia orgulhosa e Gustavo sorri mais uma vez para mim.

— Que legal. — Sorrio também, um pouco constrangida com o garoto me olhando o tempo todo.

— Bem, meninas — ele continua me olhando e eu desvio o olhar —, vou indo. Te vejo na

sexta, Karolayne.

— Até. — Aceno quando ele se afasta.

— Karly — Ângela me olha feliz —, ele gostou de você.

— Também gostei dele. — Rio feito uma boba.

— Percebi. Acho que com ele você pode ficar sem envolver sentimentos.

— Ângela! — repreendo—a.

— Tá, parei. — Ergue as mãos. — Mas que ele é gato é.

— É sim — concordo. — Ah, mudei de sala.

— Sério?! — Arregala os olhos castanhos.

— Uhum. Não aguento mais Henrique me olhando com cara de cachorro, de alguma forma isso faz eu me sentir culpada.

— Você não é culpada de nada. — Ela bate em minha testa com o indicador. — Você é a vítima, entendeu?

— Entendi. — Me afasto dela e fico de costas. — Mas ele chorou. Eu não posso me sentir bem tendo o feito chorar.

— Karolayne. — Ela me puxa e me olha zangada. — Ele te fez chorar muito mais, ele não pensou em você, então viva e não pense nele!

— Mas...

— Sem mas. — Seu olhar continua zangado. — Você briga com Pedro em cada oportunidade, faça isso com Henrique, não pense nele.

— Eu não gosto de Pedro! — Também fico zangada. — E ele só me incomoda, por isso é fácil xingá-lo.

— Você também não vai mais gostar de Henrique. Ele também te incomoda e te trai, é isso o que quer? Voltar para ele?

— Não. — Faço um beicinho. — Qual é o meu problema?

— Ele. — Fala como se fosse óbvio. — Você gosta mais dele do que quer admitir, e garanto que se ele chorar mais uma vez você volta atrás.

— Não vou voltar atrás. — Encaro-o. — E vou parar de pensar nele, feliz?

— Muito — fala irônica. — Agora vamos antes que eu resolva te bater por ser tão boba.

10- Balada

Ângela resolveu fazer uma campanha contra Henrique. Cada vez que me vê distraída ou com olhar triste, levanta uma plaquinha, que teve o trabalho de fazer com papelão no trabalho, onde tem uma foto minha com chifres e as seguintes palavras:

“Ele é um idiota que te traiu, e se você pensar nele, ele vai fazer isso de novo. Deixa de ser otária!”

Não adiantou eu falar que aquilo era idiota. Ela ainda teve a cara de pau de dizer que, se eu continuasse triste, iria emprestar a placa para Pedro ficar chamando minha atenção no trabalho. O que acho que ela faria mesmo.

Então, cada vez que estou com ela, tenho que fazer de conta que estou muito bem, aguentar suas ligações e as mensagens com meu novo mantra de meia em meia hora.

Não posso deixar de admirar minha amiga, e sem ela saber, isso está funcionando mesmo. Cada vez que vou pensar em Henrique, vem a frase em minha cabeça e me sinto tão idiota por desperdiçar meu tempo que acabo ficando com ódio dele. Ontem, quando ele veio me perguntar o porquê de eu ter mudado de sala, o mandei pastar. Isso mesmo, não pensei se isso o magoaria ou não. Estou tratando-o da mesma forma que trato Pedro, com desprezo.

A sexta-feira amanheceu quente e abafada. Levanto da cama já com a frase maldita soando em meus pensamentos. A raiva me dá fome e resolvo tomar café. Minha mãe está na cozinha.

— Vou ter que dormir no trabalho amanhã. – Anuncio enquanto mordo uma bolacha de nata.

— De novo? – Seu olhar é reprovador.

— Ela me paga hora extra. Dinheiro nunca é demais.

— Ainda acho que poderia conseguir um emprego melhor. – Larga a xícara e me avalia.

— Mãe, vou sair desse emprego quando conseguir um estágio em algum lugar.

— Tudo bem. – Ela sabe que não adianta argumentar. – Você sabe o que está fazendo.

— Não se preocupa comigo, mãe. – Sorrio. – Sei me cuidar.

— Eu sei. – Também sorri. – Só espero que não esteja mais triste.

— Não tenho como ficar. – Penso em minha amiga e sua nova missão. – Ângela não deixa.

— Ângela, como sempre, salvando a pátria. – Levanta e pega sua bolsa. – Se cuida filha.

– Beija minha testa.

Depois que minha mãe vai para o trabalho, eu escovo os dentes e vou para casa de Marta. O dia passa voando sem Pedro para me incomodar, as gêmeas estranhamente estão muito calmas – Manu quero dizer –, portanto, quando lhes dou banho e lanche, elas adormecem logo em seguida.

Encontro Marta quando estou saindo, e ela se certifica de que vou poder posar ali. Suspira de alívio quando confirmo.

— Você é uma ótima babá. – Ela sorri. – É a única que ainda não fugiu. Sabe como meu filho mais velho é.

— Uhum – concordo. – Mas lido bem com ele.

— Nancy me falou que brigam o tempo todo. – Ela ri e eu fico vermelha. – Acho que Pedro fica feliz em te incomodar. Bia disse que, quando você não está, ele fica o tempo todo falando mal de você.

— Ele também me falou que tentou persuadi-las sem muito sucesso. – Olho para meus pés, envergonhada.

— Nem se preocupe. – Ela vê meu embaraço. – Você cuidando bem das gêmeas é o que importa. Falando nelas, semana que vem a escola volta a funcionar. Você pode voltar para casa de tarde, só tem de buscá-las às cinco horas e ficar até o horário de sempre.

— Acho que nem vale à pena. – Penso em Alan e Patrick me incomodando. – A aula começa uma e meia e acaba as cinco. Posso estudar neste horário, aqui mesmo.

— Você é quem sabe querida. – Ela me avalia. – Mas acho que o que você quer, é fugir de seus irmãos.

— Me pegou agora – começo a rir.

— O que decidir está bom. E quanto a Pedro, é só não dar atenção que ele se obriga a parar.

Concordo e me despeço dela. Chego em casa e mudo de roupa. Pego minha bolsa e encontro Ângela na garagem, agora que ela tem Giselda, me leva para a faculdade todos os dias. Acha mais fácil, mas eu colaboro com a gasolina, assim como ela fazia quando ia de carona comigo, em minha moto.

— Já sabe né... – Ergue a placa já amassada. – Hoje temos compromisso.

— Uhum. – Lembro-me de que vamos sair depois da faculdade.

As aulas passam rapidamente e, quando dou por mim, estou em casa encarando meu reflexo em frente ao espelho do banheiro. Ângela fez um milagre em mim.

Estou vestindo um vestido curto, preto, que marca minha cintura e calçando sapatos de salto alto rosa Pink – ter uma amiga que trabalha em loja de grife dá nisso. Meu cabelo está liso e a franja cai com perfeição sobre minha testa. A maquiagem bem feita esconde minhas olheiras. Retoco o *gloss* rosa e dou uma voltinha.

— Está linda amiga.

Ângela bate palmas e eu sorrio diante de sua roupa: saia de cintura alta e camisa azul marinho com botões dourados. Seus sapatos pretos são altos demais, mas ficam bem nela. Os cabelos em um corte Chanel perfeito, está liso.

— Você também.

Em poucos minutos, já estamos a caminho da boate. Eu me olho mais uma vez no espelho, pesarosa, não faz nem uma semana que eu terminei com Henrique. Será que isso é certo?

— Ele é um idiota que te traiu, e se você pensar nele, ele vai fazer isso de novo. Deixa de ser otária! – repete Ângela, insistente em sua mais nova função.

— Não estou pensando nele – minto.

— Eu te conheço garota!

Faço uma careta quando desço do carro. Meu joelho ainda dói muito, mas o ignoro e sorrio ao ver Gustavo esperando por nós. Está de camisa branca, com um colete preto sobreposto, calça jeans preta e as mesmas botas de motoqueiro.

— Oi. – Ele beija meu rosto e eu continuo sorrindo feito uma boba.

— Oi – respondo mexendo nos cabelos.

Ele cumprimenta Ângela da mesma forma, mas sem tanta empolgação. Entramos na boate e logo me lembro de que foi naquela mesma pista que dei meu primeiro beijo.

— Preciso beber. – Me afasto deles e vou em direção ao bar. – Um Martine, por favor. – Peço ao barman que sorri de forma exagerada.

Volto para o lado de Ângela, que sorri para um garoto e se afasta, me deixando sozinha com Gustavo. Ele não tira os olhos de mim.

— Quer? – Ofereço a bebida, que ele pega e toma um gole.

A música está animada e eu começo a dançar. Alguns garotos chegam em mim, mas acabam vendo Gustavo e se afastam.

— E então Karolayne – ele fala em meu ouvido –, gostando?

— Uhum. – Tomo mais um gole de Martine. – E você?

— Apreciando a paisagem.

Não sei o que deu em mim, mas quando percebi, as mãos de Gustavo estavam em minha cintura e eu o estava beijando.

— Nem pense em querer envolver sentimentos – falo para ele, meio tonta. Já estou na terceira dose. – É só beijar.

— Você é quem manda. – Me beija mais uma vez.

Tenho vontade de sair correndo. É muito estranho beijar alguém que não seja Henrique e uma parte minha odeia isso. Me afasto de Gustavo e saio, meio tonta, da boate. O que está acontecendo comigo? Primeiro beijo o garoto falando que não iria passar disso e agora estou aqui fora, me sentindo um monstro.

Encosto-me na parede e respiro fundo.

— Oi! – Uma voz animada me faz levantar a cabeça.

— Oi – respondo automaticamente, vendo tudo girar. É isso que dá ficar enchendo a cara quando não se está acostumada.

— Karolayne? – Minha visão volta ao normal e eu vejo Mauricio sorrindo pra mim.

— Oi, Mauricio. – Sorrio. – Não sabia que vinha aqui.

— Venho quase todo final de semana, e você?

— De vez em quando.

— Vai entrar? – pergunta me analisando com aqueles olhos azuis brilhantes demais.

— Já entrei. – Mostro a pulseira.

— Vamos? – Dá um sorriso sedutor e me estende a mão, que eu sem saber o porquê, a pego.

Quando entramos na boate, não avisto Gustavo e nem Ângela. Ando ao lado de Mauricio até o bar. Ele me entrega uma garrafa de cerveja e eu tomo um longo gole. Uma parte de mim me diz que é errado se misturar bebidas dessa maneira, mas quem se importa com as coisas certas? Ser certinha só me fez mal.

Com esse pensamento, e meio tonta, agarro Mauricio, beijando-o de surpresa. Acho que ele não esperava isso, mas depois do susto ele enlaça minha cintura e me traz para mais perto. Passo os braços ao redor de seu pescoço, nos aproximando ainda mais.

Não sei o que deu em mim para beijar dois garotos na mesma noite. Eu nunca fui do tipo que achava isso certo, mas o que é certo? Trair e depois dizer que ama?

Quando me afasto dele, tomo outro gole de cerveja. Se eu começar a pensar em meus atos, vou chorar, portanto. prefiro encher a cara e só ser uma adolescente normal que sai na sexta à

noite.

— Não achei que fosse do tipo de sair beijando. — Mauricio sorri admirado. — Pedro me falou que é do tipo que espera flores.

— O que Pedro sabe? — pergunto voz enrolada. — Ele só é um Mané!

— Eu ouvi isso tá, Kerolayne? — Ele surge magicamente atrás de seu amigo.

— Tô nem aí. — Rio alto. — Sua opinião não vale nada!

Antes que ele possa responder, puxo Mauricio pela gola da camisa e o beijo de novo. Pedro não queria que eu fosse uma mulher forte e decidida? Era isso que eu estava sendo. Decidi beijar dois garotos em uma mesma noite e encher a cara para esquecer-se de meu Ex. Finalmente tinha deixado o romance de lado. O certo era curtir agora, para ter o que contar depois.

Os dedos de Mauricio se entrelaçam em meus cabelos e eu dou um passo para trás, me encostando à parede.

Afasto-o para tomar fôlego. Antes que ele possa me beijar de novo, coloco as mãos em seu peito, o detendo. Ele tira a franja de meu rosto, seus olhos azuis brilham. Tiro as mãos de seu peito e as entrelaço em seus cabelos cacheados, que são extremamente macios.

Ele coloca uma mão em meu pescoço e me beija de novo. Uma parte de mim reconhece esse gesto e a outra nem quer saber, só querendo continuar beijando o garoto loiro e entusiasmado a sua frente.

A batida eletrônica muda, se tornando uma melodia doce que acalma os ânimos e faz minha parte racional voltar à tona. Afasto Mauricio e saio, deixando-o com cara de bobo me olhando. Estou tão tonta, que me firmo no balcão do bar. Tudo gira e meu estomago revira.

— Uma água. — Peço ao barman, que me entrega uma garrafa d'água já aberta e com um canudo. Lhe entrego o dinheiro e tomo um longo gole, que desce queimando por minha garganta.

— Karolayne. — Ângela me puxa e eu a encaro, meio zonza. — Você está bem?

— Não. — Acredito ter falado isso, mas minha voz está tão enrolada que nem eu me entendo.

— Meu Deus! — Ela se inclina e me avalia. — Nunca te vi tão bêbada.

— Nem eu. — Começo a rir.

Ela sacode a cabeça e eu continuo rindo, sem saber qual é a graça.

— Vamos para casa antes que você resolva beber ainda mais. — Me puxa pela mão.

Quando chegamos em frente à boate, tiro o sapato e me firmo no ombro de Ângela.

— Qual... Ser... Problema? — pergunto ainda rindo.

— Você... — Me olha de forma reprovadora. — Abandonou Gustavo e quando te encontrei, estava se agarrando com outro. Até ficaria orgulhosa de estar seguindo em frente, mas agora estou muito brava por você ter bebido tanto.

— Ah, qual... é — me arrasto ao seu lado até o carro. — Estou me tornando uma mulher forte e decidida.

— Não está não. Amanhã vai estar arrependida e de ressaca. Tem que trabalhar, lembra?

— Não. — Me joga no carro.

Ângela está tão irritada, que não fala nada. Quando chegamos, ela me arrasta até o elevador. A partir daí, tudo se torna um borrão.

11- Ressaca

Acordo com dor de cabeça e enjoada. Me levanto e vejo que ainda estou com a mesma roupa de ontem. O que tinha acontecido? Vejo a hora no relógio de cabeceira. Ainda tenho quarenta minutos.

Arrasto-me até o banheiro e ligo o chuveiro. Jogo a roupa no chão e entro na água fria. Meus olhos ardem, minha cabeça lateja e meu estômago revira.

Desligo o chuveiro e sinto cheiro de café, isso me enjoa tanto, que chego a vomitar, e algo me diz que isso se chama ressaca. Saio do banheiro e visto a primeira roupa que vejo na frente: Calça jeans desbotada e uma regata azul. Calço meus all star e depois escovo os dentes e penteio os cabelos.

Quando estou na porta, lembro-me de que tenho de posar com as gêmeas hoje. Volto e jogo um pijama, uma peça de roupas e lingerie na mochila. Vou ao banheiro e pego minhas escovas de dente e cabelo.

Coloco meus óculos escuros, com estilo retro, e saio. Aceno para minha avó e quando chego à rua, minha cabeça dói tanto que parece que vai explodir. Sinto estar esquecendo de alguma coisa. Enquanto caminho, tento me lembrar, mas isso só faz com que minha cabeça doa mais.

Encontro com Marta no portão e ela me deseja um bom dia. Retribuo e entro, dando graças pôr as gêmeas ainda dormirem. Me jogo em uma cadeira na cozinha, largando a mochila de qualquer jeito no chão.

— Credo menina! – Nancy me olha. – O que você tem?

— Dor de cabeça. – Ajeito meus óculos escuros, me sentindo enjoada.

— Quer um café?

— Não. – Resmungo afundando a cabeça na mesa.

Ela resmunga alguma coisa e sai. Nem presto muita atenção, só levanto a cabeça quando me lembro de ter beijado Gustavo e depois Mauricio.

— Qual é o meu problema? – Falo alto, balançando a cabeça.

Sinto-me péssima. Como eu pude ficar com dois garotos em uma mesma noite? E minhas convicções sobre só beijar alguém quando sentisse alguma coisa?

— Ai, meu Deus. – Levanto da mesa passando a mão em meus cabelos molhados.

Como eu pude beber tanto e beijar dois garotos diferentes?

— Kerolayne. — Pedro aparece na minha frente. Está vestindo camiseta branca e calça de flanela azul, também segura uma xícara de café. — Você estava muito engraçada ontem.

— Estava? — Reposiciono meus óculos, que estão escorregando.

— Uhum. — Ele ri alto, jogando a cabeça para trás. Seus cabelos bagunçados estão pior que de costume. — Saiu beijando Mauricio numa selvageria. E ainda fala mal de mim.

— Sério?

— Uhum. — Ele parece estar se divertindo com a situação. — Está seguindo meus conselhos?

— Não! — Ergo os braços, exasperada. — Eu nem lembro direito o que fiz. Eu não sou uma pessoa assim, e ainda tem Henrique!

— Seu ex-namorado, que lhe colocou uma galhada na cabeça?

— Você não está ajudando Pedro. — O encaro, me sentindo estranha.

Sento no chão gelado da cozinha e apoio a cabeça nos joelhos. Sei que falei inúmeras vezes que...

Pego meu celular no bolso da mochila e abro a mensagem de Ângela. É o mesmo mantra de sempre.

— Eu nem gosto mais dele! — falo alto, quando ela atende o celular. — Então dá para parar com essas mensagens?

— Não. — Ela ri. — Você ainda não o esqueceu, porque quando eu te deixei na sua casa, você começou a chorar falando que o amava.

— Eu comecei a chorar falando que o amava? — Mordo os lábios e me xingo de todos os palavrões que conheço.

— Aham. — Ela ri mais uma vez. — Chorou tanto, que chegou a ser engraçado. Não parava de dizer que seu pobre coração estava em cacos e que doía mais que uma topada no dedão.

— Ai, meu Deus — choramingo. — Bêbados só falam a verdade?

— Sim e você ainda está caidinha por ele. Isso é macumba amiga!

Desligo o telefone, não quero saber de mais nada. Minha vida é um mico gigante que só cresce.

— Está chorando Kerolayne? — Pedro senta ao meu lado, parece muito divertido com a situação.

— Tô — resmungo. — Beije dois garotos diferentes e ainda fiquei chorando por causa de Henrique. Qual é o meu problema?

— Beijou outro garoto além de Maurício? — Ele tira meus óculos escuros e chega mais perto. Consigo sentir seu cheiro de sabonete.

— Aham – choramingo e o puxo pela camiseta. — Me diz o que tem de errado comigo?

— Nada. — Ele tira meus dedos de sua camiseta, sem muita delicadeza. — Você só está sendo adolescente. Qual é o drama nisso, menina?

— Não sei. — Aperto as têmporas, me sentindo cansada. — Nunca fui uma adolescente normal.

— Percebe-se. Isso não é a reação de alguém que se dá bem na balada.

— Eu não saí para me dar bem na balada. — Pego meus óculos de sua mão. — Eu saí para provar a Ângela que não estou na fossa. Ela só fica me passando mensagens para não voltar com Henrique e blá, blá, blá.

— Kerolayne... — Ele me entrega sua xícara de café. — Acho que você ainda está bêbada. Toma um pouco de café.

— Por que acha que estou bêbada? — pergunto tomando um gole e já ficando enjoada.

— Por que está me fazendo de confidente? — Ergue uma sobrancelha.

— Acho que ainda estou bêbada. — Afundo a cabeça nos joelhos. — Você não é um bom conselheiro.

— Depois de me encher com seus dramas ainda me ofende.

— Me desculpa. — Faço um beicinho. — Mas você não é bom conselheiro. Suas palavras ficaram na minha cabeça e olha o que aconteceu.

— Agora eu sou o culpado? — Me olha, zangado.

— Não. — Olho para ele e ele sorri. — Você está me deixando confusa.

— Sua vida é uma confusão, Bá. — Ele bagunça meus cabelos de uma forma carinhosa, e o olho, confusa. — Primeiro você é uma romântica tola. Depois corna, com o perdão da palavra, e ainda por cima não sabe ser adolescente.

Meus lábios tremem e eu começo a chorar. Pedro tem razão, eu estou bêbada ainda, mas ele não precisava falar que eu era corna. Isso magoa.

— Ah, Kerolayne. — Pedro chega mais perto e me abraça. — Será que você poderia, por favor, voltar a me xingar e parar de chorar? Prefiro você assim.

Começo a soluçar e isso o assusta. Quando percebo, minha cabeça está afundada em seu peito e ele acaricia meus cabelos. Obviamente ele muda de reação quando vê uma garota chorar, e por ser Pedro, isso é estranho. Acho que ouvir de sua boca que eu era corna me trouxe para uma

triste realidade, a de que mesmo bêbada, não consigo esquecer aquele idiota. As lágrimas escorrendo de seus olhos quando falei que o odiava me assombram. O mantra de Ângela não tem mais nenhum efeito. São apenas palavras, não sentimentos; não podemos arrancar um amor do peito tão fácil, não podemos achar que não pensando, não vai doer. Meu maior erro foi tentar não sentir.

Lembro-me de que beijei dois caras diferentes e isso dói. Trai a mim mesma e as minhas convicções. Nunca fui e nem vou ser do tipo que sai beijando por aí. Beijos são pequenas formas de amor, não podemos desperdiçá-los com qualquer pessoa.

— Kerolayne... — Pedro continua acariciando meus cabelos. — Você não pode ficar chorando por algo que já fez. Isso não vai mudar nada. Não vai mudar o fato de que ficou bêbada e beijou dois caras, e principalmente, não vai mudar o fato da traição de seu ex-namorado. Não pode ficar tentando mudar as coisas que já aconteceram.

Ele tem razão é claro, mas não consigo parar de chorar. Guardei por tantos dias, a dor em meu peito, que agora que ela finalmente saiu, é como uma represa quebrada, não dá para deter o fluxo tão rápido quanto se gostaria.

Tento parar de soluçar, mas falho vergonhosamente.

— Por que ele me traiu? — pergunto baixinho, como uma menina boba que precisa de respostas.

— Eu não sei. — Ele para de acariciar meus cabelos. — Talvez por não querer compromisso, ou por sentir atração pela garota. Essas coisas acontecem. Ninguém é fiel Kerolayne, assim como ninguém valoriza nada.

— Eu fui fiel. — Levanto a cabeça. — E o valorizei.

— Talvez tenha sido esse o problema.

Horrorizada, percebo que estou praticamente no colo de Pedro. Minhas pernas estão em cima dele e seus braços estão em volta de mim. Sua camiseta está molhada por minhas lágrimas.

— Talvez... — Mordo os lábios e seco meu rosto. — Mas não importa.

Tiro os braços de Pedro de cima de mim e me levanto. Não olho para ele enquanto pego minha mochila e saio da cozinha.

12- Festa na piscina

Não volto a falar com Pedro. Estou envergonhada demais para encará-lo, estou me dando a desculpa de que ainda estava sobre o efeito de álcool. Manu e Bia parecem saber de alguma forma que não estou bem. Pedem-me insistentemente para vermos algum filme, ao invés de sairmos, para passear no parque. Tenho certeza de que se for naquele lugar, vou começar a chorar bem mais alto do que hoje de manhã.

Elas escolhem ver “*A Princesa e o Sapo*”, e como a boba que sou, acabo chorando no final. Manu acha isso divertido, já Bia chora junto, achando que me machuquei.

— Calma querida. — A pego no colo. — Estou chorando de felicidade.

— Mesmo? — Passa as mãos pequeninas em meu rosto e eu concordo.

— Que tal brincarmos de teatro? — Proponho. — Posso ser a bruxa malvada.

— Hoje eu vou ser a bruxa! — Manu pula do sofá, rindo. — E vou pegar vocês!

Eu e Bia saímos correndo com Manu em nosso encalço. Uma das partes divertida de meu emprego é que eu passo metade do tempo brincando. É legal poder voltar a ser criança de vez em quando, como já dizia Clarice Lispector: *Joelhos ralados curam mais rápido que corações partidos*.

— Vou pegar vocês! — Ela grita.

Eu e Bia corremos para o jardim. Desviando-nos da grade de proteção da piscina e nos escondemos atrás de uma árvore.

— É mais legal ela ser a bruxa. — Bia consegue falar entre risos, ao ver a irmã nos procurando como uma barata tonta.

— Uhum. — Coloco o indicador nos lábios e saio de trás da árvore, ficando atrás de Manu. — Peguei você!

— Não tem graça! — Ela faz um beicinho. — Eu é que tinha que pegar você.

— Mas eu te peguei antes. — Faço cócegas nela, que começa a gargalhar.

Brincamos por mais um tempo. Depois estamos tão cansadas, que simplesmente nos estiramos no tapete felpudo da sala. Antes que elas adormeçam lhes dou banho, e, dessa vez, tranco a porta do banheiro para Manuela não fugir.

Enquanto preparo o jantar, as meninas assistem tv. Quando vou lhes servir, dou um pulo. Uma música eletrônica ensurdecadora começa a tocar e o som está próximo, vem mais precisamente da piscina.

Deixo as meninas comendo e vou até lá. Vejo Pedro dando uma festinha para alguns amigos, dentre eles Mauricio, que acena entusiasmado para mim, mas eu o ignoro. Puxo Pedro pela camiseta e o fuzilo com os olhos:

— Será que dá para você abaixar essa sua música? – Coloco as mãos na cintura. – Suas irmãs tem que dormir cedo, e elas vão se assustar com esse barulho todo.

Ele me avalia e toma um gole de cerveja.

— Não. – Sacode a cabeça e percebo que ele está meio bêbado. – Estou dando uma festa e festas tem música.

— Só que suas irmãs estão em casa. – Bato o pé, ignorando os risinhos de seus amigos e da garota ruiva que se agarra em seu pescoço. – Elas precisam dormir na hora certa.

— Não vou abaixar a música, Kerolayne. – Ele ri da minha cara, e eu me seguro para não lhe dar um soco. – A casa é minha.

— Então vou ligar para sua mãe. – Tiro o celular do bolso. – Tenho certeza de que ela não vai gostar nada de saber que você está dando uma festa, sendo que suas irmãs, que são bebês, estão em casa.

— Elas não são bebês! – grita e pega o celular de minha mão. – E você não vai ligar para ela.

Iria gritar mais alto que ele, mas quando olho pra baixo vejo Bia, que está agarrada em minha perna, me olhando assustada. Ao seu lado está Manuela, tão assustada quanto a irmã.

— Satisfeito? – pergunto apontando as meninas. – Se elas começarem a chorar, você apanha Pedro Henrique!

— Elas não vão chorar. – Ele sorri para elas, que se escondem atrás de mim.

— Tem razão – falo com raiva. – Elas já estão chorando!

Me aproximo dele, tentando intimidá-lo, mas isso só faz com que ria ainda mais, sou bem mais baixa do que ele. Uma raiva insana me preenche. Dou um passo e agarro Pedro pela camiseta, o encarando com um olhar homicida, ele sorri e estreita os olhos. Fecho a mão esquerda e junto toda a minha força. Ele parece perceber o que vou fazer e tenta se desvencilhar, mas não tão rápido porque o atinjo no olho direito com um soco tão forte, que faz minha mão arder.

— Kerolayne! – Ele grita.

— Eu falei que se você as assustasse, apanharia. E devolva meu celular!

Ele passa a mão no rosto, parece não acreditar que eu tive a audácia de socá-lo. A ruiva me encara como seu eu fosse um alienígena, e Mauricio ri tanto, que parece um urso sufocando. Os outros, duas garotas e um garoto moreno, riem de forma mais contida.

— Está aqui seu celular. — Coloca o aparelho na minha mão e me olha zangado. — E isso vai ter volta, garotinha.

— Tô nem aí!

13- Beijo roubado

Levo um bom tempo para acalmar as meninas e fazer com que durmam. Dá tempo de ler duas histórias até o som ensurdecedor diminuir. Desligo o abajur e vou para o primeiro andar. Cada vez que durmo aqui fico no quarto de hóspedes, o de empregada é de Nancy.

Quando termino de arrumar a cozinha, olho para o jardim. Tomo um susto ao ver Pedro se agarrando com a ruiva na piscina. Desvio o rosto quando ele joga sutiã dela no meio da grama. Apago a luz e vou para meu quarto.

Pego o pijama que escolhi às pressas: regata branca de bichinhos e short xadrez de algodão. Vou para o banheiro e tomo um banho demorado. Minha cabeça lateja e ainda estou enjoada.

Penteio meus cabelos, que já chegam à cintura, e escovo os dentes. Meu cabelo molhado pinga em minhas costas, mas ignoro. Minha cabeça dói demais. Levanto da cama decidida a achar um remédio.

Aperto as têmporas enquanto caminho até a cozinha. Lembro me de que Nancy sempre guarda um remédio para dor de cabeça no armário. Fico na ponta dos pés tentando alcançar a porta mais alta, desisto e pego uma cadeira. Como me lembrava, o remédio está lá. Desço e pego um copo, o enchendo de água gelada. Tomo o comprimido e sento no chão, cruzando as pernas embaixo de mim. Fecho os olhos com força, o dia foi estressante demais.

Pedro foi legal de manhã comigo, mas nunca se pode esperar demais de alguém irresponsável.

Tomo mais um gole da água gelada. Respiro fundo, tentando conter a náusea. Encosto a cabeça no armário vendo tudo girar, não consegui comer nada o dia todo. Nunca fui de beber, portanto não sei quais são os sintomas de ressaca.

Cruzo as pernas na altura dos tornozelos e encosto o copo gelado na testa, alivia um pouco. Olho para minha mão e vejo que os nós dos dedos estão arroxeados. Nem quero pensar em como deve ter ficado a cara daquele idiota.

Fecho os olhos e pressiono o copo gelado contra a testa. Não sei por quanto tempo fico assim, só abro os olhos quando algo cai em meu pé.

— Ai! — exclamo e coloco o copo no chão. Olho pra cima e vejo Pedro me olhando, parece muito zangado. Seu olho está roxo.

— Isso lá é lugar para se dormir, menina? — pergunta com a grosseria de sempre.

— Não estava dormindo. — Faço cara de zangada e me levanto.

— Até que você é bonitinha, Kerolayne. — Ele sorri. — É uma pena que seja tão brava e tola.

Não respondo e encosto-me à pia, Pedro bloqueia minha saída. O remédio está fazendo efeito e a cozinha para de girar.

— Você é mais que bonitinha... — ele abaixa o tom de voz.

— Obrigada. — Agradeço e o empurro para o lado, mas ele me segura.

— Não vou falar para minha mãe... que me agrediu. — Seus olhos estão brilhantes demais e o hálito de cerveja me deixa enjoada. — Então não fale da festa.

— Não vou falar, mas suas irmãs vão. — Tiro suas mãos de minha cintura e tento sair, mas ele segura meus pulsos e me puxa para mais perto.

— Elas não vão falar nada. — Pedro aperta meus pulsos com mais força. — E você também não.

— Não vou falar. — Tento me afastar, mas o aperto em meus pulsos se torna de aço. — Agora me solta.

— Não. Ainda tenho que fazer mais uma coisinha. — Ele me puxa contra si, fazendo com que não tenha espaço algum entre nós.

Pedro solta meus pulsos e enlaça minha cintura. O encaro assustada. O que ele iria fazer?

Antes que eu tenha tempo de pensar, Pedro se inclina e me beija. O toque quente de seus lábios nos meus faz uma corrente elétrica percorrer meu corpo. Começo a empurrá-lo, mas ele é muito forte, é como tentar mover a muralha da china.

Começo a me debater, mas Pedro volta a segurar meus pulsos com força. Dou um passo para trás, tentando me afastar. Sem alternativa, piso em seu pé e ele finalmente me solta. Passo a mão em meus pulsos, que estão vermelhos.

— Por que fez isso? — pergunto ao mesmo tempo em que tento parar de tremer.

— Você gostou, Kerolayne. — Ele dá um passo em minha direção. — Todas gostam. Agora vem cá.

Antes que ele possa me agarrar de novo, saio correndo e entro no quarto, trancando a porta com a chave.

Encosto-me à porta e começo a chorar. Meu coração bate descompensado. Olho meus pulsos e vejo a marca dos dedos de Pedro. Por que ele fez aquilo?

Levanto e vou até o banheiro. Lavo as mãos e escovo os dentes de novo. Lembro-me do cheiro de cerveja e vomito o que não tenho no estômago, depois vou para a cama e me encolho.

Nunca senti tanto medo na vida, ele me olhava alucinado. Nunca pensei que Pedro chegaria ao ponto de me agarrar.

Adormeço ainda chorando e, quando acordo, demoro um bom tempo até me vestir e sair do quarto. Olho ao redor antes de ir para a cozinha, a casa está silenciosa.

Vou para o jardim. Tem garrafas jogadas para todo lado, resolvo limpar. Manu tem mania de vir brincar no jardim escondido, não quero que ela se machuque. Vou até a lavanderia e pego sacos de lixos. Olho meus pulsos e vejo que estão com fortes marcas roxas.

Sacudo a cabeça e toco meus lábios, sentindo repulsa. Começo a colocar as garrafas no saco de lixo, com cuidado para não fazer barulho, não quero que Pedro acorde e venha me importunar; ou pior, tentar me agarrar de novo. Fico com medo só de imaginar.

Encontro a última garrafa no meio das rosas. O sutiã da ruiva ainda está ali, com a ponta dos dedos o jogo no saco. Garoto insuportável, não se contentou com a ruiva ainda teve de me agarrar.

— Você não precisa fazer isso.

Tomo um susto e derrubo o saco de lixo. Pedro me encara, seu olho está mais roxo.

— Não me importo – murmuro e pego o saco, dando um passo para trás. Meus lábios tremem e eu os mordo, tentando não demonstrar que estou com medo.

— Kerolayne... – Ele dá um passo em minha direção e eu recuo. – Eu não sei o que deu em mim. Desculpe-me.

Não respondo e olho para meus pés. Sei que é uma atitude irracional, mas ele é bem maior do que eu, e se tentar me agarrar de novo, eu não vou conseguir fugir.

— Me desculpa – repete e quando olho para cima, vejo que ele está na minha frente. A marca de meu soco está visível em seu olho esquerdo.

— Tudo bem. – Respiro fundo, dizendo a mim mesma que ele estava bêbado e não conseguia pensar direito.

— Sério? — Arqueia uma sobrancelha.

— Uhum. – Forço um sorriso. – Você não teve culpa.

— Me dá isso. – Aponta o saco.

Estendo a mão, ele pega o saco e olha meu pulso, depois olha pra mim, me avaliando. Tento não tremer quando ele pega minha mão.

— Eu não sei o que deu em mim – diz, segurando meus dedos. – Vou entender se quiser falar para minha mãe ou me bater de novo.

— Não vou te bater e nem falar para sua mãe. — Eu não tinha esse direito, já que o agredi também.

— Tudo bem — ele continua segurando meus dedos. — Eu não queria ter feito isso. Não queria ter te assustado.

— Você não teve culpa. — Lembro-me de mim mesma ficando com dois garotos em uma mesma noite e decido que não tenho como julgá-lo, se eu mesma perdi o controle.

— Você é um anjo. — Beija meus dedos. — Prometo nunca mais fazer festas escondido, nem assustar minhas irmãs.

— Tudo bem. — Retiro delicadamente minha mão. — Tenho que ver as meninas.

14- Fechada para reforma

Por mais que queira não consigo voltar a falar com Pedro normalmente. Não consigo evitar lembrar da forma assustadora como segurou meus pulsos.

Quando contei isso para Ângela, ela ficou muito brava e queria tomar satisfações. Expliquei da melhor maneira que ele se desculpou e agora estava tudo bem.

Com as aulas das gêmeas começando, resolvi fazer um curso de inglês. Com o convenio de minha mãe, ganho um bom desconto. Nas terças, quartas e quintas, tenho curso das duas às quatro e meia, tempo suficiente de levar e buscar as meninas na hora certa.

Consigo ignorar as tentativas de aproximação de Henrique com bom humor. Ontem lhe dei a desculpa de estar fechada para reforma, inesperadamente ele riu, acho que finalmente entendeu que não vamos voltar.

Pedro começou a trabalhar todos os dias, então não o vejo muito. Marta chegou a perguntar o que aconteceu com olho dele, mas ele deu a desculpa de ter batido na cama. Acho que ela não acreditou muito.

O tempo passou rápido, e quando percebi, o baile de máscaras já estava próximo. Achei um vestido às pressas e Ângela conseguiu uma máscara para mim. Ela reclamou várias vezes de que tinha me avisado, mas com alguns ajustes e um toque pessoal, tenho certeza de que meu vestido poderá competir com o da cinderela, claro, tirando o negócio das doze badaladas e o sapatinho de cristal. Ainda estou naquela fase de não ler nada e não ser mais romântica. Esses dias, joguei meu exemplar de *Julieta Imortal*, que tinha esquecido no quarto das meninas, no lixo. Não quero pensar em amor, beijos e nada que envolva garotos.

Caminho rapidamente pelo corredor apinhado da faculdade. Ainda estou pegando carona com Ângela, portanto, tenho que passar pelos corredores de biomedicina e direito, para meu estresse total, já que as pessoas parecem não me enxergar.

Desvio-me de uma garota, que me olha de cara feia quando derrubo meu livro em seus pés, e continuo tentando sair. Tenho certeza de que se demorar um pouco mais, minha melhor amiga estressada vai me deixar ir a pé.

— Karolayne! — Alguém me chama e eu me viro. É Mauricio.

— Oi! — Volto para trás, ficando de frente para ele, que está ao lado do bebedouro. Seus cabelos cacheados grudam na testa e os olhos azuis brilham, está de calça jeans preta e camiseta branca.

— Oi. — Ele sorri. — Queria saber se vai ao baile de máscaras no clube.

— Vou sim. — Seguro os livros contra o peito. — E você?

— Também. Vamos juntos?

Olho para meu all star desbotado. Como vou falar para ele que não quero me envolver com garotos por um tempo? Opto por falar a verdade, mas quando falo não são estas as palavras que saem de minha boca:

— Claro. Vai ser divertido.

— Quer que eu busque você em casa? — Ele me olha ansioso.

— Vou com Ângela — explico gentilmente. — Nos encontramos lá.

— Tudo bem. — O sorriso dele murcha. — Posso te levar pra casa então?

Olho novamente para meus pés, em busca do que falar. Como vou falar que ele não pode me levar para casa, quando está sendo tão gentil comigo?

— Kerolayne não pode voltar pra casa com alguém que não seja Ângela. — Levanto a cabeça e dou de cara com Pedro.

— Isso aí — confirmo. — Nos encontramos lá.

— Te vejo amanhã. — Ele sorri de novo e eu retribuo.

— Tchau. — Aceno e saio rápido.

O corredor está menos movimentado. Rapidamente chego ao estacionamento e conto a Ângela sobre meu encontro enfadonho.

— Então quer dizer que ele livrou sua cara? — pergunta quando falo que Pedro me deu uma boa desculpa para não voltar com Mauricio.

— Sim. Deve ser peso na consciência por ter me machucado.

— Acho que sim. Então vai ter de ficar no baile com Mauricio?

— Infelizmente. Queria ter falado não, mas não consegui. Agora vou ter de ficar com ele, não quero ficar com ninguém! — Choramingo quando já estamos chegando em casa.

— Nossa... — Me olha com pena. — Mas pensa pelo lado bom, você vai estar linda e acompanhada de um garoto maravilhoso.

— Nem tanto — discordo. — Nem conheço ele direito.

— Vai dar tudo certo, Karolayne. — Ela tenta me motivar e eu balanço a cabeça, quase de acordo.

15- Entre velas e beijos roubados

Olho-me mais uma vez no espelho. Não posso evitar ficar girando feito uma boba. Meu vestido é tão lindo, que nem parece que custou tão pouco.

Vó Hortência fez um pequeno milagre. O vestido é creme e arrasta no chão. Parece do século dezenove, porque tem um corpete justo demais, e é bordado a mão, com pequenos cristais. A saia longa do vestido também é bordada. Pego a máscara, simples que apenas cobre os olhos.

Meu cabelo está cacheado somente nas pontas. A franja está presa, juntamente com algumas pontas, por um fino fio de ouro que se perde no meio dos cachos.

Respiro fundo e desço as escadas com cuidado. Meu sapato branco, de salto quadrado, combina perfeitamente com o vestido. Quando chego à sala, minha mãe me olha envaidecida e ajeita mais uma vez meus cabelos.

— Está tão linda! — exclama orgulhosa. — Seus olhos estão tão brilhantes.

Olho meu rosto no espelho da sala e vejo que é verdade. O lápis preto, com traço forte, destaca meus olhos cinzentos, os deixando mais claros. Meus lábios estão cobertos de gloss rosa.

Alan e Patrick me olham, e pela primeira vez na vida, não falam nada. Minha avó tira a milionésima foto antes de finalmente me deixar sair. Saio do apartamento e encontro Ângela no corredor, seu vestido é preto e curto, com saia rodada e corpete justo. Os cabelos, em estilo Chanel, estão perfeitamente lisos e seu rosto está digno de uma revista de moda.

— Meu Deus! — Ela pega minhas mãos, que estão cobertas por uma luva de seda branca. — Você parece uma princesa. Tem certeza de que não é a Branca de Neve?

— Tenho. — Começo a rir. — E você também está linda.

— Não como você. — Segura a máscara, da cor de seu vestido e sorri.

Conversamos, animadas, até chegarmos ao clube. Lá, deixamos Giselda aos cuidados do manobrista e subimos as escadas. Tenho que segurar a barra de meu vestido, porque ela arrasta no chão.

Quando chegamos à porta, coloco a máscara. Ângela faz um tope na fina fita de cetim branca e eu faço o mesmo em sua máscara. O lugar é incrível, todo iluminado por velas, como nas festas antigas. A luz mais forte vem da pista de dança.

Descemos um lance de escadas e eu deslizo a mão pelo corrimão. Quando estou no último degrau, alguém de terno faz uma reverência e pega em minha mão.

— Senhorita. — Ele beija minha mão. — Seja bem vinda.

Seguro a barra do vestido e faço uma reverência. Espero por Ângela, que me olha balançando os cabelos.

— Está se sentindo em casa não é? – Apenas seus lábios são visíveis. Seu vestido preto com detalhes dourados brilha quando é tocado pelas fracas luzes.

— Você sabe que sim – confirmo, desistindo de deixar de lado os contos de fadas.

— Só espero que Mauricio seja um verdadeiro príncipe. – Ela sorri. – Você nunca vai deixar esse seu lado de garota que vive no século errado.

— Não.

E eu não sinto nada de errado por confirmar isso, quer dizer eu tentei ser uma adolescente normal, só que isso deu muito errado. Aquela parte gigantesca de mim que culpava os livros por Henrique ter me traído está diminuindo, assim como minha paixão e sua vontade de rearmos. Minha mãe tem razão, o tempo cura tudo, até o ego ferido.

A música começa e poucas pessoas se atrevem a dançar. Dou um passo para trás e encosto-me à parede. Alguém puxa a mão de Ângela e ela é conduzida até a pista, como sempre minha melhor amiga já tem companhia antes da maioria.

As primeiras notas de “A Thousand Years” de Christina Perry, começa e logo me lembro de Edward e Bella. Não posso evitar sorrir, quem não sorriria diante de uma união que foi para sempre?

— Me concede esta dança, senhorita? – pergunta um rapaz usando uma máscara preta, que só deixa os lábios visíveis. Ele se curva diante de mim e faz uma reverência.

— Claro – concordo e ele beija minha mão. Depois me conduz até a pista de dança.

Começamos a dançar e eu tento reconhecê-lo. Alguma coisa nele é familiar, e ele falou comigo de uma forma sedutora, uma forma que faria qualquer garota aceitar dançar com ele.

— Estranho não – comenta de forma misteriosa –, em meio a tantas pessoas eu conseguir te encontrar.

— Estava me procurando? – pergunto, incrédula.

— Estava. – O modo como fala tão correto soa estranho. – Karolayne.

O jeito como pronunciou o meu nome, como se fosse uma promessa escondida, me fez sorrir.

— E por que estava me procurando?

Ele me gira, fazendo meu vestido rodar. Em segundos, minha mão está pousada no seu ombro. A luz bate em seu rosto e ele o desvia. O terno que está vestindo é comum, na realidade, a

maioria está de terno preto e gravata borboleta.

— Isso não é importante – sussurra. – O importante é que te encontrei.

— Como se chama?

— Ninguém com tamanha importância a ser mencionado, senhorita.

— E o que tem tamanha importância?

A música está chegando ao fim. A cantora sussurra as últimas notas em sua voz melodiosa, algo sobre esperar por um cara durante mil anos.

Outra música começa a tocar: “Trust me” de The Fray. Amo essa música.

— Você é a única coisa... — Ele me ergue e eu apoio as mãos em seus ombros. — Que importa.

Olho pra ele e ele simplesmente dá de ombros, como se ser um mistério fosse o ponto alto de sua noite.

— Confie em mim – ele sussurra. – É o que essa música significa.

— Minha música favorita – admito e sorrio.

— Hoje, aqui, amanhã se foi – fala em meu ouvido. — Se eu disser quem eu conheço, isso apenas vai mostrar que você precisa de mim menos do que eu preciso de você. Veja por mim, nós não temos simpatia.

Sorrio. De que livro saiu esse garoto?

— Quem é você? – Pergunto encantada.

— E então, quem sabe, talvez você não entenda – ele sussurra outra vez e eu sei que ainda está sussurrando as frases da música, e não me respondendo.

Outra música de The Fray começa, e eu começo a acreditar que o DJ deve estar com o coração partido. Nos primeiros acordes de “Look After You”, os lábios do garoto tocam os meus de uma forma ousada e gentil. Enquanto o beijo, tento pensar em quem poderia estar atrás daquela máscara. Quem que me conhece a ponto de saber que me encantaria com versos sussurrados durante uma dança?

— Seja minha garota – ele fala e segura a ponta de meus dedos. – E eu cuidarei de você.

— Outra frase da música? – Começo a achar que ele está de complô com o DJ.

— Que se encaixa perfeitamente na realidade. – Ele me beija outra vez e entrelaça seus dedos nos meus. Meu coração acelera e eu começo a achar que devo ter caído e batido a cabeça com muita força. Isso só pode ser alucinação.

— Não vai me falar quem é você?

Ele segura um cacho de meu cabelo entre os dedos e me olha.

— Sou um erro que beija bem.

A frase me deixa mais confusa ainda, mas não tenho tempo de fazer mais perguntas porque ele abre minha mão e deposita um lenço na palma, fechando meus dedos ao redor do tecido.

— Para você não se esquecer de mim. – E então ele me beija pela última vez e se afasta, subindo as escadas e se perdendo no meio das pessoas.

16- Aonde foi parar meu príncipe?

Aperto o lenço entre meus dedos. Levo dois segundos para decidir que não posso deixar aquele garoto ir. Não são todos os dias que um príncipe aparece na minha vida, e sendo eu, é melhor correr antes que alguma loira o tome de mim.

Seguro a saia de meu vestido e subo as escadas correndo. Chego à entrada, mas não o avisto e fico mais confusa ainda. A maioria dos garotos que vejo está vestido da mesma forma que o Príncipe. Resolvo descer as escadas. Meu vestido arrasta, mas eu não tenho tempo de pensar nisso.

Antes que eu possa chegar ao fim das escadarias, alguém segura meu braço. Tiro a máscara e vejo Mauricio, ele está todo desganhado.

— Oi – falo e o avalio. Será que é ele?

— Oi. – Ele pega minha mão e a beija. – Desculpa o atraso.

— Tudo bem. – Nem me lembrei dele, mas não preciso falar isso. – Então, ainda não entrou?

— Não. – Ele balança a cabeça, negando, e eu já o descarto. Não tem como Maurício ser o Príncipe. – O transito estava infernal. Parece que todo mundo resolveu vir a este baile.

— Nossa. – Sento na escada e meu vestido se espalha pelos degraus. – Lá dentro também está lotado.

— Que ruim. – Ele senta ao meu lado e suspira. – Acho que nem vale à pena entrar.

— Acho que não. – Será que ele vai tentar me beijar?

— Karolayne? – Olho para cima e vejo Gustavo, ele também está de terno. – Tudo bem? – Ele também beija minha mão.

— Tudo e você? – O avalio, tentando achar alguma coisa que indique que ele é o Príncipe.

— Tudo bem também. – Ele sorri de um jeito que deixaria qualquer modelo frustrado. – Está muito bonita.

— Obrigada – sorrio também.

— Vai entrar? – Gustavo olha para Mauricio, que faz um beicinho.

— Não. – Afasto os cabelos do rosto. – Está muito cheio

— Nos vemos qualquer hora então. – Ele faz uma reverência e sai, me deixando com a

pulga atrás da orelha.

— Quem é esse? – pergunta Mauricio. Seus olhos azuis brilham, me pergunto se seria possível eles ficarem da mesma cor no escuro.

— Um amigo de Ângela – explico e dou de ombros.

— Hum.

— Kerolayne... – Pedro, o irritante, para na minha frente. – Tudo bem?

— Tudo. – O lenço escorrega de minha mão e cai a seus pés. – E você?

— Bem. – Ele pega o lenço e me entrega. Noto que o tecido é azul e tem a letra “k” bordada em dourado.

Aperto o lenço entre meus dedos. Olho mais uma vez para Mauricio. Poderia ser ele o garoto que beijei? Também olho para Pedro, mas este não poderia ser. Ele é grosseiro demais para saber dançar com uma garota, ainda mais beijar de forma delicada, é um brutamontes.

— Anda sumida, Kerolay. – Pedro senta ao lado de meus pés e me olha, seus olhos verdes ficam mais escuros contra a luz. – Fugindo de mim?

— Não. – Na verdade, eu estava sim. – Ando meio ocupada.

— Aham – ele parece não acreditar. – Sei.

— É verdade. – Jogo meus cabelos para trás. – Enquanto suas irmãs estão na escola, eu faço curso de inglês.

— Oi. – Mauricio nos olha. – Eu estou aqui.

— A gente sabe – Pedro fala rindo. – Você não é muito pequeno para não ser notado.

— Eu sei, mas quando você dois começam a discutir, ninguém mais existe. – Ele olha para o amigo. – Rolou até soco na cara.

Fico vermelha e olho para o rosto de Pedro. Somente uma pequena marca ainda é visível, não posso dizer que me arrependo, foi uma vingança antecipada por ele ter me agarrado.

— E eu ainda duvidava de suas pequenas mãos. — Ele pega minha mão e cobre com a sua, a minha some.

— Você provocou. – Retiro minha mão.

— Eu sei. – Ele faz cara feia. – E mereci.

— Meu Deus! – Mauricio me cutuca de leve. – Será que ele foi abduzido?

— Acho que não. É medo de eu contar para Marta sobre ele e a ruiva na piscina. – Pisco para Pedro.

— Você pegou a ruiva de novo? – Mauricio o encara admirado.

— Pegou. — Faço uma cara de nojo. — O sutiã dela estava jogado no jardim.

— Nossa, vocês dois são tão discretos.

— E você não toma jeito. — Mauricio faz uma cara de desgosto. — Ainda pouco estava pegando a Karina, e não tem nem vergonha de sair todo desgrenhado.

Pedro literalmente está fora da lista. Só pode ser Mauricio ou Gustavo. Os dois beijaram minha mão e agiram de modo estranho.

— Cara... — Pedro puxa um cacho de meu cabelo e o enrola no dedo. — Ela é um furacão.

— Não fale de furacão! — exclamo me lembrando de Henrique.

— Vou corrigir — me olha zombeteiro. — Ela era um espetáculo. Satisfeita, Kerolay?

— Não. Será que é tão difícil falar meu nome certo?

— Você fica irritada e é engraçado. — Ele dá de ombros.

Falo um palavrão nada digno de uma moça e me levanto. Vou achar Ângela e falar que vou para casa. É praticamente impossível eu achar aquele garoto. Que droga, quando acho alguém que faz meu coração pular de alegria esse alguém foge, me deixando somente um lenço. Cadê a modernidade? Tipo, e-mail, telefone, Skype?

Meu celular vibra dentro de minha luva e eu o atendo:

— Karolayne! — Ângela grita. — Onde você está?

— Aqui na frente.

— Espera aí que eu já vou, meus pés estão me matando. Não saia daí.

— Não vou sair.

Sento no degrau ao lado de Pedro e guardo o celular novamente dentro da luva.

— Minha companhia é tão boa que se recusa a abandoná—la, Kerolay?

— Eu ainda não estou falando com você. — Lhe dirijo um olhar homicida. — e então, nem comece.

— Credo. — Faz um beicinho. — O que eu tenho que fazer para ter seu perdão, Milady?

— Não chegar mais perto de mim quando estiver bêbado? — Arqueio uma sobrancelha.

— Não fico bêbado com frequência.

— Mas quando fica, acha bom agarrar a babá de suas irmãs? — Não pretendia ficar irritada, mas ele não pode voltar a zombar de mim e achar que tudo vai ficar bem.

— O que eu tenho que fazer para me perdoar, Kerolayne? — Ele se ajoelha na minha frente e eu o olho horrorizada. — Você poderia perdoar este bêbado burro e inconsequente, que feriu seus sentimentos?

— Tudo bem. — Balanço a mão quando ele a beija. — Se tentar de novo quebro seus dedos.

— Ótimo. — Ele se endireita. — E não me leve a mal, mas você não faz meu tipo.

— Vai catar butiá! — Quando olho para o lado, vejo Mauricio dormindo, sua cabeça está pousada em meu ombro. — Você é tão chato que nem seu amigo te aguenta.

— E você mal humorada. — Ele me olha de cara feia. — Ainda chora por causa do Henri?

— Não. — Faço uma careta — Isso é passado.

— Ah, qual é? O mundo sabe que Kerolay não é do tipo que esquece rápido.

— Talvez você nem conheça a Kerolay. E para começo de conversa, eu nem gostava dele... Descobri isso quando o mandei pastar e não fiquei triste, na verdade fiquei aliviada.

— Não? — Ergue uma sobrancelha.

— Não.

— E porque chorou?

— Gostava dele só um pouquinho. — Dou de ombros.

— Sério? — Ele se aproxima mais de mim. — Você não está sendo você. Eu estava esperando que começasse a chorar e tal.

— Não sou do tipo que se lamenta. E não estou mentindo, eu nunca tive certeza se gostava de Henrique.

— Kerolay — Ele me olha e eu percebo que seus olhos são tão verdes quanto o mar. — Por que você namorou ele se não tinha certeza?

— Eu não sei. — Na realidade, foi porque ele foi o primeiro cara que beijei, mas Pedro não precisava saber disso. — Ele foi fofo.

— Foi muito fofo. — Desvia o olhar. — Tão fofo que te traiu.

— Isso não me atinge mais. — Faço um gesto com a mão. — E vocês dois são iguais.

— Somos? — Ele volta a me olhar.

— Vocês dois não levam nada a sério. — E os dois me beijaram a força, mas isso ele também não precisava saber. — E não pensam se magoam ou não alguém.

— Eu não sou do jeito que acha, garotinha.

— Então como é?

Não deu para ele responder, porque Ângela chegou toda espevitada com os sapatos na mão.

— Karly... — Ela se joga na escada ao lado de Mauricio, que dorme tranquilamente. —

Você não imagina. Gustavo ficou um tempão atrás de você, depois sumiu e voltou.

— E o quem de interessante nisso? — Pedro a olha de cima abaixo. Seus olhos param algum tempo nas pernas bronzeadas dela.

— Eu nem deveria falar com você, já que agarrou minha amiga, mas como tenho que falar e Karolayne não está interessada — ela dá de ombros. —, ele está tão na dela!

— Não estou na dele. — Será que ele é o Príncipe? Se é, por que não falou nada quando nos encontramos?

— Você ainda está naquela de fechada pra balanço?

— Aham. — Mauricio se meche e quase caí do degrau. — Não quero ninguém agora, nem que ele seja o Gustavo, seu parceiro gostoso de anatomia.

— Você está estranha. — Ela olha para Pedro. — Ele tentou te agarrar de novo?

— Não. Eu não faço o tipo dele.

— Ah, tá.

— Você faz o meu tipo. — Pedro sorri sedutoramente para ela.

— Mas você não faz o meu. — Ela balança os ombros. — Prefiro os educados.

— Eu sou educado. — Ele levanta e cutuca Mauricio com o pé.

— Não é não. — Ângela também levanta, e me puxa. — Vamos antes que você também durma.

— Não estava dormindo.

— Aham, sei.

Então sou arrastada rua afora, sem saber ao certo quem é o garoto que fez minha noite ser um conto de fadas.

17- Por trás da arrogância

— Dá para você parar de olhar para esse lenço? – pergunta Ângela, na segunda feira de manhã, quando está me dando uma carona até o trabalho.

— Não consigo. – Suspiro. – O garoto não sai de minha cabeça. Pensei nele o final de semana todo.

— Karolayne, tem certeza de que não o conhece mesmo? Pode muito bem ter sido Henrique, ele sabe do que você gosta.

— Não era Henrique, eu o conheço. O perfume é diferente. – O perfume do Príncipe está impregnado no lenço. – E Henrique nem lembra mais que eu existo.

— Então só sobra Pedro, Mauricio e Gustavo.

— Pedro não foi. – Cheiro o lenço mais uma vez. – Ele estava se agarrando com uma tal de Karina, além de ser grosso demais para dançar comigo, ele nem me suporta.

— Então foi Gustavo ou Mauricio.

— Mas por que eles não falaram nada?

— Talvez queira te conquistar a moda antiga. – Ela sorri. – Através do mistério.

— Eu não sei. – Faço um beicinho. – Só sei que preciso agarrar esse garoto e nunca mais soltar.

— Se apaixonou?

— Acho que sim. – Aperto o lenço, já amassado.

— Eu te disse que o que tinha, era orgulho ferido, mas precisou de duas semanas na fossa para perceber.

— Não precisa tacar na cara. – Fico emburrada.

— Eu sei. – Ela para o carro. – Agora salte fora, garota.

— Tchau!

Entro na casa de Marta e vou direto para a cozinha. Sento-me à mesa pequena, perto da janela, e começo a pensar na dança, as palavras sussurradas e o modo gentil como o garoto misterioso me beijou, tão suave que...

Eu beijei os dois garotos suspeitos, e de uma coisa tenho infinita e grandiosa certeza: eles não beijam daquela forma. Gustavo e Mauricio não beijam de forma delicada, na verdade eles já chegam invadindo e querendo sugar todo o ar de meu pulmão.

— Kerolay! – Pedro me chama e eu dou um pulo.

— O que foi? – pergunto de cara feia.

— Nada. – Ele ri. – Você estava tão distraída que foi engraçado.

O avalio. Sei que ele estava se agarrando com a garota, então não pode ser ele. Quer dizer este é Pedro, o insensível, que só usa as garotas a seu dispor. Será que ele me contaria se fosse Mauricio?

— Achou o que procurava? – Só quando Pedro faz a pergunta, é que noto que estava o encarando fixamente. Ele está com cara de sono e parece que passou a noite dentro da máquina de lavar, seus cabelos estão desgrehados.

— Não estava procurando nada. – Dou de ombros. – Mas quero te fazer uma pergunta.

— Não uso lentes de contato, se era isso que estava tentando ver. – Ele começa a rir.

— Não era isso. – Lhe estendo o lenço. – Reconhece?

Ele pega o lenço e o abre sobre a mesa.

— Não. – Passa o dedo ao redor da letra “K”. – Deveria?

— Não sei. Por acaso não viu Mauricio com esse lenço?

Pedro puxa a cadeira ao meu lado e senta, depois olha o lenço mais uma vez.

— Nunca vi Mauricio com lenço. – Dá de ombros – Quem lhe deu? Estava com esse lenço no baile.

— Eu não sei quem me deu, por isso estou te perguntando. Não é seu?

— Não. – Ele faz uma cara de nojo. – Lenços de pano são anti-higiênicos.

— Não é usado. – Pego o lenço de sua mão.

— Por que o interesse? – Ele passa a mão na testa, afastando os cabelos.

— Nada importante. – Guardo o lenço no bolso de minha calça.

— Kerolay, está à procura do dono do lenço?

— Fala meu nome certo fazendo um favor? – Não entendo por que ele não consegue fazer isso, o garoto nunca falou meu nome certo.

— Gosto de Kerolay.

— Não vou nem discutir. – Faço um beicinho.

— Você ama discutir comigo. Não sei como sobreviveu todos esses dias.

Não discordo porque é verdade. Eu e Pedro não podemos ficar juntos, num mesmo ambiente, sem discutir. No meu primeiro dia aqui nós já brigamos.

— Você não discordou. – Ele morde o lábio. – Então é verdade.

— É verdade. — Me rendo. — É divertido te xingar.

— Que feio. Você não é indelicada com os outros e comigo é o oposto, até me deu um soco.

— Você não é um primor de educação. O que me lembra: O que quis dizer quando falou que não era do jeito que eu imaginava?

— De que jeito você acha que eu sou? — Ele cruza os braços.

— Insensível, chato, mal educado... — Vou contando nos dedos. — Sem noção e um péssimo irmão mais velho.

— Sem nada positivo? — Faz um beicinho e eu noto que ele tem uma leve cicatriz no canto do lábio inferior.

Ergo uma sobrancelha, tentando achar alguma qualidade. Ele me encara daquele seu modo cafajeste e eu acabo me lembrando de algo:

— Naquele dia em que eu estava meio bêbada... — Mordo os lábios. — Você me consolou e me tratou bem, então quer dizer que ainda tem salvação. Não é todo ruim.

— É isso o que eu faço. — Ele força um sorriso. — Consolo garotas tristes.

— Vai me falar como é, agora?

— Vou. — Suspira. — Eu não sou o cretino insensível que acha que sou, Kerolay.

O encaro e vejo um brilho estranho surgir em seus olhos. Será que ele vai chorar?

— Eu tenho sentimentos — continua. — Apenas tento não dar um valor grande demais para eles.

— Por quê?

— Porque machuca muito mais do que o suportável.

Pedro me olha e seus olhos se tornam intensos. Ele desvia o olhar e continua:

— O amor machuca. Veja meu pai, por exemplo, ele falava que amava minha mãe todos os dias, lhe mandava flores nas datas certas e não se cansava de me contar como se conheceram. e então, ele fugiu com a secretária. Não quis saber de minhas irmãs ou de mim. Naquele dia, eu jurei a mim mesmo que nunca amaria ninguém.

— Se sente bem com isso?

— Não. — Seu rosto adquire uma expressão tão triste que chega a doer. — Mas prefiro ser assim. Não quero amar alguém e fazer promessas que nunca vou ser capaz de cumprir. Quando te vi na piscina, naquele sábado, eu já sabia o que tinha acontecido. Henrique nunca foi discreto Kerolay, e eu tentei te avisar.

— Você já sabia? – Pergunto, incrédula.

— Sim. – Ele continua com expressão triste. – Não foi só com a loira. Ele vivia em boates e... Acho que não precisa saber o resto.

Sacudo a cabeça, não preciso mesmo saber do resto. Henrique nunca me amou, por isso desistiu tão rápido de andar atrás de mim. Só espero que ele não faça a mesma coisa com Lize. Pedro tem razão, não devemos fazer promessas que não somos capazes de cumprir.

Pedro me olha, buscando alguma coisa para falar. Sacudo a cabeça mais uma vez, dando a entender que não tem mais nada a ser dito. Não posso mudar o fato de ter sido somente uma menina que Henrique se deu o trabalho de conquistar. Eu deveria saber, ele era o garoto mais popular da sala, aquele que de alguma forma ou outra conquistava quem queria, eu só fui mais uma na sua lista. A garota estranha, que passou o ensino médio escrevendo para o jornal da escola, de quem ele roubou o primeiro beijo e ficou com pena de deixá—la triste.

Cruzo as pernas e olho para o jardim através da vidraça. No meio daquele jardim, tem um pingente de cristal. O pingente simbolizava o amor que Henrique dizia sentir por mim. É engraçado como as coisas deixam de fazer sentido de um dia para o outro.

Apoio minha cabeça em meu braço e fico olhando para o céu cinzento. Por que acreditamos com tanta facilidade nas coisas? E por que a verdade dói tanto? Era como se eu estivesse voltando àquele sábado. Aquele vazio voltou e a pergunta gigantesca ecoou em meus pensamentos.

— Não tem nada de errado com você, Kerolay – diz Pedro como se estivesse lendo meus pensamentos.

Dou de ombros. Alguma coisa deve ser ruim em mim, acho que é o fato de eu esperar demais de quem não tem nada a oferecer.

— Você tinha razão quando falava para eu não esperar demais. Você sempre tem razão, não é?

— Acho que sim. – Ele sorri.

Sacudo a cabeça e me levanto. As meninas já devem ter acordado, mas antes que eu possa sair, Pedro se levanta e para na minha frente. Percebo que ele tem razão quando fala que sou baixinha demais.

Quando estou prestes a sair, ele me abraça e apoia o queixo em minha cabeça. Fico sem saber o que fazer com as mãos.

— Não tem nada errado com você. E estou falando sério.

Não falo nada e ele me solta rápido demais, como se eu queimasse ou algo assim.

Percebo que por trás da arrogância de Pedro, existe alguém que vale a pena ser conhecido, alguém que precisa ser desenterrado.

18- A fera

Os dias quentes e ensolarados de verão foram substituídos por dias frios e cinzentos. O inverno chegou e deixou tudo sem cor, no inverno até meu humor fica pior, mas as vezes é reconfortante ficar em casa, enrolada num cobertor.

Eu e Pedro continuamos discordando em tudo, mas uma coisa eu não posso negar: ele não é o garoto insensível que acreditei que fosse. Não vou dizer que nos tornamos amigos, isso não, mas alguma coisa mudou.

Ele não zomba mais de mim por causa de Henrique, e olha que eu estava ao lado dele quando Henrique passou de mãos dadas com a nova namorada – que não era a loira.

Mauricio e Gustavo andam atrás de mim iguais a dois cachorrinhos. O único motivo para eu não ter mandado eles pastarem, foi a dúvida de não saber qual dos dois dançou comigo no baile. O dono daquele lenço também se tornou o dono de meu coração.

Eu sei que é estranho, mas não pude evitar. Foi igual a uma história que eu inventei para a aula de português ano passado — o último ano do ensino médio. — A garota se apaixonou por sua pesquisa, que era um soldado confederado do século dezenove, e a única coisa que ela tinha dele era uma foto amassada com os seguintes dizeres: “Fique com meu coração até eu voltar, e se eu não voltar, que ele fique com você para sempre”.

Claro que eu fiz acontecer o merecido final feliz, mas acho que para mim não vai ter. Por mais que procure, não consigo encontrar o garoto que sussurrou frases em meu ouvido e segurou a ponta de meus dedos enquanto me beijava.

Gustavo e Mauricio negam o fato de terem dançado comigo, e Pedro nem estava lá. Eu o importunei tanto, que ele foi obrigado a me deixar falando sozinha. Henrique não pode ser, porque ele nunca foi de pegar a ponta de meus dedos e nem me beijar daquela forma, e esses são os únicos garotos que conheço. Às vezes acho que tudo não passou de alucinação, mas o lenço, que nunca sai do alcance de minhas mãos, está ali para provar o quanto foi real.

— Karolayne! – Professora Julia chama minha atenção pela segunda vez. – Está no mundo da lua?

— Não. – Sacudo a cabeça.

Ela faz uma careta e volta a dar aula. Volto a olhar para o lenço azul marinho, tentando achar alguma pista.

Quando chego em casa, duas horas depois, encontro uma caixa preta aveludada, com o

fecho dourado, em cima da minha cama. A abro e me surpreendo com o seu conteúdo.

Retiro o livro de dentro da caixa, sorrindo. O exemplar de “*A Fera*” de Alex Flinn, me faz dar pulinhos de alegria.

Abro o livro e na primeira página, escrito com caneta tinteiro em uma letra elegante, está à prova de que o Príncipe é real:

Karolayne,

“De repente a gente se encontra numa esquina, num outro planeta, no meio duma festa ou duma fossa, a gente se encontra, tenho certeza.”

Assinado: Ninguém.

Volto a pular pelo quarto, abraçada com o livro.

— Ele é real, ele é real! – exclamo enquanto leio mais uma vez a frase de Caio Fernando Abreu.

Pego a caixa em busca de alguma pista, mas ela está vazia. Coloco o livro de volta no lugar e desço as escadas correndo. Encontro vó Hortência na sala, vendo sua novela. Os outros já foram dormir.

— Vó – falo tentando respirar. – Quem trouxe esta caixa?

— O carteiro, por quê? – Ela não tira os olhos da TV.

— Você viu o rosto dele?

— Era o seu Alceu dos correios. – Ela nem olha para mim, a novela deve estar muito boa ou eu não sou muito interessante.

— Como o correio vai entregar algo que não está embalado? – Fico na frente da TV. – Alguém abriu esta caixa antes?

— Ninguém mexeu em nada, querida. – Ela me olha, impaciente. – Fui eu mesma que peguei a encomenda e eu a deixei na sua cama, longe de seus irmãos. O que tem lá dentro, afinal?

— Um livro – murmuro confusa. – Então ele entregou a caixa desse jeito? Sem estar embrulhada?

— Sim. – Bate no espaço ao seu lado. – Por que está desse jeito?

— Porque quem me mandou o livro também dançou comigo no baile. – Fui obrigada a contar para minha avó, já que Ângela não estava muito empolgada. Dona Hortência achou tudo lindo.

— Agora entendi o porquê dessa afobação. – Ela sorri. – Mas foi o seu Alceu quem entregou.

— Será que é o seu Alceu? – Eca, ele tem uns sessenta anos.

— Não! – Ela ri alto. – Ele está de olho em mim.

— Sêrio? – Escancaro a boca.

— Sou velha, mas ainda conquisto.

Começo a rir. Se o cara do correio está interessado na minha avó, ele faria de tudo para conquistá-la, até mesmo responder algumas perguntinhas. Resolvo me aproveitar do interesse amoroso de vovó.

— Vó, você sabe que eu te amo, né? – Faço carinha de anjo.

— O que você quer? – Ela não cai mais em meus truques.

— Quero que a senhora pergunte para seu Alceu, se ele por um acaso sabe quem me mandou a caixa.

— Se eu perguntar, você me deixa ver a novela?

— Uhum.

— Então eu pergunto.

Lhe dou um beijo estralado na bochecha e volto para meu quarto. Leio tantas vezes a frase de Caio Fernando Abreu, que acabo dormindo com o livro na cara.

19- Quieto demais

O vento frio machuca meu rosto. Ajeito meu gorro branco, que deixa minha franja e várias pontas de meus cabelos soltas. Ando mais rápido e entro correndo na casa de Marta.

Sento no tapete felpudo da sala e esfrego as mãos um na outra, tentando aquecê-las. Em dias frios, as meninas dormem até mais tarde.

Pego o livro dentro de meu casaco e tiro o lenço azul, que estou usando como marcador, do meio das páginas. Passo o dedo na inicial de meu nome, bordada em dourado, pela milionésima vez.

Termino de ler o primeiro capítulo de “*A Fera*” e releio o último parágrafo mais uma vez:

“Monstro. A palavra vinha de outro tempo e espaço. Lembrou-me dos contos de fadas e senti um formigamento, como se os olhos dela tivessem feito os pelos dos meus braços pegarem fogo. Tentei não pensar naquilo”.

Coloco o lenço novamente entre as páginas e fecho o livro. Passo o dedo pelas rosas vermelhas que ornamentam a capa. Com certeza este parágrafo vai para meu bloco de anotações, não por ter palavras bonitas, mas sim, por mencionar contos de fadas.

Coloco as mãos no bolso do casaco e olho para meus all star, já sem cor, anoto mentalmente que tenho de comprar um tênis novo. Não posso ficar andando por aí com um tênis que um dia foi preto.

Estico as pernas e vejo que minha calça jeans preferida, justa e preta, também está ficando cinza. Se eu não fizer compras, vou começar a ir para a faculdade como uma mendiga.

Com sono demais, me estiro no tapete e coloco as mãos atrás da cabeça. Marta já saiu faz um século e Nancy gosta que eu fique longe de sua cozinha, portanto fecho os olhos e tento absorver o calor.

Não percebi que tinha adormecido, até sentir alguém puxando meus cabelos. Abro os olhos e vejo Bia sentada em cima de mim, com uma escova de cabelos na mão.

Sento com cuidado, para não derrubá-la. Meus cabelos cobrem meu rosto e eu o afasto.

— O que está fazendo? – pergunto a segurando com uma mão.

— Você é minha boneca. – Anuncia sorrindo e revelando dentes tortos. Seu pijama de veludo rosa está todo torto e ela está sem uma meia.

— Sou, é?

— Aham. — Ela volta a pentear meus cabelos. — Pedrinho falou que você iria gostar.

— Ele falou isso mesmo?

— Aham. Ele não queria brincar comigo e mandou eu vim brincar com você.

— Que mal isso. — Ela bate a escova em minha testa quando vai pentear minha franja. —

Ai!

— Desculpa!

— Não foi nada. — Sorrio. — Vamos vestir uma roupa quente?

— Vamos. — Ela sai de cima de mim.

— Cadê sua irmã?

— Dormindo.

A levo para o quarto e acordo Manuela. Visto ambas com roupas quentes e depois lhes dou café da manhã, em seguida elas vão para sala para verem desenhos animados. Me encosto no sofá e pego meu livro novamente.

— Karly? — Manuela me chama. — Por que o Bob Esponja ri daquele jeito?

Abro a boca para responder, mas Pedro, que eu não tinha visto e que está deitado no sofá onde estou recostada, responde:

— Porque ele é gay.

— O que é gay? — Ela pergunta arregalando os olhos verdes.

— É alguém como seu irmão. — Fuzilo Pedro com os olhos. — Mas não falamos essa palavra, ela é muito feia.

— Eu achei bonita. — Ela sorri e Pedro começa a rir.

— Não é não. — Coloco a mão na testa, tentando encontrar um modo de ela não ficar falando isso por aí. — Só meninas mal educadas falam isso.

— Então não vou falar. — Ela volta a deitar no tapete e eu respiro aliviada. Manu tem medo de ser mal educada e ganhar carvão no natal.

Volto a ler meu livro. Pedro se meche no sofá e acaba chutando minha cabeça. Derrubo o livro no chão.

— Ai!

— Desculpa. — Ele senta no sofá e me chuta outra vez, desconfio que de propósito. — Foi sem querer.

— Tudo bem.

Abro o livro outra vez. Por que será que o garoto escolheu me presentear justamente com

esse livro? Será que ele é muito feio e quer me dar uma pista disso?

— Kerolay... – Pedro me chama, me tirando de meus devaneios.

— Hum? – Olho para ele e noto que seus cabelos parecem um ninho.

— Você voltou a ler livros água com açúcar? – Aponta o romance em minha mão.

— Foi presente. – Na realidade, é o primeiro livro que leio em meses, minhas prateleiras ainda estão vazias.

— Hum. – Estava esperando que ele começasse com as piadinhas, mas ele simplesmente abaixa as mangas de seu suéter vermelho e volta a ver televisão.

Olho a hora em meu celular e chamo as meninas para se arrumarem. Depois que elas almoçam, as levo para escola.

Quando estamos quase saindo, Pedro pula do sofá.

— Eu as levo. – Ele diz e pega Bia no colo. – Está muito frio.

— Tudo Bem – concordo.

— Você vai junto. – Ele abre a porta e faz um gesto para que eu passe.

Prendo Meu com o cinto de segurança e Pedro faz a mesma coisa com Bia. Sento ao lado dele, no banco da frente. A escola é perto e em cinco minutos já estamos voltando.

Pedro suspira e eu o encaro, espantada. O que esse garoto tem? Nem parece ele de tão quieto que está.

— Algum problema? – Pergunto ainda o analisando.

— Não. – Ele para o carro na garagem. – Nenhum.

Concordo e saio do carro. O vento forte joga meus cabelos contra meu rosto e eu tremo. Entro correndo na sala e pego meu livro no chão, depois volto e vou em direção ao portão. Pedro ainda está encostado em seu carro.

Saio da casa. Tenho quatro horas até as meninas voltarem. Uma folha seca se prende em meus cabelos e, na tentativa de tirá-la, esqueço o degrau e caio.

— Ai que legal – resmungo me levantando.

Pego meu livro no chão. Quando o levanto, do meio das páginas caem algumas pétalas vermelhas, da cor das rosas da capa, dando a impressão de que foi dali que elas caíram.

Como não tinha percebido isso antes?

— Ainda vou te encontrar – murmuro sorrindo. Coloco as pétalas novamente no meio das páginas.

Vou para casa e tomo chocolate quente com vó Hortência, que não conseguiu descobrir de

quem o carteiro recebeu a caixa. Ele disse que via muitas pessoas, mas nenhuma iria entregar uma caixa daquela forma, não é? Acho que o Príncipe está mancomunado com ele.

Mais tarde, pego as gêmeas na escola e as deixo em casa, depois Ângela me dá carona até a faculdade e então decidimos ir para a balada.

20- Noite maluca

Por ser uma noite fria, opto por um vestido curto rosa e meia calça preta, finalizo com sapatos de salto alto e jaqueta jeans, que dá um ar cool à produção.

Passo mais uma vez a chapinha em meus cabelos, os deixando impecavelmente lisos. Faço uma maquiagem leve, finalizando com gloss rosa, minha marca registrada.

Ângela, como sempre, está perfeita: calça jeans justa, casaco preto um pouco rodado e os cabelos em estilo Chanel ondulados.

— Está gata amiga. — Ela me arrasta para o carro. — E então o gato não mandou mais nada?

— Não. — Faço um beicinho. — Mas ainda vou descobrir quem é.

Optamos por ir a uma boate diferente. Quando chegamos, a fila é enorme já que é superbadalada. A música é boa e as pessoas dançam empolgadas, a pista é um espetáculo, com luzes para todos os lados, o chão fica mudando de cor, e se você ficar olhando por muito tempo, fica tonto.

Começamos a dançar e, para minha surpresa, minha amiga acaba dispensando os garotos que vem falar com ela. Eu faço o mesmo, não estou a fim de ficar com ninguém.

— Já falei que estou amando esse lugar? — Ela grita para eu poder ouvi-la

— Não, mas é ótimo — concordo jogando meu cabelo para trás.

Começa a tocar uma música de Rihanna e Ângela se empolga ainda mais, dançando igual à Bia quando ouve Bob Esponja cantando. Começo a rir e ela me mostra a língua.

Alguém me puxa pela cintura e me vira. Um garoto de cabelo preto, sardento e com os olhos meio vidrados sorri para mim.

— Oi — ele fala em meu ouvido.

— Oi — respondo sem muita empolgação.

— Vem sempre aqui?

— Não. — Só falta me perguntar sobre o tempo agora.

— Também não. — Ele chega mais perto e eu dou um passo para trás. — Vamos trocar um cuspe?

— O quê? — pergunto tentando não rir, sem muito sucesso.

— Trocar saliva, gata. — Ele fala de um modo diferente e eu rio ainda mais.

— Sai fora! — Tiro as mãos dele de minha cintura e saio à procura de Ângela.

Rio tanto, que quando chego ao bar ficam me olhando como se eu fosse maluca. Peço uma água Tônica e volto a procurar por minha amiga, mas calma dessa vez.

O garoto do cuspe me vê e vem em minha direção. Dou a volta no bar e me escondo em uma parte cheia de almofadas no chão. Sento em um pufe e cruzo as pernas. O garoto passa ao meu lado e eu volto a rir, quem em sã consciência pede para trocar um cuspe?

— Oi — ele fala em meu ouvido e eu me viro, pronta para mandá-lo catar butiá, mas, para minha surpresa, não é o garoto.

— Oi, Gustavo — falo ao ver o colega de Ângela, e um provável candidato ao garoto misterioso, ao meu lado.

— Está bonita. — Ele me elogia e senta na minha frente.

— Obrigada. — Sorrio sem muita vontade, onde se meteu aquela saracura?

— Não sabia que vinha aqui — ele comenta.

— Decidimos de última hora.

— Então não vieram para a festa da vodca?

— Não, nem sabia que tinha essa festa.

— Algumas turmas se juntaram. — Ele faz uma careta ao olhar para um ponto atrás de minha cabeça. — A maioria que está aqui são estudantes.

— Não sabia — murmuro. — Viu Ângela por aí?

— Não. — Gustavo me olha de cima abaixo. — Mas é melhor assim, só nós dois.

Ele se aproxima e afasta os cabelos de meu rosto, e quando percebo que vai me beijar, o afasto delicadamente.

— Qual é, Karolayne? — Ele ri. — Não está afim?

— Não — falo séria. — Hoje não.

Ele dá de ombros, obviamente irritado, e sai. Me encosto na parede e apoio os pés no pufe da frente. Não quero ficar com ninguém hoje. Quando olho para frente vejo Ângela, mas antes que ela chegue, Gustavo a puxa pela cintura e a beija. Arregalo os olhos e tomo um gole de minha água Tônica.

— Vodca? — Oferece um garçom muito sorridente. — Hoje é grátis.

— Obrigada. — Pego o copo de plástico cheio de gelo.

Pego o canudo de minha água tônica e passo para o copo. Tomo um gole, apesar de ser forte é bom.

— Oi, Kerolay. — Só pelo modo de falar meu nome já sei quem é, e ele senta no pufe ao meu lado.

— Oi, Pedro — falo e tomo mais um gole de vodca.

— Te achei gata! — O cara do cuspe para na minha frente, rindo. — E aí, o que achou de minha proposta?

— Acho que hoje não — falo do melhor modo que posso, colocando um chiclete que achei em minha bolsa na boca.

— Você é quem sabe. — Ele sorri mais uma vez, revelando dentes tortos. — Mas vai se arrepender.

— Consigo sobreviver. — Tomo mais um gole da bebida, que desce queimando e me esquenta.

Ele balança a cabeça e sai dançando desengonçado. Qual é o problema com os garotos hoje?

Gustavo continua beijando Ângela, que retribui empolgada. Obviamente não é ele quem me mandou o livro, aquele garoto misterioso não desistiria tão fácil. Será que é Mauricio?

Uma música de Calvin Harris começa a tocar e Ângela e seu colega se empolgam ainda mais, praticamente fazendo a dança do acasalamento. Começo a rir quando vejo o garoto do cuspe acenando para mim, se ele acha que vou beijá-lo, está muito enganado. O garçom passa novamente e me entrega outro copo de vodca.

Pedro continua quieto ao meu lado e eu o encaro, tomando mais ainda da bebida um pouco amarga. Faço uma bola com o chiclete e ele me olha, sacudindo a cabeça, começando a rir quando a estouro.

— Gata? — O cara do cuspe volta e mexe em meus cabelos. — Vem ni mim que hoje tô facinho.

— Hoje tô difícil. — Começo rir.

— Quero seu chiclete na minha boca. — Ele sorri, tentando me seduzir.

— Toma. — Tiro o chiclete da boca e o coloco na palma de sua mão.

— Não era desse jeito. — Ele fica decepcionado e, para meu nojo total, coloca o chiclete na boca. — Quer pegar?

— Não. — Faço uma careta. — Germes.

— Você tá difícil mesmo em. — Ele se inclina em minha direção. — Mas seus olhos azuis me fascinam.

— Os olhos dela são cinza – Pedro o interrompe.

— Tanto faz. – Ele volta sua atenção para mim. – Você é o vinagre que falta na minha salada de arface.

Acho que a bebida começou a me deixar sem noção, porque começo a rir e o garoto finalmente desiste.

— Kerolay... – Pedro ri tanto quanto eu. – Acho que você conquistou o garoto da salada.

— Garoto chato.

21- Falando demais

Pedro bagunça meus cabelos e se encosta. Está de paletó preto, camiseta branca, calça jeans azul marinho e all star preto.

Cruzo as pernas na altura dos tornozelos, vendo Ângela e Gustavo diminuindo o espaço que os separa. Se as coisas continuarem assim, vou ter que voltar de taxi para casa. Começa a tocar um funk e minha amiga, sem noção alguma, começa a descer até o chão na frente de seu colega, que a olha divertido.

— Eu não a conheço – falo desviando o olhar.

— Tudo bem. – Pedro ri, colocando os pés ao lado do meu.

Tomo mais vodca e pego meu celular. Olho minha página na internet e vejo o anuncio da festa de hoje, realmente a bebida era grátis, será que Ângela sabia? Continuo olhando as postagens, meus pés começam a doer e eu tiro os sapatos, os deixando ao meu lado, no chão.

O garçom volta e troca meu copo mais uma vez. Sei que não sou acostumada, mas a noite está fria e a bebida me aquece. Não pretendo ficar com ninguém, então é seguro, já que também não vou dirigir.

Meus cabelos caem em meu rosto, os jogo para trás e, nesse meio tempo, vejo Henrique agarrado com sua nova namorada a alguns metros. Desvio o olhar e mordo os lábios. Ele não significa nada para mim, repito em minha mente, e então começo a pensar no garoto que dançou comigo no baile, no modo como pegou a ponta de meus dedos e, nesse momento, percebo que eu me apaixonei de verdade por ele. Olho novamente Henrique, fixando meu olhar em busca de algum sentimento de tristeza e acabo por não sentir nada. Sorrio e meu ex—namorado encontra meu olhar, e cara de pau como é, acena. Aceno de volta, sorrindo abertamente.

— Pobre garota – murmuro para mim mesma. – Em breve vai ter uma surpresa na cabeça.

— Uhum. – Pedro, de quem eu me esqueci da presença, concorda. Seus cabelos grudam na testa, numa bagunça que o deixa ainda mais bonito.

A música muda de novo. A voz de Bon Jovi invade a boate e Henrique me olha. Desvio o olhar e cruço os braços, essa música não significa mais nada para mim.

— Você cantava essa música o dia todo. – Pedro me lembra e eu tomo vodca.

— Enjoei.

— Agora canta The Fray. – Ele ri pegando o copo de minha mão e tomando um gole.

— É – concordo e pego meu copo de volta.

— Sua fase revoltada não durou muito. — Ele arqueia a sobrancelha esquerda.

— Não fico bem nessa versão. — Tomo o resto da bebida que sobrou no copo em um gole só.

— Você não fica bem bêbada. — Ele pega o copo, colocando-o ao seu lado, mesmo estando vazio.

— Não estou bêbada. — Talvez um pouco.

— Está ficando.

O encaro, tentando parecer zangada, e por algum motivo começo a rir. Ele tem razão, estou ficando bêbada, se eu não estivesse, porque ele estaria parecendo tão bonito?

— Você até que dá um caldo — falo sem vergonha alguma.

— Você está bêbada. — Pedro balança a cabeça. — Amanhã vai se arrepender de ter falado isso.

— Não se preocupe, não sou apaixonada por você. — Rio ainda mais. — É por outro.

— Por quem?

— Eu não sei. — Faço um gesto com as mãos. — Ele sumiu.

— Você bebeu demais.

— Estou falando sério, Pedro. — Tento parecer séria. — Ele me mandou presentes e me deu um lenço.

— E você se apaixonou? — Parece incrédulo.

— Aham. — Balanço a cabeça e minha franja cai em meu olho. — Ele dançou comigo.

— Só podia ser você mesmo. — Ele ri e afasta minha franja de meus olhos, acariciando minha bochecha com a ponta dos dedos, mas três segundos depois se afasta, como se eu pegasse fogo, ou algo do tipo.

— Por que falou isso?

— Só você para me falar algo assim, achando graça. Você não pode gostar de alguém que não conhece.

— Ele me beijou — insisto. — E falou frases no meu ouvido.

— Quando? — Se vira para mim, apoiando a cabeça na mão.

— No baile. — Mordo os lábios, sem saber por que estou falando tudo isso. — E depois sumiu. — Nessa parte exagero rindo.

— Você não viu o rosto dele?

— Era um baile de máscaras, dâ. — Tombo a cabeça de lado. — Não era você, era?

— Não. — Ele parece estar se divertindo. — Eu ia ao baile, mas daí encontrei Karina.

— E ficou dando uns amassos nela. — Faço uma careta. — Você não tem jeito. E a ruiva?

— Bruninha?

— Sei lá. — Começo a rir. — Você tem tantas.

— Não estou com ninguém — murmura.

— Então você não é você. — Isso soa confuso até para mim. — Porque você é você.

— Hã?

— Você é Pedro. — Toco seu braço com indicador. — E você é um insensível que parte o coração das meninas.

— Não parto o coração das meninas. Elas sabem que não levo compromisso a sério.

— Você ainda vai se apaixonar por alguém, e isso vai doer, e daí vai entender. — Encosto a cabeça na ponta do pufe.

— Por que acha que nunca me apaixonei por ninguém? — Acho que ele está aproveitando meu surto de sinceridade.

— Porque... Não sei.

— Você me julga antes de me conhecer, garotinha.

— Não sou uma garotinha. — Discordo fechando os olhos. — Sou uma mulher forte e decidida.

— Não é não. — Minha cabeça escorrega e acabo ficando mais perto dele. — É só uma garota que bebeu demais.

— Não. — Abro os olhos, meio confusa com a proximidade. — Não bebi demais.

— Kerolayne. — Ele fala meu nome de um jeito estranho, que é bom, e eu levanto a cabeça, muito, muito próxima dele. — Você está bêbada sim.

— Não. — Deito a cabeça em seu ombro. — Só estou tonta... E cansada

— Está bêbada. — Ele acaricia meus cabelos. — Se não, não estaria tão perto de mim.

— Você é bonito. — Chego mais perto dele, afundando o rosto em seu pescoço. Ele cheira bem.

— Obrigado. — Pedro passa o braço ao redor de meus ombros.

— Por que você é assim? — pergunto de olhos fechados.

— Assim como?

— Legal umas horas e insuportável em outras? Você poderia me deixar falando sozinha, ou ficar zombando de mim, mas não está fazendo isso.

— Eu não vou te deixar neste estado sozinha. — Ele acaricia meus cabelos. — Já pensou se o cara da salada volta?

— Não, mas acho que ele faria uma salada comigo.

— Você está engraçada. — Ri.

— Eu sou engraçada. — Deito a cabeça em seu peito, aspirando seu perfume.

— Principalmente quando cai de cara no chão.

— Eu não caio muito. — Abro os olhos. — Só de vez em quando.

— Ontem você caiu. — Pedro afasta minha franja do olho pela décima vez.

— Acidente de percurso. — Faço um beicinho. — E foi bom, eu achei pétalas de rosas.

— Acho que você deveria tomar água. — Ele observa e, delicadamente, me afasta. — Já volto.

— Uhum. — Concorde e olho a pista lotada. Minha amiga, saracura e piriguite, não está em lugar nenhum. Bela amiga essa.

— Toma. — Pedro me entrega um copo de água com gelo.

Seguro o copo com as duas mãos e tomo um pouquinho. Tremo quando o líquido desce por minha garganta.

— Tomei. — Lhe devolvo o copo.

— Tudo, Kerolay. — Ele me obriga a beber o restante. — Boa garota bêbada.

— Você não consegue falar o meu nome certo? — Me encolho com frio.

— Consigo. — Ele volta a sentar ao meu lado. — Mas gosto de te irritar.

— Então fala: Karolayne. — Cruzo os braços.

— Kerolayne! — Me desafia.

— Fala certo! — exijo como uma criança birrenta.

— O que está querendo provar?

— Nada. Só quero que fale meu nome certo, nunca falou. — Calço meus sapatos, meus pés estão congelando.

— Kerolay. — Ele zomba de mim e eu desisto.

— Um dia, ainda vai perder essa pose. — Aproximo meu rosto do dele. — E eu quero estar presente.

— Fica esperando. — Ele se aproxima mais, seu nariz toca o meu.

Arregalo os olhos. Pedro não parece afetado por estar tão perto, mas eu sim, e me levanto. Vejo Ângela sentada no bar, aceno, chamando—a. Ela vem toda feliz em minha direção.

— Oi. — Cantarola. — Pronta para irmos?

— Aham. — Minha voz sai enrolada.

— Você está bêbada? — Ela me olha, zangada. — Será que não posso te deixar sozinha sem que encha a cara?

— Foi sem querer. — Me encolho. — Não sabia que era tão forte.

— Tudo bem. Vamos que seus lábios chegam a estar roxos. — Ela sai andando, zangada.

Meio cambaleante, a sigo para fora da boate. Pedro anda ao meu lado e me impede de cair de cara no chão diversas vezes. Quando chego à rua, Ângela já está abrindo seu carro. Aqui fora é muito mais frio e meus lábios começam a tremer.

— Toma. — Pedro tira o paletó, ficando só de camiseta, e o coloca sobre meus ombros.

— Você vai ficar com frio. — Enfio meus braços pelas mangas grandes demais.

— Não importa. — Ele beija minha bochecha e sai.

Atravesso a rua e entro no carro. Ângela me olha, balançando a cabeça.

— É impressão minha ou está rolando um clima?

— Que clima? É inverno sabe, não tem clima, ou inverno é um clima?

— Amanhã quando estiver sóbria, conversamos.

Ângela liga o carro e eu só acordo quando chegamos a nosso prédio. Ela me acompanha até em casa e me ajuda a subir as escadas, me advertindo que, na próxima vez em que a gente sair e eu beber, ela vai me bater.

Visto um pijama quente e faço um coque em meus cabelos bagunçados. Quentinha, e em minha cama, não demoro a adormecer.

22- Interrogações

Sonho que estou correndo por uma floresta verde demais, nas costas de Edward Cullen. Sua pele brilhante ofusca meus olhos. Quando estou prestes a beijá--lo, alguém puxa minhas pernas.

— Anda Karolayne, acorda!

— Não – resmungo e cubro a cabeça com o cobertor.

— Quero saber o que está rolando entre você e Pedro!

— Ângela?

— Eu. – Ela afasta o cobertor de meu rosto. – Acorda Bela Adormecida Bêbada.

— É muito cedo ainda. – Sento e cubro o rosto com a ponta do cobertor.

— São duas da tarde. – Ela joga o cobertor no chão e eu me encolho.

— E posso saber qual o motivo de me acordar? – pergunto mal humorada.

— Quero saber o que está rolando entre você e Pedro. – Ela franze os lábios de um jeito estranho.

— Não está acontecendo nada.

— Está acontecendo sim. Eu vi o modo como ele te olhava ontem, todo solícito.

— Ele estava achando engraçado o fato de eu estar bêbada. – Subitamente me lembro de tudo o que falei e meu rosto arde.

— Uhum, sei, e eu sou a Branca de Neve.

— Estou falando muito sério, ele é um cafajeste.

— Sim, é um Badboy, mas isso não o impede de estar a fim de você.

— Ele não está a fim de mim – falo irritada.

— Está sim, e posso apostar que foi ele quem dançou com você naquele baile.

— O que te faz pensar isso? – Sinto uma coisa estranha dentro do peito.

— Nada. – Ela faz um gesto com a mão. – Mas tenho quase certeza de que é ele, e se investigar vai ligar os fatos.

— Não é ele. – Afasto meus cabelos bagunçados do rosto. – Pedro não é do tipo que manda flores e dança, ele só conquista as garotas e as usa a seu bel prazer.

— Está enganada. – Ângela parece certa do que está falando. – Aposto o que quiser que ainda vai descobrir que é ele.

— Por que está tão certa disso? – Levanto da cama e de repente minha cabeça começa a

latejar.

— Um dia te conto. — Faz uma cara misteriosa. — Só investiga amiga, você vai ter uma surpresa.

— Não vai me contar o porquê dessa suspeita?

— Não. — Ela levanta também. — Você vai descobrir por si mesma. Eu só te dei a dica, do que eu mesma descobri, para você não ficar se enrolando.

Sacudo a cabeça e entro no banheiro. Passo o restante do dia com Ângela, vendo filmes bobos e comendo pipocas coloridas. E, por mais que eu insista, ela não me responde como chegou nessa suspeita.

Penso em Pedro e uma sensação estranha invade meu peito. Eu praticamente me joguei para cima dele, estava bêbada, é claro, mas ele não agarrou a oportunidade. Talvez eu não faça o tipo dele, e não tem nada a ver Ângela ficar suspeitando e fazendo mistério com algo pouco provável.

Pedro é um conquistador, não alguém romântico. O mais próximo de algo gentil que ele me fez, foi um curativo em meu joelho. Teve aquele dia em que ele me abraçou e disse que adolescentes fazem coisas insanas, mas prefiro não lembrar, porque foi no mesmo dia em que ele me agarrou.

— Segunda feira eu te levo para o trabalho — diz Ângela depois de comermos pizza. — E você vai começar a investigar.

— Você está me deixando extremamente confusa. — Cruzo os braços. — Você sabe de alguma coisa e não quer me falar, e agora quer que eu investigue Pedro.

— Eu não sei de nada. Só investigue e vai achar seu príncipe encantado, garota.

— Pedro não pode ser um príncipe. — Faço uma careta. — Ele é um cafajeste de olhos verdes que não quer ter compromisso com ninguém porque tem medo de ser como o pai. Por isso não faz promessas que não pode cumprir. — Lembro—me de quando Pedro me falou isso, e me abraçou dizendo que não tinha nada de errado comigo.

— Viu? — Ângela sorri. — Ele se abriu com você, por isso sabe disso e sabe também que existe algo por de trás daquela postura de conquistador irônico a lá Damon Salvatore.

— Ele não é Damon — murmuro. — Damon é mal, e sente algo sincero e verdadeiro por Elena. Já Pedro é somente um Badboy que não quer compromisso.

— Pelo amor da santa! — ela exclama impaciente. — Quando é que vai admitir que ele mexe com você?

— Ele não mexe comigo. — Protesto, mesmo sabendo que ela está certa, Pedro foi fofo comigo ontem e isso mexeu comigo. Sem falar naqueles olhos hipnotizantes e aquele sorriso que

embaralha meus pensamentos.

— Mexe sim. Você ama ficar olhando para aqueles olhos, e ama mais ainda discordar dele.

— Não. – Mordo os lábios. – Ele não me interessa em nada.

— Então se for ele o garoto misterioso você vai simplesmente ignorar e esquecer?

Não respondo porque não tenho resposta. Eu simplesmente nunca encarei Pedro como o garoto misterioso, assim como também não encarei Gustavo e Mauricio. Eu me apaixonei por alguém que não conheço, me apaixonei por palavras sussurradas e beijos roubados.

— Você não tem resposta, sou sua melhor amiga Karly, não precisa me enganar falando que Pedro não mexe com você. Eu não vejo nada de errado nisso, ele é bonito e às vezes consegue ser alguém gentil.

— Não sinto nada por Pedro. – Começo a ficar irritada. – E não tenho resposta porque nunca pensei nele como o garoto que dançou comigo e se for Pedro, eu simplesmente não vou saber o que fazer, e acho que não farei nada, porque tudo não passaria de uma brincadeira de mau gosto.

23- Criança birrenta

Tentei ao máximo não dar ouvidos ao que Ângela falava durante o caminho até a casa de Marta, na segunda de manhã.

— Não se esqueça de se ater aos detalhes. — Ela avisa quando saio do carro e ajeito o capuz do meu moletom.

Não respondo e corro para dentro da casa, o clima está cada dia pior. Quando entro na sala, vejo Marta, o que é estranho já que a este horário ela já deveria estar no escritório.

— Bom dia. — Falo tirando o capuz.

— Bom dia — ela murmura, parecendo cansada. — Se eu te pedir um favor enorme, você faz?

— Claro. — Acho estranho seu aspecto, os cabelos estão bagunçados e a saia amarrotada.

— Você cuidaria de Pedro para mim? — Mordo os lábios, já com medo, parece um complô do destino. — Ele está com uma gripe forte e sei que brigam o tempo todo, mas ele precisa tomar os remédios na hora certa e é um cabeça de vento.

— Tudo bem. — Coloco as mãos nos bolsos, não posso falar não para minha chefe.

— Sei que não vai ser muito agradável. — Ela sorri. — E que meu filho não vai facilitar as coisas.

— Tudo bem, eu e Pedro nos entendemos. — Mentira, o que acontece é que sempre começamos a gritar um com o outro.

— Espero que sim. — Pega a bolsa no sofá. — A lista de remédios está na cozinha, e não deixa as meninas muito perto dele, elas têm baixa imunidade.

— Uhum. — Concorde já com medo de ter que cuidar dele, ainda mais que estou com a cabeça cheia de interrogações.

Depois que Marta sai, vou até a cozinha e olho a lista. Um dos remédios, o xarope, está atrasado. Pego o vidro verde e subo as escadas, dizendo a mim mesma que não dancei com ele no baile e que as suspeitas de Ângela são sem fundamento.

Bato na última porta do corredor com os nós dos dedos. Pedro, com uma voz horrível, me manda entrar. Entro no quarto e olho em volta. O quarto dele é mais organizado que o meu, as paredes são azuis e tem várias prateleiras com livros e carros antigos. A escrivaninha é a única parte desorganizada.

— Sua mãe me mandou te dar os remédios. — Balanço o vidro verde, meio insegura.

— Deixa aí que depois eu tomo. — Ele senta na cama e eu noto que está mais pálido e com olheiras. Os cabelos caem na testa na desordem de sempre e os olhos muito verdes estão brilhantes demais.

— Tem que tomar agora. — Sento no chão, cruzando as pernas embaixo de mim. — Já passou do horário.

— Isso é horrível. — Ele começa a tossir.

— É só xarope. — Lhe entrego o vidro. — E só vou sair daqui quando tomar.

— Então vai ficar sentada aí por um bom tempo. — Ele sorri daquela maneira cafajeste e eu reprimo um suspiro. Ter uma queda pelo filho da patroa não é lá muito legal, não que isso esteja acontecendo comigo, é claro.

— Sério, Pedro. — Levanto e afasto minha franja do olho. — Você não vai bancar a criança, não é? Já não chega ser o chato que me perturba diariamente.

— Não sou criança. — Uma ruga surge entre suas sobrancelhas. — E eu não te perturbo todo dia, só quando estou disposto.

— O que é sempre. — Sento ao seu lado. — Agora toma esse negócio aí que eu paro de te perturbar.

Ele suspira de maneira exagerada e toma o xarope verde, depois me entrega o vidro e faz uma careta.

— Satisfeita, senhorita?

— Uhum. — Passo a mão em meus cabelos, meu dedo fica preso em um nó.

— Seus cabelos estão uma bagunça. — Ele fala, sério.

— Normal — murmuro sem me importar.

— Não tem um dia que eu te veja e não esteja com os cabelos bagunçados, ou com algum machucado.

— Meus cabelos gostam de ficar revoltados, e faz alguns dias que eu não me machuco. — Coloco a mão esquerda no bolso do moletom, os nós dos dedos estão arranhados, ontem cai quando saí do prédio.

— Mentira. — Ele pega a mão que coloquei no bolso. — Isso prova o contrário. — Aponta os arranhões.

— Eu tropecei. — Retiro a mão.

— Foi enquanto voltava da boate? — Ele sorri e eu me lembro de que seu casaco está em meu quarto. A gripe dele deve ser por esse motivo.

— Não. — Sacudo a cabeça. — Foi ontem quando fui comprar pão. Eu estava caminhando, mas daí um galho seco resolveu se meter em meu caminho.

— Acho que foi ao contrário, e no mínimo você deveria estar com fones de ouvido.

O encaro boquiaberta. Ele realmente conhece minhas tendências a desastre e minha mania de sair cantando sem olhar por onde ando. Por que ele perdeu tempo me observando?

— Estava com fones de ouvido. — Admito já pensando em começar a investigar, mas logo desisto porque é loucura.

— Eu sabia — ele diz de forma presunçosa. — Só você consegue fazer essas proezas.

— Você ama me irritar, não é? — Faço uma careta. — Não sei o que ganha com isso.

— É engraçado ver a forma como faz um beicinho quando algo a contraria, parece uma garotinha.

— Chato. — Levanto da cama fazendo um beicinho.

— Viu? — Ele começa a rir. — Era disso que eu estava falando.

— Tchau, Pedro. — Vou em direção à porta. — Você é insuportável.

— E você me ama desse jeito. — Pedro sorri daquela maneira cafajeste e meu coração acelera, como ele consegue fazer isso?

— Eu te odeio — murmuro consternada.

— Eu sei — diz como se isso fosse uma coisa boa.

24- Você é mais insuportável que...

Início minha rotina com as gêmeas sem muita concentração. Por um motivo que desconheço não consigo parar de pensar na possibilidade de ser Pedro o garoto que dançou comigo no baile. As interrogações que Ângela implantou em minha cabeça estão surtindo efeito.

— Não é ele o garoto misterioso – falo quando ela atende o celular.

— Você investigou?

— Não. – Abro o portão, voltando para a casa de Marta, depois de deixar as gêmeas na escola. – Mas não tem como ser ele.

— Só volte a falar comigo depois de investigar. – Ouço sua risada. – Não vou ganhar uma bronca por falar ao celular, por nada.

Depois de falar isso, ela desliga.

Entro na cozinha e logo Nancy me entrega uma bandeja. Minha missão é ir levar o almoço de Pedro.

— Não pode ser você? – Faço uma cara de dor.

— Não. – Ela sorri, o que é raro devido ao seu sempre presente mau humor. – Você vai ser a babá dele também, além de vocês se darem bem.

— Hã? – Arregalo os olhos. – A gente se odeia. Ele é um chato.

— Vocês fingem se odiar, é diferente. – Ela pega uma cesta com grampo de roupas. – Eu já fui jovem e sei.

— Eu o odeio – asseguro e pego a bandeja.

Subo as escadas com um cuidado exagerado, não quero cair e sujar o chão. Quando entro no quarto de Pedro, ele me olha de um jeito estranho.

— Hora do almoço – falo do mesmo modo que falo com Manu.

— Não quero. – Ele puxa o cobertor até o queixo.

— Você não tem que querer. – Coloco a bandeja em cima da escrivaninha, e sento na ponta da cama. – Você vai comer para ficar bom.

— Eu não quero – ele repete, mordendo o lábio inferior.

— Só um pouquinho, daí paro de te incomodar. Juro de minguinho e tudo.

— Eu não quero.

— Por quê? Sopa é bom.

— Então come você! – Ele senta na cama e cruza os braços.

— Eu não gosto de sopa. – Forço um sorriso, pega em minha própria mentira.

— Você quer me obrigar a comer algo que nem você gosta?

— Não. Eu quero que você coma e fique bom, daí eu paro de me sentir culpada por você estar doente.

— Por que acha que é culpada por eu estar doente? – Ele tomba a cabeça de lado, me encarando.

— Bem... – começo meio sem jeito. – Você me emprestou seu casaco e aquele dia estava frio, então suponho que isso tenha lhe causado esta gripe.

— Não tem nada a ver. – A expressão dele se torna suave.

— Então você foi para a piscina com a ruiva, de novo? – Arqueio uma sobrancelha e sorrio.

— Não. – Ele começa a rir. – Não é época de se ir para a piscina.

— Não se tem época para ir para a piscina, você vai e pronto.

— Claro que tem! – discorda. – Você não iria para a piscina em um dia como hoje, iria?

— Não. – Coloco a mãos no bolso do moletom.

— Viu? Eu estou certo, tem época para ir para a piscina.

— Tudo bem, sei o que está tentando fazer e não vai me enrolar. – Cruzo os braços.

— Eu não estou te enrolando.

— Está sim. Não nega ser estudante de direito, todo advogado sabe enrolar.

— Não estou te enrolando. – Pedro se aproxima de mim e eu prendo a respiração. Ele sorri daquela maneira que me faz arfar. – Você poderia *não* me forçar a comer?

— Você tem que comer, está doente.

— Só estou resfriado. – Ele começa a tossir.

— Está gripado e com uma tosse de cachorro. – Levanto e pego a bandeja. – E vai comer, querendo ou não.

— Você não pode me obrigar a fazer o que não quero.

— Posso ser bem persuasiva quando quero. Agora você vai comer sozinho, ou quer que eu dê na sua boca?

— Tem outra coisa que eu quero...

— Nem começa Pedro! – interrompo-o, já sentindo o rosto arder.

— Tudo bem. – Ele pega a bandeja. – Você venceu, sua anã de jardim rabugenta.

— Nossa! – Cruzo os braços. – De todas as coisas ruins de que me chamou, essa foi à pior.

— Falei a verdade. É uma anã de jardim rabugenta. Quer sopa?

— Não, não gosto de sopa. – Puxo as mangas do moletom, para cobrir meus dedos.

— Vai ficar aqui me olhando comer?

— Aham. Você é bem espertinho quando quer.

— Ah, isso eu sou sim. – Pedro toma um gole de suco e faz uma careta. – Estava pensando: eu poderia chamar algumas coleguinhas para cuidar de mim... Assim, em seu lugar ficam elas.

— Boa viagem – falo irritada. – Chama suas coleguinhas e dê outra festa na piscina.

— Está com ciúmes, Kerolay?

— Não tenho ciúmes de você. – Estou dizendo isso a mim mesma também, só de pensar em vê-lo com uma ruiva me dá embrulho no estômago. O que está acontecendo comigo?

— Não é o que parece. – Ele termina de tomar a sopa e o suco.

— Nem tudo é o que parece. – Pego a bandeja. – E você é mais insuportável que...

— Você ama me xingar, não é? – Pedro me interrompe. – Desconfio que isso seja seu passatempo favorito.

— Meu passatempo favorito é ler.

— Claro que sim. – Ele deita e se cobre até o queixo. – É com eles que você aprende a acreditar no impossível e gostar de quem não conhece.

— Eu sabia que usaria isso contra mim! – Dou um pulo e ele ri. – É isso que dá ficar bêbada perto de você.

— Eu não te forcei a falar nada. – Continua rindo. – Quem falou isso foi você, e ainda falou que eu dou um caldo. Quem fala isso hoje em dia?

— Eu estava bêbada. – Mas ele dá um caldo mesmo. – E não me culpe por mentir.

— Você não parecia estar mentindo, estava até certa do que estava falando, o que me lembra... Encontrou quem dançou com você?

— Não. Acho que vou desistir de encontrar agulhas em palheiros.

— Você fala cada coisa. Parece que tem cem anos. – Ele fecha os olhos.

— Não tenho culpa se pego as manias de minha avó.

— Senhora legal, ela.

— Você conhece minha avó? – pergunto incrédula.

Ele não me responde, acho que adormeceu. Pego a bandeja e vou para a cozinha. Depois de fazer um lanche vou para a sala e ligo a televisão.

25- Dez Coisas que Eu Odeio em Você

Fico zapeando pelos canais, a procura de algo para assistir. Inesperadamente, acho meu filme preferido: *Dez coisas que eu odeio em você*.

Tiro o tênis e me encolho no sofá, puxando a manta de lã de Bia em cima de minhas pernas. Apoio os cotovelos nos joelhos e tento me concentrar no filme.

Minhas pálpebras pesam e eu tento lutar contra o sono, mas é algo inevitável. Meus pensamentos se tornam confusos e logo estou andando em um gramado, consigo ouvir o farfalhar de folhas secas embaixo de meus pés.

Pedro caminha ao meu lado, seus cabelos estão bagunçados somente perto da testa e eu consigo me ver refletida em seus olhos verdes como grama, e brilhantes como orvalho.

Ele está vestindo roupas do século dezenove e, para meu espanto, eu também. Meu vestido é azul, com vários detalhes em renda. Estou usando luvas, também de renda, que chegam até meu pulso.

— E então, senhorita Lancaster – ele fala com uma reverência exagerada. – Decidiu se vai aceitar meu pedido?

— Que pedido? – Tombo a cabeça de lado, em um gesto confuso.

— Fugir. – Pedro sorri, e eu noto mais uma vez aquela leve cicatriz em seu lábio. – Ao amanhecer.

— Fugir? – repito confusa.

Antes que ele me responda, eu acordo. Afasto os cabelos do rosto e suspiro. Por que cargas d'água eu estava sonhando com Pedro?

— Para onde você vai fugir? – Pulo ao ouvir a voz de Pedro, tão próxima de mim.

— Fugir? – Tombo a cabeça de lado, como fiz em meu sonho.

— Aham. Você falou que iria fugir.

Mordo os lábios. Será que eu falei que iria fugir com ele?

— Não vou fugir. – Olho para televisão, com uma aparente e falsa atenção.

— Você falou... – Ele apoia a cabeça no sofá. – Fugir ao amanhecer.

— Devo ter cochilado. – Abraço os joelhos.

— Isso é óbvio. – Noto que os cabelos dele estão bagunçados somente na testa, como em meu sonho, e reprimo um suspiro. Quando foi que ele ficou tão bonito?

— Você não deveria estar na cama? – pergunto para tentar desviar minha atenção de seu rosto.

— Lá está chato – murmura como um menino.

— Mas é melhor ficar na cama. – Por que ele tem que ter esses olhos tão brilhantes? E essa cicatriz nos lábios, que me deixa curiosa?

— Acho que você deveria tentar acordar. – Ele senta mais perto de mim e eu tento me manter distante. Meu impulso é me inclinar e examinar a cicatriz leve de perto.

— Estou acordada. – Talvez não, eu não deveria ficar cobiçando o filho de minha chefe. Não, sendo ele um cafajeste de primeira.

— Acho que não. — Ele deita a cabeça em minha perna.

— Sou travesseiro agora?

— Você falou que eu deveria ficar deitado. Estou obedecendo minha babá.

Suspiro e volto minha atenção para o filme, que está quase no fim. A garota está lendo o poema e eu consigo absorver algumas frases:

“Odeio o modo como fala comigo

E como corta o cabelo

Odeio como dirige o meu carro

E odeio seu desmazelo

Odeio suas enormes botas de combate

E como consegue ler minha mente

Eu odeio tanto isso em você...”

Não percebo que meus dedos estão entrelaçados nos cabelos de Pedro, até o filme acabar e eu voltar a pensar no sonho. Foi um gesto involuntário, mas ele não pareceu se importar.

Na realidade, nem eu pareci me importar com meu próprio gesto. Tudo o que consegui pensar, foi o que eu faria se fosse ele o Garoto Misterioso. Pensei também se seus lábios seriam tão macios quanto parecia e, subitamente, me lembrei de que a cicatriz que ele tem no lábio é em decorrência de um piercing.

Quando vim trabalhar aqui, ele tinha a mania de ficar girando a pequena argola negra. Às vezes eu olhava, hipnotizada, e não vou negar de que algumas vezes, eu simplesmente babava. Não me leve a mal, mas é que antes de ele começar a falar, me pareceu alguém bonito e fofo.

Sacudo a cabeça, tentando desviar o rumo de meus pensamentos. O que está acontecendo comigo? Quando foi que comecei a ficar babando por Pedro, de uma forma totalmente maluca? Será

que foi o fato de ele ter me tratado bem na boate e emprestado seu paletó, que ainda está em meu quarto? Ou será que foi o fato de Ângela suspeitar dele e eu sem querer acabar gostando da ideia?

Será que eu estava gostando da ideia? Aperto as têmporas em sinal de desespero. Por que tudo na minha vida tinha que ser tão confuso? E por que tudo tinha que ter tantas interrogações?

— Às vezes pensar demais faz o cérebro explodir – Pedro comenta, quando vê meu gesto de desespero.

— Não estou pensando. – Mentira, estou sim, e uma das coisas é se é muito errado ficar cobiçando você.

— Está sim. – Ele senta e seus cabelos caem em desordem sobre a testa. Será que os cabelos dele cheiram bem? – Parece que vai ter um aneurisma.

— Não é nada. – Levanto do sofá e calço meu tênis, sem olhar para ele.

— Quem entende as mulheres? – pergunta para si mesmo. – Ou melhor, quem entende você?

— Eu não tenho nada para ser entendido – resmungo, tentando ajeitar meus cabelos.

— Às vezes eu acho que tem. – Ele levanta e pega em meu pulso, me puxando. – Parece que tem um mistério escondido, bem atrás desses seus olhos cinzentos.

Esqueço-me de como se respira. Estou perto demais dele, consigo sentir o cheiro de seu perfume e tenho vontade de ficar na ponta dos pés e ver seus olhos bem de perto. Não faço isso, e dou um passo para trás.

— Eu não tenho nada a ser decifrado. – Por que ele tem que usar seus truques de conquistador comigo?

— Às vezes eu penso ao contrário. – Ele volta a sentar no sofá, e eu vejo a hora, percebendo que tenho de ir buscar as meninas.

Sem falar nada, saio da casa e vou até a escola, onde pego as gêmeas e volto, ouvindo Bia tagarelar sobre um pássaro de nome estranho que viaja para o sul, para cantar ou algo parecido.

Sirvo-lhes o café e pego minha bolsa.

— Beijo, Bia! – grito da sala, me despedindo de minha pequena pupila.

— Beijo, Karly!

— Beijo, Manu! – grito para minha pestinha favorita, que está sentada no penúltimo degrau, comendo bolacha com leite.

— Beijo, Karly – ela repete a frase da irmã, sem prestar muita atenção.

Reprimo um bocejo e ajeito meus cabelos, sem muito sucesso. Quando passo ao lado de

Pedro, no sofá, ele segura minha mão e me puxa.

— E pra mim, não tem beijo? – pergunta e eu não controlo a risada.

— Beijo? – Ergo uma sobrancelha e puxo minha mão.

— Uhum. – Ele pega minha mão novamente e beija a ponta de meus dedos. – Tchau,

Kerolay.

— Tchau. – Tento reprimir um suspiro, esse gesto soou familiar demais.

— Tchau. – Ele sorri daquela maneira totalmente cafajeste.

26- Suspeitas que se tornam certezas

No dia seguinte levanto mais cedo. Tomo banho e faço chapinha no cabelo, o deixando impecavelmente liso, depois escolho uma roupa confortável: calça skinning preta e casaco de lã rosa com bolinhas brancas. Finalizo com um gorro branco, deixando a franja e algumas pontas do cabelo emoldurando o rosto.

Arrumo minha bolsa com as coisas que precisarei para o curso de inglês e a faculdade. Depois passo um brilho labial, de sabor morango, e saio do apartamento, entrando no ar frio da manhã.

Chego à casa de Marta tremendo de frio. Entro correndo na cozinha e sento no lugar de sempre. Puxo as mangas do casaco para cobrir minhas mãos.

— Oi, Kerolay. — Pedro se sentou na cadeira, de frente para mim, está pálido, com olheiras e seus olhos estão vermelhos.

— Oi. — Reprimo um bocejo.

Minha franja cai em meu rosto e eu a assopro, Pedro ri e eu o encaro, fazendo uma careta.

— Que foi? — pergunto.

— Nada. Foi engraçado. — Os cabelos dele parece um ninho de ratos, mas até com os cabelos assim, ele continua bonito.

— O que foi engraçado?

— Você assoprando a franja. — Ele morde os lábios, e eu tento não olhar muito para eles.

— Não tem nada de engraçado nisso, Pedro Henrique. — Por que eu e Pedro sempre ficamos nos alfinetando? — Você ama rir as minhas custas.

— Acertou. — Faz um gesto com a mão. — Gosto de me divertir a suas custas.

— Chato! — Faço um beicinho.

— Boba! — retruca.

— Idiota!

— Já falei que fica uma graça irritada? — Ele sorri daquele modo cafajeste.

— Não. — Sorrio também, incapaz de me conter.

— Fica bonitinha. — Pedro começa a tossir e eu percebo que seus olhos vermelhos e bochechas coradas devem indicar febre.

Levanto e toco sua testa com as costas da mão. Está fervendo.

— Tomou os remédios?

— Não – ele responde com voz rouca.

— Acho que deveria ir para cama. – Pegou a lista em cima do balcão e procuro pelo xarope e o remédio de febre.

— Não. – Ele levanta e fica de frente para mim, e eu percebo o quanto sou baixinha. – Ficar deitado não ajuda em nada.

— Ajuda sim. – Lhe entrego um copo d'água e o remédio para febre. – Quem está resfriado deve ficar de repouso.

— Eu não gosto de ficar deitado sem fazer nada. – Ele toma o remédio para febre e em seguida o xarope.

— Eu fico com você, daí pode me perturbar. – Por que eu me ofereci? Talvez seja minha chance de descobrir se é ele, ou não.

— Tudo bem – Pedro concorda, para meu total espanto.

O sigo até seu quarto e me sento no tapete, ao lado da cama.

— Você conhece alguma loira? – ele pergunta enquanto deita.

— Só a de Henrique. – Lembrar de meu Ex, não me causa nenhuma sensação estranha.

— A furacão?

— Aham.

— Não. Acho que vou continuar com ruivas, já falei que gosto de ruivas?

— Não, mas vindo de você, eu já esperava. – Não tem como ser ele o garoto que dançou comigo no baile.

— Esperava o quê? – Ele começa a tossir.

— Gostar de ruivas e de todas as mulheres que aparecerem?

— Você tem uma péssima ideia a meu respeito, Kerolay. – Pedro morde os lábios. – Sou mais do que pensa.

— Sei – murmuro, me lembrando do fato de ele não querer compromisso sério.

— Sabe ou finge? – Ele ergue uma sobrancelha e eu sento perto dele, na ponta da cama.

— Sei? – Arqueio os ombros.

— Se for esperta sabe.

— Estamos falando da mesma coisa? – Minha cabeça começa a doer e, por mais que tente, não consigo manter meus dedos aquecidos.

— Sim e você só pensa coisas negativas a meu respeito. – Pedro volta a tossir, e eu toco

mais uma vez em sua testa. Resolvo pegar o termômetro.

— Aonde vai? – pergunta quando me levanto.

— Pegar o termômetro.

Saio do quarto e vou até a cozinha, onde acho o termômetro ao lado da lista. Volto para o quarto.

— Abra a boca. – Sento ao lado dele e coloco o termômetro em sua boca.

Pedro faz uma careta e tenta falar, mas eu o interrompo:

— Fica quieto até o negócio apitar!

Ele ri e fica quieto. Olho ao redor do quarto, tentando não olhar para ele. Meu fascínio por olhos verdes às vezes me irrita. Uns três minutos depois, o termômetro apita e eu o pego, me espantando.

— Acho que eu deveria ligar para sua mãe. – Guardo o termômetro.

— Por quê?

— Está com 39,5°C de febre.

— Você não precisa ligar para minha mãe. – Ele senta e se encosta na grade da Cama.

— Preciso sim, ela tem que te levar ao médico.

— Acabei de tomar remédio, ele não faz milagre, demora.

— Mas...

— Por favor. – Pedro faz um beicinho.

— Tudo bem. – Não resisto a olhos verdes brilhantes e suplicantes. – Vou esperar mais um pouquinho.

Ele concorda e deita a cabeça em minha perna, parecendo um menino, e não um garoto impaciente. Pedro pega minha mão e segura as pontas de meus dedos, de um jeito muito familiar.

Ao ver esse gesto, logo me lembro de velas e máscaras. Baile e beijos roubados. Palavras sussurradas e procura desenfreada. O choque de perceber isso é tanto, que sinto medo de não conseguir me controlar. E se tudo for uma brincadeira de mau gosto?

— Você está parecendo que vai ter um aneurisma de novo. – Ele gira o polegar pelas costas de minha mão.

— Você sempre tenta adivinhar o que as pessoas pensam, ou é só comigo?

— Só com você. – Pedro suspira de um jeito estranho e eu começo a temer que tudo seja mais um de seus jogos de conquista.

— Por quê? – pergunto tão baixo que receio que ele não tenha escutado.

— Já disse: gosto de te contrariar, você faz uma cara engraçada. — Ele fecha os olhos, parecendo cansado.

— Você é inacreditável. — Falo nos dois sentidos, literalmente.

— Eu sei. — Pedro torna a abrir os olhos, e eu desvio os meus, tentando não olhar para sua boca bem desenhada. — É isso o que as garotas amam em mim.

— Já te falaram que quem tem todas, acaba ficando sem nenhuma?

— Não. — Ele olha pra cima e sorri. — Mas tenho certeza de que não vou acabar sozinho.

— Acho que vai ser como Tony, de *“O Homem de Ferro”*.

— Hã?

— Cada dia com uma diferente, e até dando festas temáticas e malucas.

— Ele fica só com uma no final.

— Mas lá é filme, e aqui, vida real.

— Falou a garota que vive sonhando com contos de fadas e beijando garotos mascarados.

— Eu não beijei garotos mascarados, foi um garoto mascarado. — Foi você, e eu estou tentando entender se é uma brincadeira, mais uma conquista, ou algo sério.

— Fala sério, quem beija um desconhecido?

— Eu. — Acho que tudo é só um jogo.

— Você. — Ele pega de novo a ponta de meus dedos. — Kerolay, você é inacreditável.

Não respondo e pego meu celular no bolso da calça.

“Você tinha razão, é ele, e eu não sei se é uma brincadeira, ou um jogo, ou verdade, e acho que não quero saber”.

Envio a mensagem para Ângela e olho para o teto azul—marinho. Como eu consegui ser tão cega e não notar as coisas? Pedro mora há cinco quadras da minha casa, e com certeza, o carteiro deve ser o mesmo. Por isso ele conseguiu enviar o livro.

Suspiro e quando olho para o garoto, ele está dormindo. Parece tão frágil. Sem conseguir me conter, desgrudo os cabelos de sua testa. Será que tudo foi um jogo? Será que não existe nem um pouco de verdade?

Toco de leve em seus lábios com a ponta dos dedos, são macios. Lembro—me da forma como me ele beijou, como se eu fosse alguém frágil demais e pudesse quebrar.

— Karolayne... — ele sussurra meu nome corretamente e eu descruzo nossos dedos.

Mordo os lábios. Tive mais uma confirmação. O jeito que ele pronunciou meu nome, com aquela promessa escondida, fez meus olhos se encherem de lágrimas.

Com cuidado, deito a cabeça de Pedro no travesseiro e saio do quarto.

27- Gato e Rato

Quando estou saindo para levar as gêmeas na escola, Nancy me chama:

— Será que você poderia ficar com Pedro esta tarde? – Noto que ela está arrumada.

— Tenho curso. – E não, não quero ter que ficar sozinha com ele.

— Fico te devendo essa – ela insiste. – Tenho muitas coisas para fazer fora e não posso deixá-lo sozinho. Marta foi taxativa neste ponto, Pedro tem semana acadêmica, e na primeira oportunidade vai sair.

— Tudo bem – me rendo. Eu também tenho semana acadêmica, e sei que Pedro realmente seria capaz de sair neste estado, já que as horas contam bastante para receber o diploma.

— Vou te recompensar. – Nancy sorri. – Só tentem se tratarem de forma civilizada. – Ela pisca de um modo conspiratório e sai.

Levo as meninas para escola e volto resmungando. Ficar com Pedro seria ruim, mas seria ainda pior se ele saísse e sua gripe aumentasse. Entro na casa e começo a espirrar, pelo visto mais alguém iria ficar gripada.

Pego os remédios que ele tem que tomar na cozinha e subo até seu quarto. A porta está aberta, e eu entro. Pedro está amarrando seu Converse preto, os cabelos molhados estão pingando.

— Você não vai para semana acadêmica coisa nenhuma. – Cruzo os braços e bato o pé no chão.

— Como você sabe? – Ele termina de amarrar o tênis e levanta. Está bonito de calça jeans desbotada e suéter caramelo.

— Estudo na mesma faculdade que você, e também tenho semana acadêmica.

— Só que a minha já começou. E também deve saber que é importante.

— Não importa. – Lhe entrego o xarope verde. – Você não vai sair.

— Vou sim. – Ele toma o líquido, fazendo uma careta.

— Não, não vai. – Fico na frente da porta.

— Você não pode me impedir. – Pedro chega mais perto, tentando me intimidar com sua altura.

— Não vai. – Fico na ponta dos pés.

— Você não pode me impedir, baixinha.

— Vou ligar para sua mãe.

— Quando ela chegar aqui, eu já vou ter saído.

— Por favor. — Faço um beicinho. — Eu faltei no curso para ficar com você.

— Eu não pedi. — Ele se inclina, chegando perto de mim. — E você não é minha babá.

— Pedro – sussurro. — Será que você poderia fazer o favor de agir como um adulto?

— Estou agindo. — Ele dá um passo e eu tenho que erguer a cabeça para enxergá-lo. — E quero sair.

— Está doente, vai ficar pior.

— Não importa, agora saia da frente da porta.

— Não. — Cruzo os braços, irritada.

— Vou te tirar daí. — Uma ruga surge em sua testa.

— Pedro... — Faço uma expressão triste. — Será que você poderia fazer o favor de voltar para cama?

— Tenho que sair. — Ele cruza os braços.

— Ah, quer saber? — Perco a paciência. — Se quer sair, saia. Depois você se entende com sua mãe, seu bobão!

Irritada demais, saio do quarto de Pedro, batendo os pés. Chego à escada e acabo pisando no cadarço de meu tênis. Fecho os olhos, esperando a queda, mas alguém segura minha cintura.

Arregalo os olhos. Pedro me olha zangado, seus lábios franzidos e as sobrancelhas arqueadas, com uma ruga entre elas, indicam isso. Seus cabelos molhados caem em desordem sobre a testa. Mordo os lábios, é estranho estar tão perto dele, e mais estranho é eu não conseguir desviar os olhos, é como se eu estivesse sendo puxada por um imã.

Minhas mãos estão no peito dele. Sua expressão se suaviza e eu o ouço suspirar. Olho para sua boca, e, por um momento, desejo que ele se incline e me beije.

Eu poderia ficar na ponta dos pés e passar os braços ao redor do pescoço dele e então eu colaria meus lábios aos seus. Meu coração bate freneticamente contra minhas costelas, e chego a desejar que ele sussurre meu nome, com aquela mesma promessa escondida.

Olho em seus olhos, verdes demais, e suspiro. Eles são como duas miniaturas de um vale muito verde, eu poderia me perder ali, e acho que gostaria de não encontrar a saída. Pedro se inclina e eu respiro fundo, consigo sentir o cheiro de menta e sabonete que vem dele.

Penso em fechar os olhos, mas ele me surpreende e acaricia meu rosto, afastando minha franja de meu olho. Quando seus dedos tocam minha pele, sinto como se pequenas ondas de

eletricidade saíssem deles.

— Eu não entendo — ele sussurra, próximo de meu rosto. — Como consegue ser tão desastrada?

Dou um passo para trás me, afastando dele. Minhas mãos caem ao lado de meu corpo. Em todos esses segundos — que pareceram minutos — em que fiquei divagando sobre como seria beijá-lo, ele só pensou em como eu sou desastrada. Isso me magoou mais do que deveria, e seria necessário.

— Eu não sou desastrada — sussurro isso tão melancolicamente, que me surpreendo.

— Claro que não. — Ele sorri de uma maneira totalmente cafajeste. — Só é um perigo iminente para si mesma.

— Não, eu só esqueci de amarrar o tênis.

— Uhum. — Ele toca meu rosto de novo. — Você se esquece de amarrar o tênis, de olhar os degraus, ou de qualquer outro obstáculo óbvio.

— Você não tem nada a ver com isso. — Me afasto dele. — E tinha que sair, se bem me lembro.

— Não vou mais sair. — Ele coloca as mãos no bolso da calça, erguendo a ponta do suéter caramelo. — Feliz?

— Eu não tenho nada a ver com sua vida. — Dou de ombros.

Enquanto ele me encara, eu me abaixo e amarro meu tênis. Depois, desço as escadas e sento no sofá. Ligo a TV e fico zapeando pelos canais, a procura de algo que me distraia do fato de que é Pedro, o garoto que me mandou um livro e dançou comigo. Fico me perguntando se ter tanto trabalho faz parte de seu joguinho, ou até mesmo de sua brincadeira. Deve ser legal se vangloriar para os amigos, dizendo que pegou a babá carente e traída pelo namorado.

Pedro não passa de um Badboy idiota, que adora colecionar garotas como se elas fossem troféus, mas ele se engana muito se acredita que vai ser tão fácil me ter em sua coleção. Não sou do tipo que deixaria ele tirar meu sutiã em uma piscina.

28 Estou te ignorando!

Depois de muito procurar, acabo achando um filme que me agrada. *Crepúsculo* acabou de começar e eu me encolho, vendo Bella se despedir de sua quente e ensolarada cidade e partindo para um mundo verde e chuvoso.

Encosto o queixo nos joelhos, e suspiro ao ver Robert Pattinson aparecer pela primeira vez. Será que é muito difícil achar um garoto parecido com Edward Cullen? Alguém que fale com a cadência do século dezenove, mas a modernidade do vinte e um? O respeito de antigamente, com os avanços da atualidade?

— Você não vai me obrigar a ver isso, não é? — pergunta Pedro, se estirando ao meu lado no sofá.

Não respondo e continuo vendo o filme. Se falar com Pedro, vou querer voar em cima dele, então é melhor continuar quieta e não partir para violência.

— Quer pipoca? — ele pergunta com voz doce, e eu continuo o ignorando.

Quando Edward fala que é perigoso, Pedro joga a cabeça para trás e ri alto. Mordo os lábios para não rir, o gesto foi engraçado.

— Cara, se ele é perigoso, então eu sou uma máquina de destruição em massa.

Ajeito meu gorro, e não lhe dirijo sequer um olhar.

— Você não vai mais falar comigo agora? — Ele se aproxima mais de mim. — Que maturidade, Kerolay.

Para minha total irritação, ele tira o gorro de minha cabeça.

— Devolve isso! — Me viro e lhe lanço um olhar zangado.

— Você não queria falar comigo. — Começa a girar o gorro no dedo. — Achei um modo.

— Estou ignorando você! — Me inclino por cima dele e pego meu gorro de volta.

Ajeito meus cabelos e volto a ver o filme.

Pedro faz um beicinho e fica quieto. Ele consegue segurar seus comentários até a parte em que Edward vai para a luz do sol.

— Ele é um vampiro, ou um vestido de quinze anos? Esse cara deveria ser homem e dilacerar a jugular dela. Onde já se viu, levar a garota para o ver brilhar. Se ela quisesse ver luzes brilhantes, ia para uma boate!

Dessa vez não consegui segurar e acabei rindo, mas só porque a cara de indignado dele

foi hilária.

— Se eu ver esse filme vinte vezes seguidas, você me perdoa? — Pedro puxa meu pulso.

— Vinte vezes? — Ergo uma sobrancelha, minha irritação está passando.

— Sim. — Ele faz uma cara de torturado.

— Tudo bem. — Sorrio. — Mas vai ter que cumprir.

— Feito. — Ele aperta minha mão como, se estivéssemos fechando um negócio. — Mas como estou vendo agora, só falta dezenove.

— Não — discordo, para irritá-lo. — Essa não vale.

— Por quê? — Ele continua segurando minha mão.

— Porque você me irritou, me chamou de desastrada e queria sair doente.

— Você é desastrada e eu queria ir para a faculdade. E, quanto a te irritar, eu faço isso todos os dias.

— Eu não sou desastrada. — Retiro minha mão, apesar de estar gostando do calor em meus dedos. — É o chão que puxa meu cadarço e me bate.

— Essa é boa. — Começa a rir.

— Chato!

— Boba! — Ele deita a cabeça em minha perna, sem cerimônia alguma.

— Me provoque que eu te jogo no chão. — Sorrio de um modo safado.

— Você não faria isso.

— Faria sim, agora me deixa terminar de ver o filme.

Pedro fica quieto e eu volto minha atenção para a televisão. Me arrependo, porque a parte do baile me faz lembrar de quando dancei com ele, e isso me causa uma sensação estranha.

Olho a hora em meu celular, e percebo que já estou atrasada para buscar as gêmeas.

— Pedro, levanta aí! — Toco em sua testa com a ponta dos dedos.

— Aonde vai? — Ele senta e me encara com cara de sono.

— Buscar suas irmãs. — Levanto, desajeitada. — Você vai ficar aqui, não é?

— Vou. — Ele faz um beicinho. — Não quero ter que ver quarenta vezes esse seu filme ruim.

— Ótimo. — Pego minha bolsa no chão. — Tchau!

— Tchau. — Volta a deitar. — Baixinha.

— Idiota.

— Também te adoro, tá? — Ele começa a rir.

— Te odeio. — Faço um beicinho, para encobrir o sorriso, e saio com o coração aos saltos, sem saber o porquê.

29- A carta

Passei o restante da noite tossindo e espirrando. Ângela, com seu sempre bom humor, ficou avacalhando, dizendo que eu parecia um cachorro velho à beira da morte.

Quando lhe contei que finalmente tinha confirmado o que ela tinha me contado, a maluca começou a dançar no meio do corredor de anatomia. Nem se importou com as pessoas olhando.

Cheguei mais tarde em casa, devido à animação de minha amiga, que não quis me contar como começou a suspeitar de Pedro.

— Oi, Karly. — Vó Hortência acena do sofá, onde está vendo sua habitual novela.

— Oi, Vó. — Sento ao seu lado. — Eu já jantei. — Deito a cabeça em sua perna.

— Antigamente, você comia em casa. — Ela acaricia meus cabelos. — Mas esse é o preço de minha neta estar crescendo.

— Não faz drama vó — Começo a rir. — Eu amo sua comida.

— Claro que sim. — Ela me olha de um jeito estranho, como se estivesse me avaliando. — Tem uma surpresa para você em seu quarto, que devo ressaltar: estava um chiqueiro.

— Surpresa? — Levanto rápido. — E minha bagunça é organizada.

— Claro que é. — Ela volta sua atenção para a televisão.

Subo as escadas correndo e, ao entrar em meu quarto, tomo um susto. Tudo está perfeitamente organizado e meus livros estão novamente nas prateleiras.

Começo a pular, animada, ao ver todos os meus velhos amigos novamente em seus lugares. Olho para minha cama e, em cima dela, tem um envelope amarelado. Vou até lá, e o pego.

Só está endereçado a mim e não tem remetente. Saio do quarto e volto para a sala, onde mostro o envelope para minha avó.

— Sabe quem mandou? — pergunto, mesmo sabendo que obviamente ela não sabe.

— O carteiro trouxe. Guardei em seu quarto, para seus irmãos não bisbilhotarem. — Ela bate no espaço ao seu lado, me chamando. — Gostou de ver seus livros novamente?

— Adorei! — exclamo feliz. — Como a senhora os encontrou?

— Alan e Patrick os recolheram, e eu os guardei em meu quarto, até achar o momento certo para devolvê-los à dona.

— Por que acha que é o momento certo?

— Eu só sei. — Ela faz novamente aquela cara de mistério e eu mordo os lábios. — Não

vai ler a carta?

— Vou. — Cheiro o envelope, tentando reconhecer alguma coisa que indique que é de Pedro. — Vou me deitar. Boa noite vó.

— Boa noite. — Ela sorri e beija minha testa.

Vou para meu quarto e tomo um longo banho quente, tentando me aquecer e parar de espirrar. Visto um pijama confortável e entro embaixo das cobertas com Senhor Urso — meu coelho de pelúcia, sem as orelhas e com um olho faltando. Durmo com ele desde os cinco anos.

Ligo o abajur e abro o envelope. A letra é elegante e percebe—se que o danado do garoto usou caneta tinteiro. O papel é amarelado, dando um aspecto antigo:

Karolayne,

Meu nome é a primeira palavra escrita, e por um momento me permito sonhar que tudo é verdade, e não um jogo de conquista.

Tenho observado você nos últimos dias, notado coisas que ninguém nota.

Você já notou a maneira como sorri quando está lendo um livro? Ou então, o jeito como morde os lábios, para tentar reprimir um sorriso? Provavelmente faz isso inconsciente, como a maioria das outras coisas.

Gosto da maneira como faz um beicinho quando algo a contraria, ou te deixa irritada; seus olhos brilham e você tenta usá—los como arma. Amo quando fala alguma palavra antiga, e que a maioria das pessoas não sabe o significado.

Quem é que fala: obsoleto, instigante, antiquado, extremamente irritante e petulante, hoje em dia? Às vezes acredito que realmente nasceu no século errado, tem valores que hoje em dia a maioria das pessoas não se importa e acredita fielmente em contos de fadas.

Não acho de todo errado você acreditar em príncipes e princesas. Em amores verdadeiros e felizes para sempre. Isso é o que te diferencia da maioria, mas é também o que te faz sofrer quando fazem algo que fere esses seus estranhos sonhos.

Talvez você seja uma princesa presa no século errado. Sim, provavelmente esta seja a teoria mais correta. Eu realmente não sei por que estou enrolando tanto para falar algo simples. O que eu estou tentando dizer desde o começo é: gosto de você por ser diferente.

Gosto de cada detalhe estranho e antiquado, de cada gesto ou frase. De seus pequenos

ataques de fúria, que se igualam ao de um gatinho.

Gosto até de seu jeito desastrado, de tropeçar em tudo e viver com algum hematoma à vista, quem é que consegue machucar os nós dos dedos? Ou então cair ao tirar uma folha seca dos cabelos? Você consegue até utilizar o cadarço do tênis como arma mortal.

Gosto de seus olhos tão cinzas quanto o céu em um dia nublado. Talvez isso indique que, por trás de tanta doçura, exista um temperamento tempestuoso – e tenho certeza que existe.

Ah, Karolayne! Eu tenho tantas e quase nenhuma coisa para te falar. Coisas que poderiam te fazer feliz, ou triste. Fazer um sorriso surgir em seu rosto, ou uma lágrima.

O que eu tenho para falar sobre tudo isso é: nem tudo o que se fala é a verdade, e nem tudo o que se demonstra, é o que na verdade sentimos.

A carta termina desse jeito, e eu leio o último parágrafo duas vezes. Será que ele quer dizer que gosta de mim, apesar de não demonstrar? Será que ele não é um conquistador o tempo todo?

Guardo a carta na caixa de veludo, junto com o livro, e abraço o Senhor Urso. O sono não demora a vir, e, apesar de confusa, adormeço rapidamente.

30- Gripada

Já acordo com dor no corpo e na cabeça. Arrasto-me para fora da cama e visto uma calça jeans desbotada e meu moletom do Garfield. Faço um rabo de cavalo, alto e frouxo, e pego minha bolsa, saindo para o tempo frio e nebuloso.

Durante todo o caminho tusso e espirro, e realmente estou parecendo um cachorro velho à beira da morte. Entro na casa de Marta e vou para a cozinha. Me jogo na cadeira e afundo a cabeça na mesa, tudo dói e meu corpo parece pesado demais.

— Bom dia, Karolayne – diz Nancy, e eu levanto a cabeça. – Acho que está gripada.

— Também acho. – Começo a tossir, e ela me olha de um jeito engraçado.

— Tem que levar os remédios de seu mais novo pupilo. – Ela começa a rir, o que é estranho, já que Nancy nunca ri.

— Tô indo. – Me arrasto até o balcão e pego o xarope.

Alguns fios de meu cabelo se soltam e eu os prendo atrás da orelha. Bato na porta do quarto de Pedro e ele, com uma voz ótima, me manda entrar.

— Remédio – falo com uma voz horrível.

— Já estou bem. – Ele está sentado em frente à escrivaninha, vestindo calça jeans e um suéter azul—marinho.

— Tem que continuar tomando o remédio. – Lhe entrego o xarope e me encosto na parede.

— Você está horrível – ele diz enquanto toma o xarope.

— Obrigada. – Onde está a parte sobre eu ser um doce e ter olhos cinzento—nebulosos?

— Quer um pouco? – Me oferece o remédio e eu sacudo a cabeça, em sinal negativo. — É bom – acrescenta, rindo.

— Não é não.

— Viu? Você me obrigou a tomar isso, mesmo sabendo que era horrível.

— Você precisava. – Vólto a tossir.

— Agora quem precisa é você. – Ele se inclina na cadeira e eu vejo que seus olhos não estão mais vermelhos, o verde está intenso e brilhante. Meu coração acelera, de um modo totalmente maluco.

— Não, obrigada. – Recuso e me levanto.

Pedro me encara de um jeito divertido. Minha língua coça de vontade de falar que eu sei, que finalmente descobri que é ele. Ele que dançou comigo e sussurrou frases em meu ouvido. Ele que me escreveu uma carta fofa, falando detalhes sobre mim, que eu nem mesmo notava.

Olho de relance para o caderno aberto, e reconheço a letra dele. Meu coração começa a sambar dentro do peito, se chocando contra minhas costelas. Abro a boca para falar, mas nesse momento a porta é aberta e um furacão de cabelos vermelho me empurra. Quase caio de cara no chão.

— Pedro! — A ruiva da piscina se joga no colo dele, e eu sinto uma coisa estranha dentro do peito. — Soube que estava dodói e vim te visitar.

— É? — Ele a segura e sorri daquele modo canalha, que me irrita. — Que bom.

Sinto tanto ódio, que saio do quarto batendo os pés. E, eu prestes a falar para aquele safado, filho de uma capivara, que sabia que era ele. Ainda bem que não fiz isso, porque tudo não passou de um joguinho idiota para me conquistar. Homens, desde sempre tentando de tudo para ter quem não cai em suas teias.

31- Odeio garotas ruivas!

Entro na cozinha e tomo um copo gigante de água gelada. Minha garganta dói, e eu sei que não devo tomar coisas muito geladas, mas com a raiva que estou, se não fizer isso, simplesmente vou explodir.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu começo a xingar Pedro em pensamento. Como eu odeio esse garoto petulante de olhos verdes. Mas um pouco da culpa é minha por ter acreditado, por poucos segundos, que ele seria capaz de gostar de alguém.

— Odeio, odeio e odeio! – murmuro para mim mesma, e de repente me lembro do filme que vi na segunda feira:

Dez coisas que eu odeio em você. Lembro—me do poema que ela estava lendo, e as frases finais vem em minha cabeça:

“Mas eu odeio principalmente

Não conseguir te odiar

Nem um pouco

Nem mesmo por um segundo

Nem mesmo só por te odiar”.

Ai, meu Deus! Começo a andar pela cozinha. Eu estou apaixonada por Pedro! Eu, apaixonada, por *ele*. Ele, que é um idiota conquistador. As lágrimas começam a despencar por meu rosto.

— O que foi? – Nancy larga o cesto com roupas para estender e me olha.

— Eu acho que estou louca. – Me aproximo dela, chorosa.

— Acho que não. – Ela toca em minha testa, sua mão está fria. – Só com febre.

— Então é isso. – Meus lábios tremem, devido às lágrimas. – A febre está me causando alucinação.

— O que está tentando dizer?

— Quando você está com febre, pode achar que gosta de alguém, não é? – A encaro, em busca de uma confirmação.

— Não, gostar de alguém não tem nada a ver com febre.

— Mas eu não posso gostar de Pedro. Ele não presta.

— Ah, vocês finalmente perceberam que estão apaixonados um pelo outro? — Sua animação me dá medo.

— Não. Eu estou com febre, e isso me causou uma alucinação a respeito de meus sentimentos. Não tem paixão, só loucura e gripe!

— Karolayne... — ela fala de um jeito tranquilizador. — Vá para casa. Você está doente. Deita, descansa e depois tenta entender seus sentimentos.

— Tenho que cuidar das meninas.

— Eu cuido hoje. Estou te devendo uma. — Ela entrega minha bolsa e me empurra em direção à porta.

— Tudo bem.

Meio trôpega, saio da cozinha e ouço a risada da ruiva. Isso me faz ter ódio dela, porque ela parece *A Pequena Sereia*, enquanto eu não passo de um desastre que torna os cadarços arma mortal.

Saio para o tempo nevoento, percebendo que hoje vai ser um dia daqueles.

32- Socorro!

Começo a correr. Os pingos de chuva caem e escorrem por meu nariz, e mesmo respirando com dificuldade, não paro de correr. Não pela chuva, mas sim pelo que estou sentindo, como se me esforçando ao máximo, eu pudesse correr de meus próprios sentimentos.

Só paro de correr quando tropeço no meio-fio e caio estatelada. Com um pouco de dificuldade, levanto, pego meu celular na bolsa e ligo para a única pessoa que me entenderia nesse momento:

— Ângela – choramingo, tremendo de frio e parada como uma boba na chuva.

— Karly? O que foi?

— Eu estou apaixonada – falo tremendo. – Por Pedro, socorro!

— Karolayne, me diz que você não está na chuva! – Ela grita comigo.

— Estou, e acho que tô maluca, Ange.

— Você está maluca sim. Ontem estava tossindo como um cachorro e agora está na chuva!

— A questão não é essa. A questão é que gosto de Pedro, e isso dói!

— Karolayne, não inventa drama. Até eu já sei disso.

— Ele está se embolando com uma ruiva, agora! – Grito mais alto que a chuva.

— Ele é um gay filho da... – Ela fala um palavrão nada digno de uma garota. – Depois a gente conversa, se não minha chefe me mata. Vai para casa.

Guardo o celular na bolsa e volto a correr. Quando entro na sala, minha avó me olha espantada.

— Karly! – Ela corre para perto de mim. – O que aconteceu?

— Estava mal e vim para casa... – Começo a tossir.

— Meu Deus. – Ela coloca a mão em minha testa. – Você está ardendo em febre. Corre já tirar essa roupa e tomar um banho quente!

Faço o que ela manda, e quando a água quente toca meu corpo, começo a tremer. Depois de tomar banho, visto uma calça de moletom preta combinada com uma camiseta rosa. Penteio os cabelos como posso e vou para cama.

Logo depois, vó Hortência entra em meu quarto, com uma bandeja.

— Senta, Karly. – Ela pede, e eu obedeço. – Trouxe chá quente e remédio para gripe.

— Obrigada, vó. — Volto a tremer quando pego a xícara.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu... — falo com voz rouca. — Descobri quem me mandou aquelas coisas.

— Quem? — Ela senta na beira da cama.

— Pedro. — Algo dentro de mim dói ao dizer isso. — Acho que tudo foi uma brincadeira de mau gosto.

— Por que acha isso?

— Ele está com uma ruiva neste instante, e o pior: descobri que gosto dele.

— Ah, Karly — Ela sorri de forma misteriosa. — Que graça teria se uma história de amor desse certo já no começo?

— Não tem história, vó. — Tomo o comprimido para gripe. — Ele estava brincando, e nem gosta de mim. Eu, boba, gosto dele.

— Gostar de alguém é sempre bom. São as decepções que nos fazem dar valor ao amor verdadeiro.

— Eu só tenho decepções — choramingo. — Acho que preciso de um psiquiatra.

— Não, você precisa descansar para não ficar mais doente. — Vovó levanta da cama e pega a bandeja. — Mais tarde conversamos.

Ela sai do quarto e apaga a luz. Ouço a chuva e fecho os olhos, tudo o que quero é dormir, e acordar com a certeza de que tudo foi um sonho ruim. Talvez seja a febre e então, quando ela se for, o sentimento por Pedro também irá.

Acordo pior do que quando fui dormir. Meu corpo inteiro dói e quando engulo, minha garganta protesta, meu nariz fica escorrendo e eu fico tossindo a toda hora.

Ângela veio para cá direto do trabalho, hoje não teve faculdade para ela. Chegou aqui com uma lata de brigadeiro, chocolate quente e um saco gigante de doritos.

— Para você afundar suas mágoas. — Anuncia se deitando ao meu lado na cama. — Agora me conta tudo, tudinho mesmo, e dependendo, a gente bate naquele idiota gay!

E então, com voz rouca, conto tudo e temos aquela conversa que a tempos não tínhamos. Comemos brigadeiro — mesmo que doa e eu não sinta o gosto — e tomamos Nescau. E quando começo a chorar, feito uma boba e sem motivo algum, ela me abraça e fala que tudo vai ficar bem, nem que ela tenha que bater nele para ficar.

— Se tudo foi uma brincadeira, aquele projeto de Edward Falso Cullen, que se prepare porque a gata guerreira aqui, vai bater nele.

Começo a rir da maneira que as sobrancelhas dela se juntam e os lábios formam um biquinho.

— Juro, Karly – continua. – Que se ele te magoar, vai se ver comigo. Já não chega o Henrique, se bem que dele você não gostava tanto assim, já que suas lágrimas eram de ego ferido.

— Eu gosto de Pedro, e é esse o problema. Por que tem que doer?

— Porque o amor machuca. – Ela suspira. – E é essa a função dele, esquartejar nosso coração.

Fico quieta e cruzo os braços. Esse dia não tem como ficar pior. Cada vez que fecho os olhos, eu me lembro do baile, ou da ruiva no colo dele.

— É culpa dele, eu estar doente – choramingo. – Se eu não tivesse cuidando dele, não pegaria essa gripe. Ele deveria ter chamado a ruiva!

— Para de pensar na ruiva! – Ela me repreende.

— Tudo bem. Fale de você e Gustavo.

— Não tá rolando mais nada. – Ela dá de ombros. – Eu estou com seu irmão, de novo.

— Patrick? – Arregalo os olhos.

— Sim. Talvez eu não devesse me importar com a idade, eu gosto dele e ele de mim. Por que temos que complicar tanto?

— Verdade – concordo. – Ele gosta de você e, mesmo que não admita, você é apaixonada por ele, porque nunca mais falou de Bernardo.

— Não! – Ângela exclama, feliz. – Eu não gosto mais de Bernardo, eu gosto de Patrick!

— Então... – Começo a tossir e ela me dá um tapão nas costas. – Você deveria ir falar com Patrick.

— E você?

— Estou morrendo de sono.

— Tudo bem. Vou lá falar com meu gato loiro. Depois te conto.

Sorrio e me enfio embaixo das cobertas. Pelo menos uma de nós teria de se dar bem no amor. E, eu realmente não via mal algum em eles ficarem juntos.

33- Visita surpresa

Minha mãe me proibiu de ir trabalhar e minha avó, ficou encarregada de me vigiar. Portanto, ainda estou de cama e mal consigo falar, de tão rouca. A chuva realmente piorou meu estado, nem conseguir ir para sala para ver desenhos consegui. Na verdade, não consigo fazer nada, a não ser ficar deitada e pensar naquele idiota com a ruiva.

Logo depois do almoço, eu me levantei e fui para sala, só que minha querida avó, me obrigou a voltar para a cama. Não adiantou de nada eu ficar protestando que não gostava de ficar deitada e queria ver *Os Padrinhos Mágicos*.

Fecho os olhos, tentando dormir, mas em vez disso, fico agitada. Lembro-me de Pedro, com a ruiva em seu colo. Levanto da cama, irritada. Calço minha pantufa de tigre e vou em direção à porta. Quero ver desenhos animados e ficar enrolada em um cobertor, infeliz, no sofá da sala.

Chego ao corredor e começo a tremer de frio, mas ignoro e desço as escadas. Pego a manta, dobrada, e me enrolo. O aquecedor está ligado.

— Karolayne Lancaster! – Grita vó Hortência, da cozinha. – Já para cama!

— Aqui tá bom – choramingo. – Estou com uma manta e tudo.

— Karly – minha avó aparece e senta ao meu lado –, você não vai sair de dentro de casa, entendeu? Só vai ficar aqui um pouquinho e depois vai voltar para a cama.

— Tudo bem. Vou ficar bem quieta.

Ela concorda e volta para a cozinha. *Os Padrinhos Mágicos* começa e eu, feliz que nem uma criança, esqueço-me de tudo e adormeço sem perceber.

— Karly! – Vovó me sacode. – Vá para cama.

— Tô indo.

— Não vai mais sair da cama hoje, Mocinha! – ela me repreende.

— Sim, senhora.

A campainha toca e eu nem presto atenção. Subo as escadas e vou para meu quarto. Subo em cima da escrivaninha e pego um gibi, sempre adorei ler histórias em quadrinhos.

Pulo da escrivaninha e vou para a cama, depois ajeito as cobertas e pego a caixa que Pedro me mandou, coloco-a em cima da escrivaninha, ao lado de meu notebook. Vejo o crachá da semana acadêmica e o pego. Desço as escadas correndo e chego à sala, toda esbaforida.

— Karolayne! – Minha avó grita, e eu dou um passo para trás. – Qual a parte de não sair

da cama que você não entendeu?

— Calma, dona Hortência. — Não vejo onde ela está. — Eu só vim lhe comunicar que preciso ir para a faculdade. É semana acadêmica, e tem palestras.

— Você não vai! — Ela grita, e eu a procuro pela sala.

— Sou maior de idade. — A lembro.

— Eu já falei de como minha neta é birrenta, às vezes? — Vovó pergunta para alguém.

— Você não pode falar mal de mim para as visitas, vó. — Minha voz está rouca. — E mesmo assim, eu te amo, e vou para a faculdade. Que horas são?

— Também te amo Karly, e você não vai para a faculdade. E são seis horas.

— Nossa! — Chego perto da janela. — Se correr, dá tempo.

— Vou pedir para seu namorado arrastá-la de volta.

Namorado? O que Henrique está fazendo aqui? Será que ela havia esquecido que a gente tinha terminado?

— Não tenho namorado! — Grito de volta. — E se Henrique estiver aqui quando eu voltar, jogo-o da sacada!

— Deixa de ser viajona, Karly! Sei que terminou com aquele garoto estranho, estou falando de outro namorado, um bem mais bonito.

— Nossa, então não me apresentaram esse. E boa tentativa, mas ainda assim vou sair.

— Ah, não vai não. — Ela aparece na sala, e sua veia da testa está pulsando. — Se não for para a cama, vou chamar sua mãe, e você sabe que ela anda estressada com o assistente.

— Quando ela chegar aqui, eu já vou ter saído — falo a mesma coisa que Pedro me falou.

— Agora ela vai querer pular a janela? — Pedro surge, não sei de onde, atrás de minha avó. Está vestindo calça jeans, camisa branca e jaqueta de couro preta.

— Não! — Me irrita ao vê-lo. O que ele está fazendo aqui? — Mas ainda assim vou sair.

— Não. — Minha avó cruza os braços. — E me entregue já esse crachá!

— Por quê? — Faço minha melhor cara de garota carente. — A senhora não quer que eu seja uma boa jornalista?

— Sua cara de choro não me convence. — Ela estica a mão. — E você vai ser uma boa jornalista, isto é, se ainda estiver viva.

Pedro começa a rir e eu lhe mostro a língua, como uma criança birrenta.

— Por favor... — faço um biquinho e solto os ombros.

— Não. — Vovó pega o crachá de minha mão. — Agora vá para cama, e se não for, eu te

deixo de castigo.

— Sou maior de idade.

— Só de idade, por que de tamanho... – fala Pedro, rindo de mim, como sempre.

— Você não tinha que estar na faculdade? Ou com a ruiva? – pergunto irritada.

— Não tenho aula, e a ruiva saiu – ele responde, ainda rindo.

— Karolayne, trate o moço com educação, ele veio te visitar. – Vovó me repreende e eu, sem poder fazer outra coisa, os deixo ali e vou para meu quarto. Pego meu almanaque no chão e sento em meu pufe rosa.

Volto a tossir. Minha cabeça dói e, a contragosto, percebo que minha avó estava certa, não poderia ir para a faculdade mesmo. E quanto a Pedro? Nem sei o que ele veio fazer aqui.

A porta de meu quarto é aberta, e o Senhor das Ruivas entra, com uma expressão divertida no rosto.

— O que você quer? – pergunto de forma ríspida. Longe dele eu sinto saudade, e perto fico com ódio.

— Fazer uma visita. – Ele senta em meu tapete, rosa felpudo, e cruza as pernas embaixo de si.

— Isso só por que a ruiva não está disponível? – É evidente que estou com ciúmes.

— Qual é seu problema com Bruninha?

— Nenhum. Bruninha, que nome horrível – resmungo, voltando a atenção para a história em quadrinhos.

— Ciumenta. – Ele começa a rir.

— Não sou, e me deixe ler.

— Está de cabeça para baixo. – Pedro tira o almanaque de minhas mãos.

— Tanto faz. Eu estava entendendo.

Ele começa a rir e eu cruzo os braços. Odeio, odeio e odeio esse garoto. Ele me enganou e ainda faz de conta que não, e ainda ficou com aquela ruiva, idiota e perfeita. Sinto algo quente escorrer por meu rosto e, horrorizada, percebo que estou chorando.

34- Amiga?

— Você está chorando? – Ele para de rir e me olha.

— Choro quando fico irritada. – Minha voz sai esganiçada, e minha garganta dói.

— Vá para a cama, Kerolay, está frio – Pedro fala gentilmente.

— Vou só porque quero!

Levanto e vou para cama. Entro embaixo das cobertas e apoio as mãos no cobertor.

— Por que está tão irritada? – Ele senta ao meu lado.

— Por nada – resmungo e sinto mais uma lágrima escorrer por meu rosto. O que eu falaria? Que estava brava por ele ter mentido e estar com a ruiva?

— Ah, Kerolayne, você parece uma criança birrenta. – Ele seca meu rosto com a ponta dos dedos. – Falou de mim, mas fez pior.

— Tô nem aí!

— Não estou com a ruiva – Pedro diz de uma maneira séria. – Então não precisa ficar enciumada, continuo sendo *seu*.

Abro a boca, o encarando, perplexa. Como assim, sendo *meu*? Ele estava se achando a esse ponto?

— Você não é meu. – Franzo os lábios. – E não tenho ciúmes.

— Tudo bem. – Uma ruga surge em sua testa. – Você ainda está apaixonada por aquele garoto?

— Não. – Nego porque sei que tudo não passa de uma brincadeira de mau gosto. Ele só quer saber o que sinto para poder jogar na minha cara depois. – Por que está me perguntando isso?

— Porque talvez seu constante mau humor seja isso, gostar de alguém que não conhece.

— Eu não gosto dele e nem de ninguém. – Se o que ele quer é me humilhar, não vai conseguir. – Não quero ter compromisso com ninguém.

— O que aconteceu com você? – ele pergunta espantado.

— Nada. – Sacudo a cabeça. – Só cansei de decepções, só isso.

— O que está escondendo, Kerolay? – Pedro se aproxima mais de mim e eu noto, maravilhada, como seus cabelos, negros e lisos, caem de forma bagunçada na testa. Parece que ele só levantou da cama e saiu, o que eu acho ser provável.

— Não estou escondendo nada. – Meu nariz está entupido e algumas palavras saem

estranhas.

— Está sim. Pensei que fôssemos amigos.

Amigos? Arregalo os olhos, nós nos odiamos, como podemos ser amigos? Ele já me fez chorar e riu da minha cara, fora o fato de me mandar aquele livro e aquela carta. Será que ele fez isso como um amigo, para me deixar feliz? Será que é esse o grande xis da questão?

— Se você é meu amigo? Faria qualquer coisa para me deixar feliz? – Arrisco.

— Claro. – Ele me olha de um modo estranho. – Não é isso o que os amigos fazem?

— Acho que sim. – Fecho os olhos, cansada. – Quando foi que começou a me considerar sua amiga?

— No dia em que me deu um soco na cara e não falou nada para minha mãe, mesmo que eu tenha sido um idiota.

Então era isso: gratidão por eu não ter falado nada para Marta. Claro, ele fazia a babá feliz e podia dormir com a consciência tranquila, e a ruiva sem sutiã.

— Bem, você foi muito amiga quando cuidou de mim essa semana, mesmo eu tendo me comportado como uma criança birrenta. – Ele sorri. – E você também, o que prova que de certa forma não somos tão diferentes.

— Uhum – concordo abrindo os olhos. – Só que você pega ruivas e, eu não. – Por que eu falei isso? Qual o meu problema?

— Por que insiste nisso? – Ele sacode a cabeça. – Eu já falei que não tenho nada com essa ruiva, por que isso te incomoda?

— Não me incomoda. – Minto descaradamente e fecho os olhos. – Só gosto de te irritar.

— Isso eu sei. – Pedro toca as costas de minha mão com a ponta dos dedos. – Parece ser seu tipo favorito de diversão.

— Verdade. Isso e te obrigar a ver meus filmes favoritos. O que me lembra: você ainda tem de ver *crepúsculo* vinte vezes.

— Fala sério, Kerolayne! – Ele começa a rir. – Você não vai me obrigar a fazer isso, vai?

— Vou sim. – Bocejo, me sentindo cansada. Os remédios para gripe estão fazendo efeito.

— É um filme ruim. – Ele segura a ponta de meus dedos, que mania estranha.

— Crepúsculo é legal.

— As garotas o fizeram ser um sucesso.

— Tem razão. – Sorrio. – Mas é um bom filme.

— Não é. – Pedro discorda. – O cara tem o cabelo bagunçado, e ainda brilha como um

vestido de quinze anos.

— Você também tem o cabelo bagunçado. — Lembro-o. — E ele brilha como milhões de cristais em contato com o sol.

— É muita purpurina isso sim. Ele deveria ser a atração principal do carnaval.

— Isso seria legal. Eu iria ao desfile.

— Claro que iria. — Ele começa a rir. — Você gosta de vampiros bonzinhos, que amam apaixonadamente.

— Damon Salvatore é sanguinário. — Suspiro ao lembrar dos olhos azuis do ator.

— E você o ama?

— Claro. — Confirmo sorrindo.

— Primeiro nasce no século errado e agora, vira a garota que ama vampiros.

— Só os vampiros gatos. — Meus olhos querem fechar contra minha vontade.

— Só os gatos. — Ele suspira. — E aquele negócio de beleza interior?

— Quem gosta de beleza interior é Raio X.

— Que meiga que você é. — Ele começa a rir. — E sincera também.

— Sinceridade é tudo. — O encaro. — É mais valioso uma verdade dolorosa do que uma mentira que te faz feliz.

— Uhum. — Pedro continua segurando a ponta de meus dedos.

Sonolenta demais para continuar falando, fecho os olhos. Pedro acaricia minha bochecha e logo me lembro de Damon, no quarto de Elena, na primeira temporada. Amo aquela cena.

— Karolayne... — ele sussurra meu nome, com aquela mesma promessa escondida, e meu coração bobo e traidor tem vontade de se jogar a seus pés e implorar por amor. — Pronto, falei.

Em seguida, ele beija minha testa e volta a segurar a ponta de meus dedos. Eu poderia ser tola o suficiente para creditar que ele gostava de mim, mas prefiro pensar que é só amizade, porque assim dói menos.

Adormeço segurando a mão de Pedro, e me permito acreditar que aquele garoto de olhos verde—esmeralda e com um sorriso encantador, realmente gosta de mim.

35- Maluquices familiares

Existe algo muito pior do que estar presa em casa, doente: ser cuidada por seus irmãos gêmeos, que só sabem falar besteiras, daí você ri, não consegue respirar e começa a arfar como um urso obeso que correu uma maratona.

— Karly! – Gritou Alan, em certa parte da manhã, quando entrou com uma xícara enorme de café em meu quarto. – Hora de botar a boia pra dentro!

E por aí vai. Ainda teve a parte do almoço, na qual Patrick insistiu para eu ficar falando sobre como Ângela descobriu que gostava dele – agora estão juntos e felizes. Eu não conseguia falar, respirar e comer ao mesmo tempo, mas meu irmão, sempre companheiro, não entendeu isso.

Uma hora, eu fui obrigada a gritar para vó Hortência me salvar deles. Estava demais. Quando não me faziam rir até sufocar, estavam mexendo em minhas coisas. Ela, sempre bondosa, os expulsou, lhes ameaçando com a vassoura, o que foi realmente engraçado.

Agora estou aqui, no silêncio de meu quarto, dizendo a mim mesma que adormecer segurando a mão de Pedro foi um sonho. Um sonho bom, no qual ele beija minha testa e afaga minha mão. Eu não posso deixar minha imaginação devanear, não estou preparada para ter outra decepção. Prefiro fingir que não sei de nada, mas uma hora ele vai ter que confessar, e eu não sei se aguardo, ou corro disso.

Pego o exemplar de um pequeno livro de bolso das *WITCH* – amava ler aquelas histórias, sem nada muito profundo –, e tento me concentrar na leitura.

Ouçõ as vozes de meus irmãos. A porta é aberta com estardalhaço e dois pares de vasos entram e cruzam os braços. Pedro, para minha surpresa, entra logo depois, vestindo calça jeans preta e moletom bege.

— Visita para você – Patrick fala calmamente. Desde que ele e Ângela se acertaram, no dia anterior, o garoto se transformou na calma em pessoa.

— Isso aí, visita. – Alan, ao contrário, está revoltado por não ter sido ele o escolhido, mesmo com o uso contínuo de seu perfume de chifre de veado. – Pelo menos esse não parece uma cereja.

Pedro olha para mim e sorri, e depois encara meu irmão, confuso.

— Cereja? – Ele ergue uma sobrancelha e eu me pergunto se ele veio me falar a verdade, ou é apenas uma vista de amigo.

— É.– Meu irmão se aproxima dele. – O cara veio conhecer a sogra com uma calça

vermelha apertada. Parecia aqueles garotos coloridos. Eu falei para Karolayne que ele era uma bixola, mas ela acreditou em mim? Não, claro que não. Você não usa calça colorida, usa?

— Não. — Pedro nega, rindo.

— Que bom. — Alan olha pra mim. — Aleluia, você arrumou um namorado decente!

— Ele não é meu namorado. — Sinto o rosto arder.

— Não? — Ele faz uma cara de decepção. — Estava até arrumando um apelido pra ele.

— Nem começa — o repreendo.

— Fica sussa, Karly. — Alan passa a mão no moicano. — Desde que eu arrebentei a cara do cerejinha, ando pegando mais leve.

— Você o quê? — Sento, derrubando os livros que estavam em cima da minha cama no chão.

— A gente, eu e o mano A, — Patrick fala, empolgado, tomando o lugar de Alan na narração. — Encontramos o bixola na academia e resolvemos os problemas com ele.

— Vocês bateram nele? — Abro a boca, consternada.

— Aham. — Alan diz, orgulhoso. — Eu até queria prender a cueca dele na cabeça, mas seria muita maldade. Acho que ele teve que andar de óculos escuros por um bom tempo.

— Por que fizeram isso? — Ainda não consigo fechar a boca.

— Ele te magoou — diz Patrick, como se bater no Ex-traidor da irmã fosse a coisa mais comum do mundo. — E ninguém pode fazer você chorar.

— É isso aí! — Meu outro irmão balança a cabeça, em sinal de concordância. — Ele mereceu apanhar e eu até bateria mais, o problema é que ele começou a gritar como uma gazela gay, daí eu ri tanto, que ele se aproveitou disso para fugir, gritando é claro.

— Bem assim. — Patrick confirma e sai do quarto.

— Vocês são malucos. — Afasto a franja do olho.

— Te defendemos. — Alan faz uma careta. — Deveria me agradecer.

— Obrigada — murmuro consternada.

— De nada. — Ele olha para Pedro, que ainda está rindo da história. — Cara, você não imagina a segunda visita dele.

— O que aconteceu? — Pedro senta na minha cama, e sorri de um jeito que faz meu coração parar de bater.

— Cara — Alan senta no tapete. — Acho que ele roubou umas flores no cemitério e trouxe para Karly.

— Não eram do cemitério – falo rindo, pensando na probabilidade daquilo ser verdade.

— Eram sim. Tinha até terra. – Alan começa a rir. – Não sei como você namorou com um cara que fazia chapinha.

— Ele não fazia chapinha. – Não tenho muita certeza.

— Tem razão, era progressiva.

Pedro não consegue parar de rir, e Alan também. Estão se divertindo as minhas custas.

— Você não imagina – ele continua. – O jeito como Henrique esperava a Karolayne. Ele cruzava as pernas de saracura e toda hora olhava o rosto no celular. E aí, quando minha irmã aparecia, ele falava “minha gata” e desconfio que ficava olhando seu próprio reflexo nos olhos dela.

— Não era verdade. – Se bem que ele ficava olhando meus olhos e dizendo como eram lindos. Será que era eu, ou seu cabelo?

— Era sim. Ele ficava todo gay, quando você bagunçava os cabelos dele. Eu vi. Ele falava: “Para gatinha, assim você me deixa deslocado”. Deslocada é a sexualidade dele, aquele bixola, filho de uma capivara manca que foi tirada...

— Chega Alan! – exclamo irritada. Pedro não consegue parar de rir.

— Não se irrite, Karly – Alan ri. – Você não vai conseguir respirar e vai começar a arfar como um urso manco, que perdeu a maratona para a tartaruga cega!

— Você vai ver a tartaruga Cega! – Jogo um livro nele, que o pega.

— Calma. – Alan ergue as mãos. – Só vou falar mais uma coisinha.

— O quê? – Respiro fundo.

— Se você namorar o garotão aqui. – Aponta Pedro. – Eu ficaria feliz, já que ele não parece bixola, e é legal.

— Eu te avisei! – Pulo da cama e ele do chão. – Vou matar você!

— Calma aí. – Ele desvia do travesseiro que arremesso. – Estou apoiando o amor!

— Não existe amor nenhum! – Começo a persegui-lo pelo quarto e jogo minha pantufa em sua cabeça.

— Só estou apoiando seu na...

— Ele não é meu namorado! – Atiro a outra pantufa.

— Tô saindo. – Ele sai correndo e fecha a porta atrás de si.

— Eu ainda vou te pegar. – começo a tossir e, arfando, olho meu reflexo no espelho do guarda-roupa. Meu cabelo está bagunçado, meu rosto está um pouco corado e com olheiras. Estou vestindo meu velho pijama da Bela e a Fera, que é um pouco largo, e calçando meias trocadas, uma

verde e a outra laranja.

Faço uma careta e olho para Pedro, que balança a cabeça rindo.

— Belo pijama.

— Obrigada. — Volto para a cama, tentando voltar a respirar normalmente. Arrumo os livros empilhados ao meu lado, no chão.

— Seu irmão é engraçado. — Ele comenta.

— Ainda pego ele! — Exclamo com raiva.

— Mas Henrique tem um jeitinho de mamãe quero seu salto agulha...

— Não começa, Pedro! — interrompo-o, zangada.

— Ah, qual é? — Ele se aproxima mais de mim. — Como pode namorar com ele?

— Todo mundo erra.

— É verdade — Pedro fala de um jeito engraçado. — Acho que toda garota precisa de um namorado esquisito.

— Por que você é o cara perfeito. — Zombo. — O senhor tira fotos no espelho com calcinha presa entre os dentes para colocar no Facebook.

— Nunca vai esquecer isso?

— Não. Foi engraçado. Você deveria ter tirado uma foto com o sutiã da ruiva na cabeça e colocado a legenda: — Abro aspas com os dedos. — Paraquedas de emergência.

Pedro me olha e começa a rir.

— Você não desiste da ruiva não é?

— Nada a ver — resmungo sem achar graça.

Ele se abaixa e pega um livro na pilha, no chão, *Harry Potter e a câmara secreta*, e começa a ler a contracapa.

— Gosto de Harry Potter. — Ele abre o livro.

— Eu também. — E então ele se deita ao meu lado, dividindo o travesseiro comigo.

Nunca vi Pedro ler. É algo interessante. Ele morde o lábio e de vez em quando sorri.

36 - Tão perto... e tão longe

O livro escorrega entre meus dedos, e eu adormeço. Sonho com vaga—lumes e olhos verdes. Baile de máscaras e beijo na ponta dos dedos.

Acordo me sentindo quente e quando me viro, Pedro reclama:

— Ai! – Ele ainda está lendo meu livro.

Minha cabeça está pousada no peito de Pedro, e meus cabelos estão espalhados por cima dele, além de nossas pernas estarem entrelaçadas, o que é constrangedor.

— Desculpa – murmuro, sem saber se foi por bater nele, ou por estar o usando como travesseiro.

— Tudo bem. – Ele volta sua atenção para o livro, sem se importar com a proximidade.

Suspiro. Quem entende os garotos? Eles te visitam e acabam deitados na sua cama, lendo seu livro, sem se importar de se tornarem seu travesseiro.

Agindo por impulso, toco as costas da mão de Pedro, com a ponta dos dedos. Está quente e ele não se importa, continua concentrado na leitura. Várias perguntas surgem em minha cabeça.

Quando terei coragem de perguntar a verdade? Quando vou ser capaz de enfrentar o que temo, da mesma forma que as mocinhas de meus livros preferidos fazem?

Algo dentro de mim me faz arrancar o livro das mãos de Pedro. Ele me encara, confuso, porém não lhe dou tempo para perguntas.

— No livro que está lendo – começo, falando rápido. – Tem uma frase que diz o seguinte:

“São nossas escolhas, mais do que as nossas capacidades, que mostram quem realmente somos”.

E então, eu me pergunto, que escolha tomou quando dançou comigo naquele baile? E isso mostrou, ou não, quem realmente é?

Ele abre a boca. Obviamente não estava esperando por isso, na realidade, nem eu mesma estava.

— Karolayne. – Ele fala meu nome corretamente, como se tivesse um segredo por trás disso. – Como descobriu?

— Segui as pistas. – Mordo os lábios, nervosa. – Demorou, mas descobri.

— Quando teve certeza? – Ele olha para o teto.

— Terça feira, quando segurou a ponta de meus dedos.

— Como segurar a ponta dos dedos de alguém, pode ser uma pista?

— Só você faz isso – murmuro, sentindo uma coisa estranha dentro do peito.

— Você quer uma explicação. – Pedro levanta e eu sento na cama, abraçando o travesseiro. – Como posso explicar?

— Falando a verdade. – E se tudo for uma brincadeira, vai doer muito?

— Era eu. – Ele começa a andar pelo quarto, nervoso. – O tempo todo. Você estava lá e eu também, dançamos e eu te beijei. Te mandei presentes e agora você descobriu, e eu não sei o que fazer, o que posso fazer? Você me odeia? Eu acho que me odeio por ter feito isso, quer dizer, você é uma menina linda e meiga, e não merece...

— Pedro – interrompo-o e bato no espaço ao meu lado, o chamando. – Me explica com calma, e não te odeio.

— Tá. – Ele senta e olha para os próprios pés. – Era eu. Mauricio me acobertou e inventou uma garota falsa para comprovar isso, sai rápido, e você deve ter me dado alguns minutos de vantagem.

— Por que fez isso? – Que não seja brincadeira, por favor, por favor.

— Porque gosto de você. – Ele me encara, e eu vejo a dor estampada em seu rosto. – E isso dói.

Sorrio. Eu falei a mesma coisa para minha melhor amiga.

— Sei que vai pensar bem feito. – Pedro afasta os cabelos da testa. – Você me avisou que eu me apaixonaria e isso iria me corroer... Só não esperava fosse por você, não é?

Abro a boca para responder, mas ele volta a falar.

— Eu gosto de você e isso dói. – Os olhos dele brilham. – Dói mais que cair de skate, porque quando isso acontece, tem remédio. Mas para gostar de alguém, não. Todos os dias você estava ali, tão perto e ao mesmo tempo longe.

Solto o travesseiro, e o encaro.

— Teve dias... – ele continua, sem jeito. – Em que te via sorrir e segurar o lenço que lhe entreguei, e então uma parte de mim realmente queria se ajoelhar a seus pés e pedir para ser minha garota, porém, a outra tinha medo. Essa parte era a mais forte, porque ela amava ver seus olhos brilharem e se acovardava, porque preferia te ver sorrir a chorar.

Pedro me olha, e sei que estou de boca aberta. Sinto meus olhos arderem e as lágrimas quentes deslizarem por meu rosto. Não são lágrimas de tristeza, mas sim, de alegria. Alegria por ele finalmente falar e ser mil vezes melhor do que eu esperava, por tudo ser real e parecer com coisa de cinema ao mesmo tempo.

Neste momento, sinto que sonhar não foi ruim, que ler livros não foi em vão. De alguma forma, eu sabia que este dia chegaria e que, mesmo às avessas, meu conto de fadas chegaria ao ápice.

— Eu não queria te deixar triste. — Pedro morde os lábios. — Não precisa se preocupar, em não me magoar, sei que me odeia. Eu fiz por merecer.

— Você é um bocó mesmo. — Sou incapaz de conter o sorriso idiota que surge. — A gente não chora só de tristeza, chora também de alegria.

— Então é de alegria? — Ele sorri como um menino travesso.

— É — confirmo e outra lágrima escorre por meu rosto.

Ele beija meu rosto, secando a lágrima com os lábios.

— Eu gosto de você, do tipo muito.

Meu sorriso otário aumentou e eu até responderia com a mesma voz doce, se não estivesse gripada e com o nariz entupido.

— Também gosto de *boce* — tento falar, mas as palavras saem de um jeito estranho.

— Hã? — Pedro começa a rir.

— Sinto a *besba* coisa. — Tento falar de novo, mas isso faz com que ele ria ainda mais.

— Chato! — Essa palavra sai corretamente.

— Isso você consegue falar né? — Pedro beija minha testa.

— Porque é *verbade*. — Sorrio.

— *Verbade*? — Ele está se aproveitando de minha gripe.

— *Xim*. — Minha franja cai em meus olhos.

— *Xim* foi legal. — Ele afasta a franja de meus olhos.

E, então, Pedro se inclina e me beija, concretizando o final feliz de meu conto de fadas às avessas.

Epílogo

— Então vocês estão juntos? – Ângela anda ao meu lado, pelos corredores abarrotados da faculdade.

— É isso aí – respondo feliz. – Ele é fofo.

— Não queria ir para um sanatório semana passada? – Ela zomba de mim sem piedade.

— As coisas mudaram.

— Claro que sim. – Chegamos ao mural de avisos. – Olha seu nome ali!

Quase derrubo meus livros no chão. Olho para o cartaz, no mural de avisos, e noto meu nome escrito em letras garrafais:

Karolayne Lancaster, selecionada para o projeto Jovem Jornalista. Ganhou um estágio na revista Love Story!

Parabéns pelo ótimo texto.

— Você ganhou! – Ângela me abraça. – Você ganhou!

— É, ganhei. – Derrubo meus livros no chão. – Ainda não consigo acreditar.

— Cara – ela me abraça mais uma vez –, eu falei que aquele seu texto sobre sonhos era o máximo. Principalmente a parte de voar sem paraquedas!

— Eu ganhei – repito mais uma vez. – E vou trabalhar em uma revista conceituada, e ganhar bem!

— Isso! – Ela começa a pular. – Você vai ser uma jornalista de verdade!

— De verdade – repito. – Mas e meu emprego de agora?

— Vai ter que abandonar. – Ângela dá de ombros. – Você sabia que era provisório. E esse estágio é a oportunidade da sua vida.

— Claro que é – concordo. – Vó Hortência vai ficar tão feliz, e minha mãe também.

— Eu estou orgulhosa. – Ela aperta minhas bochechas.

Sorrio. As coisas estão perfeitas, e se encaixando como peças de lego.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que entre todos os dons, me presenteou com o que considero mais bonito: O de fazer alguém feliz através das palavras.

Agradeço a minha família, pelo apoio em todos os momentos. Minha mãe, Ivan, Katiusca e Rafael, vocês são muito importantes para mim e essa conquista também é de vocês.

A Eykler, ela foi a primeira a dar uma oportunidade a Karolayne e acreditou nela em todos os momentos. Essa amiga me fez entender que não precisamos estar perto para sermos amigos e que distância é algo insignificante quando estamos dispostos a ir além.

Também não posso me esquecer do pessoal da faculdade e do incentivo. Muito obrigado a minha “turma” por lerem o livro e tentar ignorar meus erros gramaticais.

E Grazi, sei que quando escrevi esse livro ainda não te conhecia, mas muito obrigada por estar sempre ao meu lado, naquela primeira experiência de trabalhar e tentar ser gente grande. Espero que minhas histórias continuem te surpreendendo.